

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF

MATHEUS ODILON DE JESUS

**A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA REDE DE
ENSINO DE FPOLIS**

FLORIANÓPOLIS

2020

MATHEUS ODILON DE JESUS

**A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA REDE DE
ENSINO DE FPOLIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Machado Pinto

FLORIANÓPOLIS
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Jesus, Matheus Odilon de

A ressignificação dos espaços pedagógicos da Educação Física:
uma experiência de estágio curricular supervisionado na rede de
ensino de fpolis

/ Matheus Odilon de Jesus ; orientador, Fábio Machado
Pinto , 2020.

112 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos,
Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Espaço Escolar. 3. Educação Física.
4. Prática Pedagógica. I. , Fábio Machado Pinto. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Educação Física. III. Título.

Matheus Odilon de Jesus

A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física.

Florianópolis, 11 de dezembro de 2020

Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fábio Machado Pinto
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profª. Drª. Mariana Mendonça Lisboa
Titular
Rede Municipal de Ensino de Florianópolis

Prof. Me. André Justino dos Santos Costa
Titular
Diretoria de Educação Fundamental de Florianópolis

Prof.^a Maria Eduarda de Sousa
Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho à minha mãe, minha irmã e ao meu pai, por sempre me apoiarem e serem os meus pilares de sustentação e força.

AGRADECIMENTOS

É difícil pensar em todas as pessoas e situações que me fizeram chegar até aqui. Pois todas aquelas pessoas com quem um dia já me encontrei, influenciaram a minha trajetória de alguma maneira. Por isso eu começo agradecendo a Deus, pois é ele que me permite todos os dias ter encontros e desencontros na vida que me ajudam a crescer como pessoa e profissional. Agradeço a Ele também pela família e amigos incríveis que eu possuo, sem eles eu não sei o que eu seria.

Faço também um agradecimento especial a ela que, com certeza, é a principal razão de eu chegar onde estou hoje, minha mãe Zilda, meu alicerce e porto seguro, minha incentivadora nº 1. Uma mulher incrível, forte, e extremamente apaixonada pela sua família, e é um exemplo de professora dedicada.

Agradeço também ao meu pai Odilon, que como companheiro e amigo, apoiou os meus sonhos, me ensinou e mostrou as dificuldades da vida, e principalmente as maneiras de como superá-las, você é um exemplo de determinação.

É preciso agradecer também a minha irmã Camila, a qual foi premiada com toda a alegria, simpatia e amor que Deus tinha guardado. Você é a luz que ilumina nossos corações, é minha amiga, é meu orgulho e tem toda a minha admiração.

Agradeço ao meu primo Felipe (irmão de coração), por ter sido um exemplo para mim, me fazendo querer seguir este caminho da docência. Eu te admiro muito, e principalmente o grande professor que se tornou e se faz diariamente. Eu fico feliz em poder me tornar seu colega de profissão, é uma imensa honra.

Quero agradecer também a minha namorada Lethicia, outro presente mandado por Ele, fazendo com que eu tivesse mais uma grande mulher na minha vida. Muito obrigado por ser minha companheira, por dividir as angústias e multiplicar as felicidades, você foi muito importante nos momentos em que eu não conseguia dar os próximos passos para a construção deste trabalho, me dando suporte emocional e segurando minha mão para continuar em frente.

Quero agradecer também a minha turma de graduação 16.2, por todos os momentos em aula e fora dela. Vocês sem dúvida foram especiais pra mim, me ensinando muito a cada dia. Uma turma rica em diversidade de pensamentos que enriquecia o ambiente com boas energias e deixava tudo mais leve, vocês são demais!

Entre esses, eu gostaria de fazer um agradecimento especial a três pessoas. Primeiramente à dupla oficial e inseparável de trabalhos em disciplina, Larissa e Leandra, vocês

duas são um baita exemplo de dedicação e empenho, me ajudando em diversos momentos em que eu precisava ser mais organizado com as tarefas, sempre me impulsionando a alcançar o meu melhor. Eu admiro muito a paixão que vocês duas têm pela docência, e tenho certeza que serão professoras incríveis. Muito Obrigado.

E a terceira pessoa, mas não menos importante, se chama Evelyn, minha dupla, muitas vezes de trabalhos na graduação, mas principalmente durante o PIBID, nós entramos juntos em contato com a escola, sempre questionando a relação entre o que estudávamos na graduação e o que vimos no famoso “chão da escola”. Esta experiência se enriqueceu com a sua presença, você me ensinou muito, e me concedeu a honra de ser seu amigo. Muito Obrigado.

E quero agradecer a todos os professores da graduação com os quais tive a oportunidade de aprender, Em especial meu orientador Fábio, o qual esteve presente em grande parte da minha formação dentro e fora das salas de aula, você me mostrou o caminho para tornar um professor questionador e reflexivo em relação a minha própria prática docente.

Termino agradecendo a oportunidade de poder estudar em uma das melhores universidades do país, e ter acesso a um ensino gratuito e de qualidade. Obrigado, Universidade Federal de Santa Catarina, por todas as experiências proporcionadas.

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”

(FREIRE, 1996)

RESUMO

A presente pesquisa, de caráter documental e autoetnográfica, objetiva compreender como as escolhas dos espaços de aula durante uma experiência de estágio curricular supervisionado em Educação Física, em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, impactam no “sucesso/fracasso” das “boas práticas” pedagógicas. Como fonte do estudo serão utilizados a análise de conjuntura e planejamento de ensino do estagiário, os documentos e propostas pedagógicas associados à educação na rede em questão, os registros de observação de aulas de estágio do professor da turma e posteriormente do estagiário, bem como o Trabalho de Conclusão de Estágio (TCE). Para a análise do conteúdo dos documentos foi utilizado o método de análise proposto por André (2013), que consiste uma leitura inicial dos materiais e documentos como os registros de observação de aula procurando, simultaneamente, identificar o que necessita de mais atenção para ser correlacionado ao problema da pesquisa, seguida de uma organização desse material em categorias. E por fim, um diálogo com a literatura existente, recorrendo aos fundamentos teóricos do estudo e às pesquisas correlacionadas, estabelecendo conexões e relações. O presente estudo demonstra que aspectos como: a resignificação dos espaços, buscando não se limitar às características apresentadas pelos mesmos; o exercício de problematização como parte integrante dos processos em aula; a participação dos estudantes na organização dos espaços; e o bom embasamento teórico referente a questão de espaços pedagógicos, foram relevantes para um movimento em direção a uma boa prática pedagógica. Essa pesquisa contribuiu com a produção do conhecimento sobre as reflexões acerca das relações entre a escolha dos espaços de aula e a prática pedagógica na formação inicial de professores de Educação Física.

Palavras chave: Espaço Escolar. Educação Física. Prática Pedagógica.

LISTA DE ABREVIATURAS

- IDEB** - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- PCNs** - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PIBID** - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
- PPP** - Projeto Político Pedagógico
- PCMF** - Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
- RMF** - Rede Municipal de Florianópolis
- SME/PMF** - Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis
- TCE** - Trabalho de Conclusão de Estágio

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 REVISÃO TEÓRICA: A EDUCAÇÃO FÍSICA, OS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS E AS POSSIBILIDADES DE RESSIGNIFICAÇÃO DOS MESMOS. | 16 |
| 2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E LEGISLAÇÃO. | 16 |
| 2.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM DISCUSSÃO. | 19 |
| 2.3 A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: É UMA PREOCUPAÇÃO ATUAL? | 21 |
| 3 METODOLOGIA..... | 23 |
| 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO | 23 |
| 3.2 FONTES DO ESTUDO | 24 |
| 3.3 ANÁLISE DE DADOS | 24 |
| 4 ANÁLISE E COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE ENSINO | 25 |
| 4.1 A ESCOLA..... | 25 |
| 4.2 ESPAÇOS FÍSICOS DA ESCOLA..... | 26 |
| 4.3 A TURMA COM A QUAL OCORREU A EXPERIÊNCIA | 28 |
| 4.4 SÍNTESE DAS AULAS DO PROFESSOR..... | 28 |
| 4.5 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES MINISTRADAS NO ESTÁGIO..... | 31 |
| 5 REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ENSINO E OS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS | 40 |
| 5.1 O ENSINO DOS JOGOS ESPORTIVOS DE INVASÃO | 40 |
| 5.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA: O EXERCÍCIO DE PROBLEMATIZAÇÃO | 43 |
| 5.3 A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA..... | 46 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 52 |
| REFERÊNCIAS | 55 |
| ANEXO A – REGISTROS DE OBSERVAÇÃO DE AULA..... | 58 |
| ANEXO B – PLANOS DE AULAS MINISTRADAS PELO ESTAGIÁRIO..... | 72 |
| ANEXO C – REGISTROS DE AULA..... | 80 |

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.934/96, a Educação Física se tornou componente curricular (BRASIL, 1996). O que significa que passa a ter uma definição de conteúdos, metodologias e avaliações previstas nas propostas de ensino. Esta promulgação também faz com que a mesma deva “ser exercida em toda a escolaridade do ensino fundamental, não somente nos primeiros anos do ciclo, como era anteriormente” (LIMA, 2012, p. 155).

A partir desse período, diversos documentos com o objetivo de sistematizar e organizar os componentes curriculares da educação foram produzidos. Neste texto trago o olhar para estes documentos a partir do contexto em que a pesquisa foi situada, se tratando da escola de Educação Básica Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, que faz parte da Rede Municipal de Ensino da cidade de Florianópolis – SC. E nesta esfera municipal, a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis 2016 (PCMF), apoiada em diversos outros documentos e na literatura especializada, apresenta uma tentativa de organizar estes componentes, trazendo uma perspectiva de ensino que busca “ampliar a compreensão dos/das estudantes acerca da realidade natural e cultural da qual fazem parte” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 25). E quando esta proposta trata do componente curricular Educação Física, faz uma crítica à conhecida organização dos tempos e dos espaços das aulas, que são organizados em três aulas semanais de 45 minutos predominantemente nos espaços de quadras poliesportivas.

A crítica é feita a fim de que a organização deste componente curricular possa expressar as concepções delineadas no documento (FLORIANÓPOLIS, 2016), as quais divergem das concepções esportivistas que legitimaram a organização tradicional da Educação Física. Trazendo o que chama de “ressignificação” do uso dos espaços nos quais tradicionalmente ocorrem as aulas de Educação Física (quadras e ginásios), como também dos demais espaços escolares (salas informatizadas, bibliotecas e salas de aula etc.). Estas concepções delineadas na proposta demonstram necessitar de uma organização mais cuidadosa dos tempos e espaços utilizados pela Educação Física escolar, sugerindo por exemplo: um arranjo temporal de aulas-faixas para que possa haver um desenvolvimento das aulas nesses espaços requeridos.

No entanto, este tipo de reorganização e “ressignificação” é um processo que demanda tempo por parte das instituições escolares, assim como demanda também, uma mobilização dos professores de Educação Física em conjunto com o corpo escolar para que a organização conhecida como tradicional seja modificada. Considerando que o documento construído é

relativamente recente e que traz uma proposta aos profissionais da Educação de “(re)pensarem a organização do processo escolar e do fazer pedagógico” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p.11), o presente trabalho buscará investigar as possibilidades de ressignificação dos espaços de aulas de Educação Física, tomando como foco uma experiência de Estágio Supervisionado, assim como a relação entre o que é expressado na PCMF e estudos sobre o tema. Diante disso, nos perguntamos sobre *quais foram os aspectos mais relevantes na escolha dos espaços de aula de Educação Física durante a experiência de estágio supervisionado que impactaram nas boas práticas pedagógicas?*

Ao tentar responder essa questão buscamos *compreender, através de registros de uma experiência de estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura em Educação Física, a relação entre a escolha dos espaços escolares e a prática pedagógica no âmbito dos anos iniciais do ensino fundamental*. Esse objetivo geral foi desdobrado em três objetivos específicos: *o de revisar a literatura especializada sobre o tema espaços pedagógicos nas aulas de Educação Física escolar; identificar e analisar os documentos produzidos em estágio curricular supervisionado, e como foram organizados os espaços das aulas de Educação Física durante a experiência de ensino; finalmente, de compreender como o estagiário se utilizou dos documentos que regem a prática pedagógica escolar do município de Florianópolis para definir e explorar os espaços nas aulas de EF*.

A importância desse estudo se deu por diversos motivos e destacamos que durante o período de participação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi realizada a leitura do documento “Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis 2016” (PCMF), o qual faz uma crítica a organização tradicional (baseada na esportivização) da Educação Física na escola, a fim de modificá-la. E no mesmo período realizou-se o exercício de análise da conjuntura escolar da instituição em que estava alocado como bolsista do programa, que se localiza no bairro Campeche. Foram realizados acompanhamentos de professores de Educação Física em seu cotidiano escolar. Neste processo identificou-se através de observações e diálogos, divergências em relação às concepções expressadas na PCMF.

Neste exercício foi observado que as aulas de Educação Física eram organizadas dentro desta perspectiva dita tradicional, onde o professor costumava se utilizar das características dos espaços de aula para determinar o conteúdo a ser ministrado. Em um desses casos, as aulas de um professor de uma turma de 5º ano costumavam ocorrer na quadra de futsal externa e no pátio da escola, onde havia uma quadra de basquete 3x3. Nestas aulas o professor distribuiu uma bola de futsal, geralmente para os meninos que se concentravam na quadra, uma

bola de basquete para outro grupo de estudantes, e uma bola de vôlei para as meninas. Estas aulas ocorriam sem intervenções, por parte do professor, direcionadas em relação a algum conteúdo.

Partindo destas experiências, iniciei uma busca por estudos que tratassem do tema de “ressignificação” dos espaços de Educação Física, onde identifiquei uma pesquisa publicada em 2015 relacionada à infraestrutura, para aulas de Educação Física, das escolas da Rede Municipal de Florianópolis (RMF) (COSTA, 2015). A mesma investigou, e categorizou as condições desses espaços nas mais de 30 instituições existentes. Nesta categorização o autor indicou a escola EBM Brigadeiro Eduardo Gomes, como sendo privilegiada, a partir de questões como a disponibilidade de espaços de acordo com a quantidade de estudantes atendidos pela escola, como também a qualidade destes mesmos espaços, considerando desde a existência ou não de ginásio coberto, como também a disponibilidade de espaços como sala informatizada (COSTA, 2015).

Após esta categorização, foram realizadas entrevistas com professores de Educação Física das três escolas consideradas com a estrutura mais adequada para as práticas pedagógicas. E neste processo foi identificado entre outros aspectos, que a hegemonia da cultura esportiva estava fortemente presente entre os professores selecionados para as entrevistas, os quais atuavam com os anos iniciais do Ensino Fundamental (COSTA, 2015).

Esta pesquisa realizada no município em questão se demonstra de grande importância por ser uma das primeiras nesse sentido, ajudando a abrir uma discussão mais aprofundada no âmbito local. Outro fator relevante, é a sua contemporaneidade visto que o documento já citado anteriormente, a PCMF, foi publicado alguns meses após a conclusão desta pesquisa. O que indica que o acompanhamento deste tema se faz necessário para a investigação de uma modificação no uso dos espaços pedagógicos da Educação Física, considerando que a escola pública se encontra diante de novos desafios resultantes de avanços científicos e tecnológicos e das transformações na dinâmica social (FLORIANÓPOLIS, 2016) e precisa suprir certas demandas em relação a estes conhecimentos a fim de permitir que o estudante possa se apropriar do conhecimento de forma integral.

Neste sentido, esta pesquisa se difere do estudo de COSTA (2015), pois procura entender verticalmente como se configura o processo de modificação e “ressignificação” do uso dos espaços de aula de Educação Física. Porém, apoiando-se no mesmo estudo por considerá-lo uma importante base estatística e de análise das condições de trabalho por meio dos espaços destinados às aulas de Educação Física. Construindo assim uma pesquisa que busca refletir sobre as possibilidades de uso desses espaços pelos professores, especialmente na situação de

estagiário que conta com o apoio de diversos agentes envolvidos no processo. Partindo também da recente discussão no âmbito da pesquisa sobre esses aspectos e, da também recente publicação de uma nova proposta curricular no âmbito da educação no município de Florianópolis no ano de 2016.

2 REVISÃO TEÓRICA: A EDUCAÇÃO FÍSICA, OS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS E AS POSSIBILIDADES DE RESSIGNIFICAÇÃO DOS MESMOS.

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E LEGISLAÇÃO.

A Educação Física esteve presente nos mais antigos modelos de escola, porém com estruturas e designações diferentes que podem ser identificadas ao longo da história, sendo possível perceber os seus objetivos e características. Um ponto de destaque é a participação das leis no seu papel dentro das escolas, as quais também foram modificadas com o tempo. Como na metade do segundo Império, mais exatamente na década de 1851, quando “foi feita a reforma Couto Ferraz que tornou obrigatória a Educação Física nas escolas do município da Corte” (LIMA, 2012, p.151). Na época ainda existia uma grande valorização do exercício intelectual, sendo o trabalho físico considerado ocupação dos escravos, como afirma Paiva (2004, p.67) quando retrata o pensamento da época: “os corpos à mostra, de musculatura talhada pelo trabalho que exigia esforço físico, eram ‘coloridos’ e desprovidos de nobreza”, o que gerou certa resistência em relação a essa lei.

Esta Educação Física possuía um objetivo que só passou a ser mais aceito no início do século XX com a sua principal característica de consolidar um tipo de hábito na população visando cidadãos menos suscetíveis a doenças e com físicos mais saudáveis (LIMA, 2012). Essa intenção vinculava a Educação Física fortemente às instituições militares e médicas e neste momento a Educação Física se inseria em uma conjuntura na qual predominava o objetivo da eugenia, tendo como único propósito a educação do corpo limitado a sua dimensão física.

Na primeira metade do século XX, os métodos ginásticos dos mais variados concretizavam as ações em direção a tais objetivos, trazendo influências europeias (método alemão, sueco, francês) que se firmavam em princípios biológicos predominando sobre a prática chamada de Educação Física (LIMA, 2012), sendo ainda nesse momento uma “prática educativa obrigatória” que foi mais fortemente aplicada na Era Vargas, sob a “proposta de criação de um Estado forte” (ALBUQUERQUE, 2009).

Na segunda metade, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1961, a qual determinou que seria “obrigatória a prática da educação física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos” (BRASIL, Art. 22º Lei Nº 4.024/61). Juntamente com o regime militar que se seguiu de 1964 a 1985, o esporte passou a ser o protagonista das aulas, dessa que ainda não era considerada uma disciplina, com o objetivo de reforçar o espírito nacionalista (LIMA, 2012).

E então somente no final do século, em 1996 com a nova LDBEN ocorreram mudanças na legislação, e a Educação Física se consolidou como componente curricular da Educação Básica (BRASIL, Art. 26º § 3º, Lei Nº 9.394/96), tendo organização, conteúdo e metodologias previstas para seu ensino nas escolas, porém recebendo o caráter obrigatório somente cinco anos depois (BRASIL, Art. 1º, Lei Nº 10.328/01).

Um ano após a promulgação da LDBEN de 1996, foram apresentados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que:

Constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional [...]. Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais [...]. Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo [...]. O conjunto das proposições aqui expressas responde à necessidade de referenciais a partir dos quais o sistema educacional do País se organize, a fim de garantir que [...], a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. (BRASIL, 1997, p.13)

Estes parâmetros foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais e políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras (BRASIL, 1997). Com isso, pretendeu-se criar condições, nas escolas, que permitissem aos escolares ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Este documento trouxe proposições de organização da escolaridade com: princípios e fundamentos a serem incorporados no ensino; os objetivos gerais do ensino fundamental; os métodos avaliativos que podem ser utilizados; e orientações didáticas envolvendo autonomia, diversidade, organização do tempo etc.

Os PCNs trazem as proposições organizacionais dos conteúdos da Educação Física escolar, sendo um dos primeiros documentos oficiais, após a LDBEN de 1996, a tratar deste componente curricular. Segundo Darido et al. (2001), este documento traz avanços abordando o conteúdo em três dimensões, as quais foram indicadas como: procedimental; atitudinal e

conceitual. As duas últimas trazendo uma perspectiva de ultrapassar o ensino dos esportes e demais conteúdos para além da sua dimensão técnicas e de fundamentos (procedimental).

Os PCNs, como o próprio nome supõe, serviram de parâmetros para os estados e municípios durante muitos anos. Entretanto, os mesmos se colocaram em movimento de construir suas diretrizes e proposições para a educação. Podemos tomar como exemplo o município de Florianópolis, do estado de Santa Catarina, que veio a publicar um documento denominado de “Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis” (PCMF) em 2008. A apresentação deste documento coloca que a ideia inicial do mesmo era de:

Conclamar todos(as) os(as) educadores(as) para conhecerem mais de perto o processo de ensino e aprendizagem que a Rede Municipal de Educação vem desenvolvendo nos últimos 03 (três) anos bem como uma proposta curricular, em princípio conceitual, visando a um aprimoramento cada vez maior. (FLORIANÓPOLIS, 2008, p.6)

Este mesmo documento recebe uma nova versão oito anos depois, a PCMF de 2016, também fruto desse objetivo de aprimorar uma proposta curricular, onde a Educação Física escolar passa a ser discutida com um olhar mais aprofundado, porém ainda reforçando aquele apresentado pelos PCNs. Ao tratar da Educação Física como componente curricular, a PCMF de 2016 inicia com uma reflexão referente a tradição, advinda antes da LDBEN de 1996, responsável pela sua consolidação no currículo das escolas brasileiras. Apontando que:

Sustentada no conhecimento médico-biológico e orientada pela ideia de que sua função principal era a promoção da saúde. Essa “tradição legitimadora” atribuía à Educação Física a função de promover práticas de exercício física por meio das quais se poderia, entre outras finalidades, constituir o caráter, produzir bons hábitos e aprender a empregar adequadamente o tempo livre, preparar para o trabalho, fortalecer a saúde, ampliar a performance esportiva, recuperar psicofisiologicamente para as atividades escolares supostamente mais importantes, distender as tensões geradas pelas atividades de aprendizagem na sala de aula (recrear), desenvolver habilidades escolares futuras etc. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 129-130)

Estas características identificadas pela Educação Física na segunda metade do século XX, evidenciam uma clara preocupação com a dimensão biológica do estudante. Mas o documento deixa explícito que esta atenção para o exercício físico não é algo ruim e reconhece que esta dimensão é extremamente importante para a formação, mas questiona a sua função nas demais dimensões da vida para as quais a escola se propõe a preparar o sujeito. Com isso, o documento propõe destacar o que seria o objeto de estudo do Componente Curricular considerando a formação integral do sujeito, pressupondo que:

Os corpos em movimento não podem ser compreendidos apenas em sua dimensão motriz ou anátomo-fisiológica, pois expressam sentidos construídos e partilhados socialmente em um dado contexto histórico, o movimento

humano passa a ser entendido como uma forma de expressão cultural. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 130)

Esta forma de expressão cultural é abordada através do objeto de estudo chamado de “cultural corporal de movimento”. Advindo de duas teorias ditas progressistas (pedagogia crítico-superadora e crítico-emancipatória), de acordo com as quais, “os sujeitos poderão agir autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal ou de movimento e também agir de forma transformadora como cidadãos políticos” (BRACHT, 1999, p. 81). O que através da Educação Física ajudaria a abordar as demais dimensões do sujeito que são consideradas pela escola. Todo esse entendimento e concepção em relação à Educação Física, expressa um olhar diferente para os momentos e espaços de aula, assim como para sua organização, e faz necessário discutir sobre a atuação do principal sujeito mediador desses momentos, o professor de Educação Física escolar.

2.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM DISCUSSÃO.

Para esta discussão é preciso considerar que as concepções do professor possuem um papel importante sobre como os espaços de aula são organizados dentro da escola, esta visão geralmente se apoia em alguma abordagem pedagógica. E quando a mesma não está clara para o professor, este acaba seguindo uma concepção que se apresenta no próprio ambiente escolar, se caracterizando pela construção da infraestrutura por parte dos órgãos responsáveis, pois como COSTA (2015) aponta:

o espaço é uma das dimensões mais negligenciadas na maioria das escolas em nosso país, especialmente por parte das secretarias de educação, tendo em vista a quase exclusiva preocupação com o alto custo de construção e manutenção de edificações, geralmente por ignorarem ou minimizarem sua relevância para a prática pedagógica. (p.24)

Considerando que os esportes predominavam e ainda predominam em alguns casos, como conteúdo de mais destaque nas aulas de Educação Física, os espaços escolares principalmente aqueles voltados para este componente curricular, como pátios, quadras e ginásios continuam sendo o foco quando se trata de construção de espaços para aulas de Educação Física. Assim se torna comum que os professores sigam esta demarcação esportiva que “passou a ocupar cada vez mais espaço nas aulas de Educação Física” (LIMA, 2012, p. 152), se privando de uma modificação na maneira de utilizar estes espaços.

Alguns estudos procuraram investigar esses aspectos, relacionando a condição dos espaços físicos com as possibilidades da prática pedagógica dos professores, como exemplo é

apontado aqui um estudo de caso realizado em uma escola estadual da cidade de Itabuna-Bahia (SEVERO; CARVALHO, 2015), o qual buscou investigar como o processo de aulas de Educação Física ocorria nesta escola, considerando que não havia ginásio ou quadras disponíveis para a utilização além de um pátio. Levando a aulas, predominantemente, teóricas em sala de aula.

As autoras indicam que a falta desses espaços estimulou a professora de Educação Física a procurar soluções para as demandas (por aulas práticas) colocadas pelos estudantes, resultando na criação de oficinas práticas para exercitar a reflexão sobre a teoria estudada em sala de aula (SEVERO; CARVALHO, 2015). As autoras ainda enfatizam que “apesar de todo o contexto, essa estratégia não ignora a necessidade de reivindicar, perante as autoridades públicas, providências para o problema” (SEVERO; CARVALHO, 2015, p.6). Este estudo indica que a organização e disponibilidade dos espaços afeta diretamente nas possibilidades pedagógicas do professor de Educação Física, entretanto o mesmo por sua característica pontual, se limita a tratar dos aspectos referentes à existência ou não de espaços para a aprendizagem prática dos conteúdos do componente curricular em questão.

Uma outra pesquisa preocupada com essa discussão, se caracteriza por um estudo qualitativo que teve a intenção de analisar as condições materiais para aulas de Educação Física em dez escolas da cidade de Teresópolis-RJ, este estudo apontou defasagens nos espaços escolares, como: a falta de quadras de esportes; linhas demarcatórias (e quando presentes, limitadas ao futebol); a falta de telas protetoras nas quadras externas; a presença de pisos irregulares; entre outros aspectos físicos (DAMAZIO; SILVA, 2008). Aspectos esses que são suficientes para exercer certo grau de interferência nas aulas ministradas. Os autores também descrevem um descontentamento por parte de estudantes e professores em relação aos dias chuvosos, nos quais é preciso modificar o planejamento e ter as aulas em sala de aula ou algum lugar coberto que não seja um ginásio. Porém, também há uma discussão em relação ao papel do professor e sua posição sobre o processo de ensino:

Dependendo da concepção de ensino e da perspectiva curricular adotadas pelo professor, espaços alternativos e obstáculos podem se transformar em recursos para possibilitar a criatividade, a inovação e a construção de práticas diversificadas. (DAMAZIO; SILVA, 2008, p.194)

Essa pesquisa também, por conta de suas características indicadas no próprio texto, se limitou a apontar questões envolvendo os espaços físicos e instalações escolares como fatores que podem comprometer o trabalho pedagógico dos professores de Educação Física. Isso nos leva a refletir sobre a prática, dita pedagógica, do professor e como suas significações em relação aos espaços escolares influenciam ou não em suas aulas.

Nesse sentido, o estudo realizado no município de Florianópolis indica, como já foi mencionado acima, que existe uma lacuna em relação a este tema: “estudos que analisem os espaços escolares a partir da perspectiva da prática docente, que busquem compreender as maneiras como os professores apropriam-se e subjetivam os espaços da escola” (COSTA, 2015, p.44). Portanto a discussão sobre a organização dos espaços escolares perpassa por diversos fatores, sendo um deles a compreensão que o professor tem sobre o seu espaço de prática docente. Por isso, Costa (2015) coloca que

Analisar a relação de professores com o conteúdo da disciplina, a partir da sua relação com os espaços, pode também contribuir para a compreensão do grau de envolvimento dos docentes com as discussões epistemológicas e curriculares da área. (p.45)

E tratando de discussões curriculares, como já foi mencionado anteriormente, o documento norteador das práticas pedagógicas municipais de Florianópolis, a PCMF, traz uma proposta de modificação do olhar em relação aos espaços escolares, compreendendo essa questão como um desafio para o componente curricular Educação Física, como também para os professores e comunidade escolar. O documento trata da ressignificação dos espaços como quadras e ginásios poliesportivos, historicamente presentes nas escolas e também aponta para a utilização de outros locais que “estão nas imediações das instituições, como salas informatizadas e/ou de vídeo, laboratórios, salas de dança, salas multimeios, bibliotecas e salas de aula etc.” (FLORIANÓPOLIS, 2016).

Procurando assim apontar, que o professor e sua prática não estão limitados à configuração dos espaços e materiais disponíveis para a aula, ou seja, os locais como quadras esportivas e as bolas de futebol (por exemplo) não devem ser utilizados somente para o aprendizado dos esportes. Claro que as demarcações de quadras, por exemplo, são importantes para o ensino do esporte, porém isso não significa que seria um desperdício utilizá-las para além de seus propósitos originais. Isto nos possibilita dialogar, até certo ponto, com as pesquisas citadas acima. E nos leva a pensar se essa reflexão se faz presente entre os profissionais da área, e como esta ressignificação pode modificar o fazer pedagógico.

2.3 A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: É UMA PREOCUPAÇÃO ATUAL?

A Educação Física escolar vem passando por diversas mudanças, desde a metade do século XX, motivadas por questões políticas presentes na sociedade de cada época. Como exemplo disso, é possível identificar em meados da década de 70, uma aproximação desta disciplina com o esporte, este sendo o conteúdo predominante nos espaços de aula. E ainda

antes disso, de acordo com Damázio e Silva (2008), não havia muita definição nos projetos arquitetônicos das escolas em relação aos espaços de aula de Educação Física ou “gymnastica”, como era denominada na época. Este tipo de preocupação, com a sinalização de espaços de aulas de Educação Física, se iniciou com os pátios e quadras externas e se consolidou com a construção de ginásios e quadras poliesportivas cobertas, consideradas como o principal local de legitimação deste componente curricular.

Tudo isso se deu a partir de relações que a sociedade estabeleceu com os seus corpos e os locais que os mesmos deveriam ocupar e ser educados, pois como foi citado anteriormente existem visões de corpos que vão se modificando ao longo da história. E quando tratamos da escola, encontramos a Educação Física que lida diretamente com esses corpos, o que leva a manifestar estes ideais nos espaços escolares. Sendo interessante considerar esses espaços como “uma forma de representação social, ou seja, como organização social que é construída pelos diversos sujeitos sociais através do tempo, portanto, histórica, e, por isso, interligada a produção de cultura, de sujeitos e de sociedade” (OLIVEIRA, 2011, p.1).

E ao considerar estes espaços como uma organização social, é preciso olhar para os desafios de organização de tempo e espaço das aulas, de maneira concreta, pois os mesmos “são dimensões fundamentais que constituem os currículos” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p.137). Currículos estes, que refletem a intencionalidade da comunidade escolar como um todo. Esta menção a desafios tem a sua contemporaneidade, principalmente quando paramos para refletir que esta não era uma preocupação durante os momentos históricos anteriores, em que a Educação Física se consolidava dentro da escola. Com isto, “podemos compreender que uma instituição como a escola, fruto também deste momento histórico, expressa em sua estrutura a racionalidade que deriva desse processo” (COSTA, 2015, p. 55). O que indica, ao mínimo em âmbito municipal, uma certa mudança de racionalidade ao expressar uma preocupação sobre o tema.

Esta mudança necessita também de ações concretas que representem mobilizações dos diversos agentes e sujeitos envolvidos na questão, para que as reflexões se tornem ações, buscando propiciar o contato dos estudantes com as variadas dimensões do conhecimento (DARIDO, 2005). Com isso, o olhar para os espaços utilizados nas aulas de Educação Física precisa ser modificado, pois “outros espaços passam a ser requeridos para as aulas, e não somente aqueles de exercitação corporal (quadras, pistas, pátios, etc.), mas também os que possibilitam a apreensão mimética, sensível e intelectual do conhecimento” (COSTA, 2015, p.67).

Ao considerar estes espaços como parte integrante do planejamento, como propiciadores de um melhor proveito do trato com o conhecimento, e não como limitadores da prática pedagógica, esta mudança de perspectiva deve ser pensada com um entendimento de que o professor de Educação Física não precisa se limitar a associação entre a função de um ambiente e a ação para a qual o mesmo foi originalmente construído (OLIVEIRA, 2011). E aliado a isso, é preciso considerar a participação do estudante, um outro sujeito importante no processo, que também tem uma forte ligação com a escola e seus espaços. O mesmo convive diariamente nos diferentes ambientes e se comporta de diversas formas quando em contato com esses locais. Neste convívio, existe uma ligação que é ressignificada constantemente por esses sujeitos e que traz diversos sentidos para os mesmos (OLIVEIRA, 2011), seja durante as aulas ou nos momentos sem mediação direta de um professor. Compreendendo estes fatores como parte da equação, é possível iniciar um movimento em relação a estas problemáticas.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Esta pesquisa se caracteriza como autoetnográfica, na qual o pesquisador busca estudar a própria experiência cultural e produzir escritas para produzir conhecimento (ROCHA et al, 2018). Por isso procurei refletir sobre minha experiência no contexto de estágio curricular supervisionado, e realizar uma análise crítica e aprofundada deste momento. Refletindo sobre os aspectos que me chamaram atenção sobre a relação dos sujeitos sociais envolvidos e os espaços pedagógicos.

Procurando, para isso, utilizar dos documentos produzidos durante todo o processo destas experiências, para através dos mesmos, identificar e compreender problemáticas da prática pedagógica na formação inicial. Me fundamentando “numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados” (ANDRÉ, 2013, p.97). Partindo também da relação entre o estagiário, a escola e os documentos oficiais relacionados ao ensino no município em que a escola se localiza. Discutindo essa relação por meio dos diversos documentos, os quais de acordo com Sarmiento,

Podem ser textos projectivos da acção - planos de aulas, de actividades, projectos de escola, planificações, regulamentos, etc.; produtos da acção - relatórios, actas, memorandos e outros documentos que são escritos no decurso das actividades e adquirem aí uma forma definitiva; e, documentos performativos, isto é, textos que constituem em si mesmos a acção porque têm o fim em si mesmos - jornais escolares, notícias do jornal de parede, redacções, diários, etc. (SARMENTO, 2011, p.27)

Estes documentos “complementam informações obtidas por outras fontes e fornecem base para triangulação dos dados” (ANDRÉ, 2013, p.100), podendo ser relacionados às informações encontradas nos diversos documentos utilizados como fonte nesta pesquisa.

3.2 FONTES DO ESTUDO

Com isso a principal fonte do estudo se caracteriza por documentos diretamente relacionados a experiência de ensino estudada: planejamentos de aulas; registros de observações das aulas do professor e posteriormente do estagiário; assim como o documento denominado de Trabalho de Conclusão de Estágio (TCE) que contém informações importantes sobre o local em que se deram as experiências. Outro documento que será utilizado como fonte para discussão é a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (PCMF) de 2016, a qual tem concepções e apontamentos de relação direta com o planejamento e proposta de aulas no ensino fundamental básico, levantando problemáticas pontuais que serão analisadas na presente pesquisa. Utilizando-se também de um estudo recente relacionado à infraestrutura de escolas públicas do município em questão (COSTA, 2015).

3.3 ANÁLISE DE DADOS

De acordo com Marli André (2013, p.101): “A análise está presente nas várias fases da pesquisa, tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados”. Com isso foi feita uma leitura dos materiais de registro de observação de aulas procurando, simultaneamente, identificar o que necessitava de mais atenção para ser correlacionado ao problema da pesquisa.

Uma outra etapa, se deu pela categorização do material coletado da análise documental. Como o nome sugere, se tratou de uma organização em categorias, criadas pelo pesquisador para um seguinte processo de leitura desse material iniciando a construção de categorias analíticas (ANDRÉ, 2013). Após esse momento foi feito efetivamente um diálogo com a literatura existente, recorrendo aos fundamentos teóricos do estudo e às pesquisas correlacionadas, estabelecendo conexões e relações (ANDRÉ, 2013), permitindo refletir sobre a problemática da pesquisa em questão.

4 ANÁLISE E COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

4.1 A ESCOLA

A experiência de estágio curricular supervisionado em Educação Física, vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ocorreu em uma escola municipal localizada na região sul da ilha de Santa Catarina, no bairro Campeche, no ano de 2019. A instituição em questão contava na época com 65 profissionais da educação, contando também com 13 funcionários terceirizados em funções envolvendo alimentação e limpeza, e atendia 763 estudantes distribuídos em dois períodos: matutino e vespertino. A escola de Educação Básica Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes (BEG) foi fundada em 28 de julho de 1945 na categoria de Escola Isolada, passando desde então por diversas transformações até que a partir do ano de 1984, com a implantação da 6ª série, passou à categoria de Escola Básica.

A escola possui este nome em homenagem a Eduardo Gomes o qual, além de aviador e militar, era um personagem político importante da década de 1930-1960. Ele foi fundador do Correio Aéreo Nacional, e também se candidatou à presidência da República Federativa do Brasil.

A escola, na época, possuía suas fundamentações pedagógicas apoiadas em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), datado de 2017, que trazia as informações que norteiam o trabalho na escola. O mesmo demonstra uma preocupação em evidenciar a função da Escola Pública em socializar o conhecimento científico e artístico produzido pela humanidade, assim como instrumentalizar os alunos para poderem compreender a estrutura social que está colocada diante deles, a fim de praticar a cidadania.

O documento também se baseia nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1996, tratando do conteúdo escolar nas dimensões: conceitual; atitudinal; e procedimental. Como proposta de avaliação o PPP apresenta uma estrutura em conceitos que vão de “A” a “D”.

Acessando ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), fornecido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) é possível visualizar que no ano de 2019 a escola atingiu um valor de 6,6 sendo apenas 0,2 menor que a sua projeção de 6,8 indicada para os anos iniciais do ensino fundamental. Os índices de uma maneira geral seguem em crescente e acompanham as metas estipuladas em cada ano de avaliação.

Agora tratando-se, especificamente, da Educação Física escolar, o seu corpo docente era composto por cinco professores sendo eles: P1, professor temporário que trabalhava 20 horas semanais no turno matutino e atuava com as turmas do 1º ao 3º ano; P2, efetivo que

trabalhava 20 horas semanais no turno vespertino e atuava com as turmas do 1º ao 3º ano; P3, efetivo na escola que trabalhava 40 horas semanais e atuava com as turmas do 7º ao 9º ano; P4, professor substituto que trabalhava 40 horas semanais na escola e atuava com as turmas do 4º ao 6º ano; P5, efetivo na escola que se encontrava em situação de readaptação e não atuava diretamente com as turmas em aula.

4.2 ESPAÇOS FÍSICOS DA ESCOLA

Em relação aos espaços e materiais disponíveis para a Educação Física, eles são relativamente amplos, porém exigem uma grande organização por parte dos professores de Educação Física e da escola como um todo, pois esses espaços muitas vezes são utilizados por todo o conjunto escolar.

A escola possui um ginásio poliesportivo, onde existem duas metas de futsal e duas cestas de basquete fixas e duas móveis, e conta também com os equipamentos para montar a rede de vôlei. O chão da quadra não apresenta um bom estado de conservação, estando sem tinta em grande parte, e com cimento aparente em muitas partes também.

Ao lado deste ginásio existe um parquinho. Neste espaço existem duas estruturas principais, a primeira está no início do parque sendo mais visível dos demais pontos do pátio, e a segunda está mais ao fundo. Essas estruturas são plataformas elevadas nas quais existem escadas feitas de cordas, e também de madeira, em suas extremidades. Também há nessas plataformas escorregadores. Entre essas duas estruturas existem duas árvores. No espaço entre a parede do ginásio e as duas estruturas juntamente com as árvores, há no chão uma plataforma de cimento com cerca de dois metros de largura e que se alonga com extensão semelhante à parede do ginásio.

Também existe uma quadra externa de futsal que possui duas metas em situação bastante precária com os postes instáveis, ferros soltos na estrutura e redes rasgadas, o chão da quadra está em bom estado e com pintura azul na parte referente a área de futsal com a cor laranja em seu centro e linhas brancas, predominando a cor verde nas partes externas a essas marcações. A quadra é envolta por uma grade de ferro nas laterais e rede na parte de cima. Ao lado da quadra existe um pátio descoberto com uma quadra de Basquete 3x3.

Na parte de trás da escola ao lado do ginásio, há uma quadra de vôlei em boas condições que é envolta com uma grade de ferro em suas laterais e parte de cima. O chão da quadra tem a cor laranja predominante, linhas de marcação na cor branca, com uma rede apoiada em dois postes brancos. Ao lado desta quadra há um espaço amplo com chão de pequenos blocos de cimento que também é utilizado pelos professores.

Também há a sala de dança. O espaço é caracterizado por ter um chão de madeira, um grande espelho na parede logo à esquerda de quem entra na sala. Na parede logo à direita de quem entra, existem dois bancos largos assim como na frente do espelho. E as outras duas paredes possuem janelas que alcançam toda sua extensão. A sala também conta com peças de tatame das cores azul e amarela.

Diretamente ao lado da sala de dança, está a Sala de Educação Física, que tem no seu centro duas mesas de tênis de mesa, sendo que uma delas está em péssimas condições com os pés tortos e prestes a se desmontar, a sala tem um armário na parede a esquerda da entrada que contém alguns materiais, em uma das paredes existem janelas em toda sua extensão, dentro dessa sala ficam alguns materiais como duas mesas, e algumas cadeiras.

Além dos espaços descritos acima, outros espaços estão à disposição das aulas: sala de informática, a biblioteca e a sala de projetos, entre outros que podem ser utilizados pelos professores de Educação Física por meio de uma organização interdisciplinar, pela característica de Salas Ambientais¹ que costumam focar em uma disciplina, assim como a sala de Educação Física.

Quanto à organização dos espaços existia um combinado entre os professores para a utilização do ginásio nos turnos da manhã e tarde, onde no turno da manhã acontecia de maneira que a cada dia da semana um professor utilizaria o ginásio, exceto nas quintas-feiras quando era feito rodízio semanal. Nas sextas-feiras não havia aula de Educação Física. E a partir dessa definição de utilização do ginásio era feita a organização dos espaços externos os quais eram considerados conforme a quantidade ou tamanho dos grupos da cada turma, sendo que as turmas maiores ou com alunos maiores utilizava o espaço da quadra de futsal e proximidades, e as turmas menores ou com alunos menores utilizava a quadra de vôlei e espaços próximos. As turmas de anos iniciais costumavam utilizar os espaços amplos em frente ao ginásio e o parquinho. Nos dias de chuva, as prioridades se tornavam o ginásio, a Sala de Educação Física e a sala de Dança juntamente com o espaço do saguão (em frente a essas duas salas). Porém o relato do professor A é de que havia pouca comunicação entre os professores de Educação Física quanto a troca de espaços e materiais, o que dificultava algumas aulas e seus objetivos.

¹ Especificamente na EBM Brigadeiro Eduardo Gomes, as salas ambientes são caracterizadas como salas que possuem o conteúdo de uma determinada disciplina como tema principal. Elas são utilizadas predominantemente nas aulas dos anos finais onde os mesmos se deslocam entre as salas nas trocas de aula. Algumas dessas salas (sala de Artes e sala de Educação Física) também são utilizadas pelos anos iniciais.

Por conta dessa grande utilização dos espaços, a organização das aulas interferia diretamente em certos pontos da organização escolar. O principal era no horário de intervalo dos estudantes, o qual era separado entre 1º ao 5º ano e 6º ao 9º ano, tendo o primeiro grupo o seu intervalo entre 9:50h e 10:10h, feito com uma pausa do tempo de aula de uma disciplina, a Educação Física por exemplo, restando quinze minutos finais após o intervalo. E o segundo grupo tinha o seu intervalo entre 10:15h e 10:30h. O desafio surgia quando se observava que a aula de Educação Física de pelo menos uma turma estava acontecendo em um espaço externo, o qual os demais estudantes tinham acesso durante este intervalo. Para ter esse controle, o funcionário que monitorava o intervalo utilizava de barreiras simbólicas como fitas, para impedir a passagem de estudantes, principalmente do Fundamental I, para os espaços de aula.

4.3 A TURMA COM A QUAL OCORREU A EXPERIÊNCIA

A turma com a qual ocorreu a experiência de estágio foi uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, do turno matutino, que tinha uma professora pedagoga que ministrava a maioria das aulas da turma. Os horários das aulas de Educação Física ocorriam nas terças-feiras das 10:30h às 12:00h e nas quartas-feiras das 8h às 8:45h. Por conta da organização de espaços já mencionada anteriormente, as aulas observadas na terça-feira aconteciam predominantemente na quadra externa de futsal e no espaço do parquinho. E na quarta-feira ocorriam no ginásio poliesportivo por ser o dia destinado ao uso do professor P1 que ministrava as aulas de Educação Física para esta turma. O grupo tinha um total trinta estudantes entre meninas e meninos, a idade deles era de oito a nove anos e a turma possuía uma pessoa diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

4.4 SÍNTESE DAS AULAS DO PROFESSOR

Fazendo uma análise sintetizada das seis aulas de Educação Física observadas por mim, foi possível identificar certos aspectos em relação aos espaços de aula utilizados durante este período observado, que foram o ginásio; a quadra externa de futsal; a sala de dança; e o espaço do parquinho.

Um primeiro ponto que pôde ser verificado, é que apesar de as aulas terem ocorrido nestes diferentes espaços, existia uma organização metodológica do professor P1 que se fazia presente nas aulas observadas. Esta organização possui um movimento inicial que se destacou nas aulas: a conversa em roda, que se caracterizou por um momento no início da aula em que o professor se reunia com os estudantes para falar sobre a aula anterior e realizar uma explicação

sobre a atividade que seria feita na aula. Este momento esteve presente em diversas aulas, me parecendo já estabelecido na rotina das aulas do professor:

chegando no ginásio pediu para que as crianças se sentassem em círculo no meio da quadra enquanto ele buscava os materiais que seriam utilizados na aula (ANEXO A, p. 52)

enquanto todos deixavam as mochilas no lugar onde o professor havia dito, ele pediu para que fossem se sentando em círculo no centro da quadra. (ANEXO A, p.53)

Assim que chegaram a quadra o professor os reuniu no círculo central e [8:06h] iniciou a explicação sobre a atividade de “nunca três” (ANEXO A, p.55)

As aulas em que a formação de uma roda acontecia com mais facilidade, geralmente eram aquelas ocorridas no ginásio. Muito possivelmente por conta da distribuição do espaço que possui marcações esportivas onde o círculo central é uma forte característica, servindo de referência visual para os estudantes ao ouvirem o pedido do professor. Mas mesmo quando a roda não existia concretamente, o momento continuava ocorrendo, com os estudantes sentados e o professor conduzindo uma conversa inicial.

chegamos na quadra externa onde aconteceria a aula, o professor P1 pediu para que a turma deixasse suas mochilas no canto ao lado da entrada da quadra e sentasse na parte de cimento para que ele pudesse explicar a atividade. (ANEXO A, p.57)

chegando na área do parquinho, o professor pediu para que todos deixassem a mochila no canto da parede do ginásio e pediu para que se sentassem, virados para ele, na área de cimento. E então ele iniciou a explicação da atividade (ANEXO A, p.63)

Um segundo ponto que chamou a atenção foi a diversidade de atividades nas aulas, as quais possuíam, de maneira geral, características e dinâmicas bastante diferentes entre si. Isto não possibilitou, inicialmente, identificar de forma concreta o tema com o qual o professor estava trabalhando neste período, mas a partir de falas indiretas do professor sobre o assunto, tratando as atividades como brincadeiras. Ao longo das aulas essas diferentes brincadeiras foram realizadas de diversas maneiras, porém não foi possível identificar uma sequência didática em relação às mesmas, e a utilização de alguns materiais (coletes, cones e bolas) foi predominante.

A brincadeira consistia em coletar os coletes que estavam no centro da quadra dentro de um bambolê e colocar no bambolê da equipe a qual o estudante faziam parte, porém só podia pegar um colete por vez, respeitando a ordem da fila. O objetivo na brincadeira era coletar o maior número de coletes possível, e cada colete valia um ponto. (ANEXO A, p.52)

duas equipes, uma em cada lado da quadra, que estariam protegendo um cone atrás da equipe. E o objetivo de cada grupo era acertar o cone do adversário. E durante o jogo aqueles fossem atingidos pela bola lançada teriam que sentar no local onde foram pegos, e só poderiam retornar se pegassem uma bola lançada no ar que não tocassem o chão antes de chegar nesta pessoa. E a rodada da brincadeira acabava quando uma equipe somava dois pontos que eram conquistados por acertar o cone adversário duas vezes. O cone de cada equipe ficaria dentro do espaço limitado pela linha branca que marca a área do goleiro no esporte futsal, e os membros da equipe não podiam entrar nesse espaço para chegar perto do cone e protegê-lo. (ANEXO A, p.54)

a brincadeira teria uma pessoa com uma bola na mão, as outras pessoas estariam alinhadas em fila ombro a ombro de frente para a pessoa com a bola, e teria uma segunda pessoa atrás do grande grupo. O aluno com a bola teria que jogar a mesma para o aluno atrás do grande grupo, esse aluno quando recebesse a bola deveria pegar a bola e assim que conseguisse, correr e tentar acertar um dos colegas que estariam fugindo dele. Os demais colegas começariam a correr até o outro lado do espaço assim que a bola fosse lançada para a pessoa atrás deles, e seu objetivo seria chegar ao outro lado sem ser queimado. (ANEXO A, p.57)

Pelo o que eu pude observar a brincadeira de pega-pega ameba se tratava de uma ou duas pessoas pegando, e as outras fugindo, porém havia alguém que usava um colete amarelo e estava agachado, e quando essa pessoa conseguia encostar em alguém, ela trocava de lugar, e a pessoa que foi pega assumia o seu lugar de “ameba”. (ANEXO A, p.58)

um pega-pega que as pessoas estariam sentadas em duplas longes umas das outras e haveriam duas pessoas em pé, o pegador e quem foge, a pessoa que estivesse fugindo precisaria sentar do lado de alguma dupla para se livrar do pegador, nesta dupla aquele que estivesse na ponta quando a pessoa fugindo sentasse, se tornaria o pegador, e aquele que antes pegava passa a fugir. (ANEXO A, p.55)

a brincadeira aconteceria com todos subindo no “castelo” que era representado pela estrutura com três escorregadores, porém uma vez lá em cima, eles não poderiam descer pela escada que estava com as cordas arrebentadas. Objetivo seria descer do castelo e conseguir chegar até um local para se salvar, o qual foi definido pelo professor que mostrou a todos os alunos onde seria: um espaço entre a parede do fundo do parque e uma linha paralela a parede feita no chão. Já o pegador teria como objetivo impedir que todos conseguissem ir de um local para o outro, porém ele não poderia subir no castelo e todos aqueles que fossem pegos deveriam virar pedra e esperar que alguém os salvasse. (ANEXO A, p.64)

A partir do compilado destas brincadeiras foi possível identificar nas brincadeiras as características que se fizeram presentes. As primeiras duas trazem uma característica de disputa entre equipes, seja tendo que coletar objetos ou acertar um alvo, seguidas de uma terceira que

seria uma variação de queimada, porém individualizada. E as outras três brincadeiras se destacam por serem variações do pega-pega tradicional.

Algo que é interessante destacar é que não pareceu existir uma limitação das características das brincadeiras por conta dos espaços utilizados, como o ginásio e quadra de futsal. O que pode ter sido facilitado por conta de o professor estar abordando brincadeiras que não possuem a necessidade de espaços e marcações específicas para ocorrerem. Apesar de as brincadeiras com bola, por exemplo, serem derivadas de um jogo esportivo, a queimada.

Um terceiro ponto a ser demarcado aqui, são alguns momentos finais de aula. Os quais demonstraram características interessantes em relação à maneira como tanto os estudantes, e também o professor, utilizam e dão significado para os espaços. Em aulas pontuais o professor terminou sua atividade principal minutos antes do término cronológico de suas aulas, e dedicou o tempo restante para que os estudantes interagissem livremente.

[8:30h] Neste momento cerca de seis meninos se direcionaram a um dos gols com três bolas, os demais meninos pediram a autorização do professor para pegar mais materiais do armário, cerca de quatro meninas se direcionaram para o espaço da arquibancada e brincaram com uma “amoeba”, outras duas meninas estavam brincando com os bambolês junto mais dois meninos, e mudavam constantemente de prática, o material de “perna de pau” também foi utilizado. (ANEXO A, p.53)

Em momentos como este foi possível presenciar e visualizar como os estudantes interagem sem a intervenção direta do professor. As suas preferências em relação aos colegas que são mais próximos e as atividades com as quais eles efetivamente se envolvem.

4.5 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADE MINISTRADAS NO ESTÁGIO

Durante e após as observações de aula, se deu o processo de planejamento das aulas que seriam ministradas por mim. E a escolha pelo conteúdo de jogos esportivos de invasão, abordado por meio do jogo “pique-bandeira”, se construiu a partir das observações feitas nas aulas ministradas pelo professor de Educação Física, nas quais o mesmo abordou algumas dinâmicas que tinham entre outras características, pegar ou levar um objeto em algum lugar. Juntamente, com a consideração e reflexão sobre uma fala significativa do professor diretamente a mim sobre o tema: “*você quer ver uma brincadeira de invasão ou precisão?*” (ANEXO A, p.63).

Junto a isto, me pareceu uma boa oportunidade de abordar os esportes de uma maneira diferenciada da tradicional, buscando alcançar todos os seus elementos que são importantes para a aprendizagem do sujeito. Com isso, procurei trazer um jogo que fosse familiar para os

estudantes a fim de abordar alguns aspectos e características que o mesmo possui em comum com os esportes de invasão.

E já no **primeiro episódio** de aula, que ocorreu às 8h (08/05/2019), fiz o primeiro movimento para tratar do assunto principal das intervenções, os “jogos de invasão”. Então perguntei o que eles sabiam sobre esse tipo de jogo e procurei saber também quais jogos eles identificavam na mídia, principalmente na tevê e muitos responderam: *“futebol; basquete; futebol americano; handebol; hóquei de gelo”* (ANEXO C, p.75). E durante este primeiro momento, uma estudante citou o jogo que eu havia planejado para a aula: *“eu já brinquei de pique-bandeira, esse também é um jogo de invasão né?!”,* e eu respondi *‘sim! Esse também é um jogo de invasão e é justamente esse jogo que vamos jogar hoje!’* (ANEXO C, p.76)

Esse conhecimento prévio dos estudantes em relação ao jogo do pique-bandeira foi muito importante para o desenrolar das aulas, permitindo que o processo se enriquecesse nas discussões e reflexões sobre o jogo, levando em consideração que é importante reconhecer os conhecimentos dos estudantes, para então ampliá-los (GODOI; BORGES, 2020).

Com isso realizamos a atividade (jogo do pique-bandeira), fazendo pequenas pausas ao longo da atividade para abordar com a turma, problemáticas que muitas vezes os próprios estudantes me traziam, mas também algumas que eu procurava tratar como a questão de trabalho em equipe para alcançar o objetivo do jogo.

O **segundo episódio** de aula, ocorrido entre 10:30 e 12h (14/05/2019). Teve um primeiro momento na sala da turma, onde busquei fazer uma recapitulação da aula anterior, e alguns levantaram a mão para falar sobre o “pique-bandeira”. Então realizamos uma atividade que consistia em desenhar o jogo do pique-bandeira em uma folha branca, buscando assim materializar como os estudantes enxergavam aquele jogo.

Assim que muitos foram terminando os seus desenhos, uma agitação começou a crescer, principalmente por parte daqueles que já haviam terminado a tarefa. Após este exercício, às 10:59h, nos deslocamos até a quadra externa de futsal. Neste momento de aula o tema principal era a adequação do jogo que foi realizado no ginásio para este espaço que era consideravelmente menor. Perguntei ao grupo se seria possível realizar o jogo no local em que estávamos.

eles disseram que – *“não!”*, e eu questionei o porquê, com isso vieram respostas bastante parecidas envolvendo o tamanho das quadras: - *“é que aqui a quadra é menor”, - “a quadra do ginásio é maior”, - “essa quadra é menor e aquela é maior”,[...]* (ANEXO C, p.79)

Na sequência, perguntei se havia alguma opção que fosse possível para que jogássemos o pique-bandeira na quadra de futsal, e o estudante Pêssego respondeu que - “*é só dividir em várias equipes, ai fica mais espaço*”, perguntei se a turma concordava com a sugestão, e disseram que sim” (ANEXO C, p.79). E então realizamos uma organização de três equipes para jogar o pique-bandeira.

Esta organização resultou numa situação em que parte dos estudantes (a terceira equipe) permaneceram sem realizar nenhuma atividade direcionada, ficando sentados na lateral da quadra apenas observando a atividade principal ocorrer. Isto não foi considerado por mim no momento da presente aula. Esta questão pode reforçar ou estimular certas significações construídos pelos estudantes em relação às aulas de Educação Física.

Chegando ao fim da aula, que se deu às 11:43h, reuni os estudantes em roda para termos novamente uma breve discussão sobre o que eles sentiram durante o jogo, e falamos sobre os desenhos produzidos anteriormente, dando a oportunidade para que aqueles que se sentissem a vontade pudessem explicar seus desenhos.

A proposta no **terceiro episódio**, ocorrida entre 8h e 8:45h (15/05/2019), se deu pela tentativa de utilização de certos objetos no jogo em questão. Iniciei com uma conversa sobre a aula anterior, perguntando sobre a atividade do desenho e conversa com os familiares.

Depois dessa conversa inicial, comecei a tratar do assunto da aula do dia: realizar pequenas modificações no jogo do pique-bandeira, utilizando de alguns materiais que eu coloquei no centro da roda (dois bambolês; uma corda; dois bastões; e duas bolas). Fiz questionamentos sobre como poderíamos usar os objetos dentro do jogo, e os estudantes foram falando sobre os objetos, como por exemplo as bolas, “eles decidiram colocá-las como objeto a ser resgatado no campo adversário” (ANEXO C, p.82).

Após a discussão sobre todos os materiais finalizamos esta organização inicial, e eu dei início ao jogo com as colocações dos estudantes. Em certo ponto mais ao fim da aula, sugeri que modificássemos um pouco o jogo, dizendo que poderíamos colocar um membro de cada equipe para ser salvo ao invés da bola, os estudantes concordaram com a sugestão e então realizamos a mudança. Ao final da aula, reuni a turma em roda e perguntei a opinião deles sobre as modificações feitas no jogo e “as respostas foram das mais diversas, haviam aqueles que gostaram das modificações, aqueles que queriam ter assumido funções diferentes durante o jogo, e aqueles que sugeriram que as atividades durassem mais tempo” (ANEXO C, p.83).

No **quarto episódio**, ocorrido entre 10:30h e 12h (21/05/2019), a proposta era procurar organizar o jogo do pique-bandeira em um local diferente dos que já haviam sido utilizados, dando foco para esse exercício por parte dos estudantes. No início da aula, procurei deixar que

alguns estudantes falassem: “o E comentou sobre o pique-bandeira e os jogos de invasão. O aluno Melão disse – *‘o jogo de invasão é tipo como se fosse futebol’*” (ANEXO A, p.84). Com isso continuei perguntando se teria a possibilidade de organizarmos o jogo do pique-bandeira em outros espaços, iniciando o exercício de pensar sobre as possibilidades

citando o pátio ao lado da quadra externa de futsal, o espaço ao lado da quadra externa de vôlei, e o aluno Cacau comentou – *“tão pintando as quadras, dá pra fazer no parquinho”*, e aluna Moranga complementou – *“No castelo, pode ter a bandeira”*, se referindo ao brinquedo com escorregador que existe no parquinho. (ANEXO C, p.85)

Às 10:43h eu falei que no momento iríamos fazer o exercício de pensar em locais fora da escola onde pudéssemos realizar o pique-bandeira, e distribui pedaços de folha branca para os estudantes. Procurei incentivar que pensassem em espaços perto de casa, em volta da escola. Alguns estudantes não aparentavam estar muito contentes com a atividade de ficar na sala e desenhar.

No momento em que a maioria já havia terminado o desenho, pedi para alguns que explicassem o local que tinham desenhado, e um deles (estudante Moranga) explicou seu desenho dizendo – *“a gente pode brincar de pique-bandeira na praia e no campo de aviação”* (ANEXO C, p.85). Às 11:04h eu direcionei o foco para o segundo momento da aula continuando este exercício de pensar sobre os possíveis locais, dizendo que precisávamos decidir onde ocorreria a aula.

Com a decisão dos estudantes de realizar o jogo no parquinho, fiz diversos questionamentos aos estudantes em relação à organização do jogo neste local, ouvindo algumas sugestões que foram avaliadas e decididas pela turma, em seguida nos deslocamos para o parquinho. No local perguntei se alguém da turma gostaria de explicar e mostrar como aconteceria o jogo naquele espaço, e fui auxiliando e fazendo perguntas para os dois estudantes (Pêssego e Cacau) que se voluntariaram para falar.

Com as explicações realizadas, o jogo se iniciou às 11:30h de forma bastante dinâmica com os estudantes correndo e se deslocamento pelo parquinho, demonstrando bastante facilidade para chegar até os alvos que eram as bolas nos “castelos”, porém tinham dificuldade de retornar em posse das mesmas. Após cada ponto conquistado por uma equipe, eu realizava uma breve pausa e fazia alguns apontamentos que às vezes eram observados por mim e pelo professor P1. Então às 11:49h finalizei o jogo e pedi para que todos se sentassem para realizar o momento final da aula, questionei os estudantes sobre o que foi preciso alterar no jogo para que pudéssemos jogar no parquinho.

Este episódio demonstra o forte interesse que existe pelo parquinho, por parte dos estudantes que o veem como lugar propício para brincar. E também permite perceber a relação que os mesmos constroem com este espaço, ali “as crianças procuram a liberdade de agir com autonomia, obtendo experiências e vivências que tornam o parquinho um espaço educativo” (SOARES, 2012, p.4). Um exemplo disso é a estrutura de escorregador, que é visto como um castelo, e ao serem questionados sobre este local, eles já sabiam como utilizá-lo no jogo.

Continuando o exercício de procurar modificar o jogo, para que pudéssemos compreender as características dos jogos de invasão, no **quinto episódio**, ocorrido às 8h (22/05/2019), distribuí imagens representativas de alguns jogos de invasão perguntando se eles sabiam quais as características desses esportes representados na imagem e sua diferença em relação ao pique-bandeira: - “*são jogos de invasão*”; - “*têm dois times*”; - “*quase todos eles têm bola, só um que não tem*”[...] – “*o pique-bandeira tem que buscar e esses têm que levar uma coisa*”[...]. (ANEXO C, p.88). Em seguida expliquei como ocorreria o jogo na presente aula:

teriam duas equipes, usaríamos as bolas e para fazer o ponto (demonstrei com o professor P1) deveríamos correr e antes de ser pego passar a bola para alguém da nossa equipe que estivesse atrás. [...] e com eles em pé eu expliquei que ao ser pego a pessoa fica congelada e se estiver com a bola na mão, deveria devolver a bola para o lado de sua equipe. (ANEXO C, p.89).

O jogo se iniciou às 8:20h com certa turbulência, tendo alguns estudantes correndo para o lado adversário sem a bola, e alguns meninos que se demonstravam mais ágeis, se apropriando da função de levar a bola para marcar o ponto. Ao longo da atividade sanei algumas dúvidas que foram surgindo. O jogo durou cerca de vinte minutos, contando com as pequenas pausas que ocorreram durante. E encerrei a aula com uma roda, perguntando quais foram as dificuldades encontradas por eles durante o jogo.

O **sexto episódio**, ocorrido às 10:30h (28/05/2019), se caracterizou por dois momentos, um primeiro ocorrido na sala de dança, e um segundo que se deu no auditório. No primeiro momento a atividade consistia em utilizar as mesmas imagens visualizadas no início de uma aula anterior pra realizar um jogo de encenação, chamado de “imagem e ação”.

Porém antes de iniciar, os estudantes estavam agitados e interagindo de diversas formas com o ambiente: batendo com a mão no tatame que estava cobrindo o chão de madeira da sala; realizavam pulos e giros. Um comportamento bastante semelhante a quando o professor utilizou este espaço para uma aula. Tentei fazer com que a atenção deles se voltasse para mim, e só consegui quando pedi para nos sentarmos em roda. Neste momento falei sobre as imagens

que havíamos visto na aula anterior e perguntei quais eram os esportes representados nas imagens.

eles responderam: basquete, futsal, frisbee, voleibol, futebol americano. Perguntei sobre o voleibol estar presente nas imagens vistas, o estudante Melão disse que não estava presente, eu perguntei o porquê de não estar presente, e eles responderam – “*porque não é jogo de invasão!*” (ANEXO C, p.91).

Utilizando dessas imagens eu falei sobre um jogo chamado “imagem e ação”, que faríamos na presente aula, e expliquei como organizaríamos: “dividiríamos a turma em 5 grupos onde cada um receberia uma imagem de algum jogo de invasão, e esse grupo teria que encenar uma ação desse jogo para que os outros adivinhassem” (ANEXO C, p.91). Então após dividir os grupos havia uma grande agitação, e eu me posicionei no meio da sala com os grupos nas extremidades. Ao conseguir novamente a atenção deles, eu expliquei a dinâmica: “[...] dizendo que cada equipe iria encenar um jogo de invasão e as outras equipes teriam que adivinhar qual jogo seria, [...]” (ANEXO C, p.91). Nos entre momentos, eu tive bastante dificuldade de dar sequência a atividade, pois a atenção dos estudantes estava dividida e pouco concentrada em mim, estando voltada para outras coisas.

Iniciei a dinâmica mesmo com a certa turbulência, então o grupo 1 preparou e fez a demonstração do esporte representado e sua imagem, “A turma exclamou – *futsal!*” (ANEXO C, p.91). E assim a atividade se seguiu até o último grupo de estudantes realizar sua encenação do esporte, nos momentos entre as encenações eu procurava auxiliar aqueles grupos que encontravam dificuldade sobre como encenar. E precisei pedir diversas vezes para que os demais prestassem atenção nos colegas. Depois que o último grupo realizou a atividade, eu reuni a turma sentados em círculo para conversarmos sobre o que cada equipe encenou e o que os demais escreveram no papel.

Após esse momento, às 11:18h encerrei a atividade e nos deslocamos até o auditório da escola. Já no local, fui contextualizando os vídeos e fazendo apontamentos e perguntas para a turma em relação às características dos jogos de invasão que eles conseguiam perceber através dos vídeos, e ao passar um vídeo de futsal, “expliquei que o vídeo se tratava do jogo da seleção brasileira em um campeonato mundial” (ANEXO C, p.92). E segui mostrando vídeos desses esportes, principalmente em campeonatos. Depois falei sobre a presença desses jogos em filmes, desenhos e jogos eletrônicos, e mostrei alguns vídeos para que os estudantes pudessem visualizar, um vídeo em particular lhes despertou bastante interesse:

um urso chamado Bernard tenta jogar Handebol. A turma se interessou bastante pelo vídeo e pediu para que eu deixasse até o final. Eles deram

bastante risada, e ao final do vídeo perguntei qual jogo ele estava tentando jogar, e muitos responderam – “Handebol!”. (ANEXO C, p.93)

Às 11:57h finalizei a aula, com certa urgência, perguntando onde os jogos de invasão aparecem.

A aula do **sétimo episódio** (8h – 8:45h, 29/05/2019) se iniciou no ginásio poliesportivo, questionando e conversando com a turma sobre as atividades que havíamos feito anteriormente (dinâmica de imagem e ação e visualização de vídeos):

O aluno Pêssego falou – “*vimos os vídeos*”, perguntei do que se tratavam os vídeos, a Moranga respondeu – “*sobre jogos!*”, um outro aluno continuou – “*tinha um de vídeo game*” e o aluno Tomate complementou – “*é, era um jogo de ‘PES’ 2018*”. Uma aluna disse – “*teve desenho de basquete*”. (ANEXO C, p.94)

Com isso procurei fazer a recordação de outra aula na qual havíamos feito um jogo, perguntando de qual jogo se tratava e como acontecia, “a turma respondeu que era para levar até o outro lado, logo então falei que retomariamos esse jogo e tentaríamos pensar em modificações que pudessem ser feitas” (ANEXO C, p.95).

Às 8:18h dei início à atividade, os estudantes tentavam pegar a bola e passar para o outro lado da quadra, alguns corriam para o outro lado sem ter a bola, então minutos depois realizei algumas colocações e após ouvir mais algumas falas, fiz uma sugestão que foi muito bem questionada por um estudante:

a sugestão de que só quem estivesse com a bola na mão pudesse ser congelado, para que os demais ficassem mais livres para conseguir correr e receber a bola, a turma concordou com a ideia. Mas um aluno me questionou – “*mas como as pessoas vão proteger a área laranja se não dá pra congelar?*”, respondi dizendo que colocando o corpo na frente a pessoa não conseguiria passar, demonstrei como eu faria para proteger a área laranja. Perguntei se a turma concordava em tentar essas modificações, e com a resposta positiva, pedi para que se levantassem e assumissem suas posições novamente. (ANEXO C, p.96-97)

Ao reiniciar as atividades nos momentos seguintes, a movimentação dos estudantes aumentou, porém por conta das modificações, o estudante que estava com a bola na mão se tornou um alvo de todos os membros da outra equipe, dificultando o seu deslocamento. Faltando 5 minutos para o término da aula, apitei para finalizar a atividade e reuni a turma em roda,

perguntei se alguém tinha alguma sugestão para a aula. E o aluno Melão quis falar – “*a gente podia jogar outra coisa né, só jogamos pique-bandeira*”, então perguntei quais jogos poderíamos jogar, o aluno Abacate disse – “*vamos jogar futebol!*” e o aluno Melão continuou – “*dá pra jogar handebol com essa bola, ou podemos jogar Frisbee, tem aquele campo ali do lado*”. (ANEXO C, p.97)

Falei para o grupo que a sugestão era muito boa, e “ênfatizei que esse momento de conversa depois da aula era muito importante que eles falassem para contribuir com a melhora das aulas” (ANEXO C, p.97). Com isso finalizei a aula dizendo que as sugestões seriam consideradas para a próxima aula.

O **penúltimo episódio** (10:30h – 12h, 04/06/2019) foi resultado de um conjunto de elementos das aulas anteriores, somados ao planejamento das aulas que inclui novamente o exercício pensar um espaço diferente daquelas já utilizados para realizar a aula. Então nesta aula iniciei uma conversa sobre os jogos de invasão que havíamos visto nas aulas anteriores e perguntei qual eles nunca haviam praticado, “o frisbee predominou nas respostas” (ANEXO C, p.98). Então perguntei sobre os espaços dentro e fora da escola, onde seria possível experimentar este jogo, “e a resposta foi quase unânime dizendo que a melhor opção seria o campo com gramado [...]” (ANEXO C, p.98).

Então em seguida procurei definir com a turma se iríamos ou não para o campo com gramado que se localizava próximo da escola, e com a concordância do grupo, decidimos realizar a aula neste espaço.

Às 10:55h nós chegamos ao local e eu pedi para que a turma se sentasse em círculo no gramado ainda do lado de fora do campo de futebol existente no lugar. Pedi para que alguém que conhecia o Frisbee explicasse para a turma: o aluno Melão falou – “*é que nem futebol americano*”, a aluna Maçã disse – “*tem que pegar o disco assim e jogar assim pro outro*”. (ANEXO C, p.99). Com essas e outras questões colocadas pelos estudantes, eu procurei fazer as diferenciações necessárias entre esses dois esportes.

Nos deslocamos para dentro do campo de futebol e nos concentramos no centro, lá perguntei como faríamos o jogo do frisbee, e o estudante Açaí disse – “*separa dois times e limita a quadra*” (ANEXO C, p.100). Às 11:11h dei início ao jogo com um apito, e durante a atividade medieei momentos de desacordo em relação a quem teria pego o disco primeiro, como também se havia sido ponto da equipe ou não.

Em dado momento, às 11:32h iniciaram-se desistências e alguns estudantes começaram a se retirar do jogo, principalmente aqueles que não estavam tendo muito contato com o disco. Algumas meninas se queixaram por não conseguirem pegar o disco ou receber, pelo fato dos meninos jogarem de forma mais agressiva. Falei que possuía materiais alternativos que poderiam utilizar como discos, e sugeri que elas utilizassem para jogar entre elas.

Alguns minutos depois, percebi que haviam diversos estudantes afastados do grande grupo, apitei e chamei todos para nos reunirmos sentados em roda e realizei o momento final da aula. Questionei a turma sobre sugestões, dúvidas e a opinião deles sobre aula, porém por

conta do horário, não foi possível ouvir muitos estudantes e logo iniciamos o retorno para a escola, chegando na mesma já depois do horário de 12:00h.

O **último episódio** (8h – 8:45h 05/06/2019) do conjunto de momentos, se caracterizou por um momento na sala da turma para relembrar e registrar os conteúdos que estudamos nas últimas aulas. Comecei retomando os desenhos que eles haviam produzido nas primeiras aulas, mostrei alguns e perguntei do que eles se tratavam. Algumas respostas foram: – “*o meu é a quadra que tem perto da minha casa*”; – “*é um lugar fora da escola*”; – “*é, pra jogar o pique-bandeira*”. (ANEXO C, p.103)

Continuamos uma conversa sobre os espaços possíveis de jogar o pique-bandeira, que eles haviam desenhado: “o aluno Cacau levantou seu desenho acima da cabeça e disse – ‘*eu desenhei o campo*’, e continuei questionando a turma – ‘*quem mais desenhou um campo?*’, e alunas como a Ameixa e a Kiwi levantaram a mão” (ANEXO C, p.103).

Em seguida falei que a atividade principal da presente aula seria escrever o que lembrávamos ter estudado sobre os jogos de invasão, distribuí pedaços de papéis em branco para a turma. Falei que iria dizer os temas sobre os quais eles deveriam escrever, começando com os lugares possíveis de se jogar o pique-bandeira. Alguns estudantes não lembravam como se escrevia o local que eles pensaram e me pediram para escrever no quadro: – “*o professor, você pode escrever ‘parquinho’ no quadro?*” (ANEXO C, p.104)

Após o local para jogar o pique-bandeira, pedi para que escrevessem os esportes que estudamos e que são considerados de invasão. Eles novamente me pediram para escrever alguns nomes no quadro. Durante estes momentos alguns estudantes se aproximavam para tirar dúvidas: “a aluna Laranja se levantou e se aproximou de mim dizendo – ‘*o Hóquei também é jogo de invasão, né professor, aquele do gelo*’, eu respondi que também era” (ANEXO C, p.104).

Depois dos esportes, perguntei sobre as modificações do pique-bandeira e os estudantes expressaram seu descontentamento em relação ao jogo:

O aluno Cacau comentou que este estava chato, então perguntei o porquê disso e ele me respondeu – “*é porque a gente só jogava isso, mas quando foi no parquinho, foi legal*”, então questionei o porquê de o mesmo jogo ter sido legal e chato em locais diferentes e o aluno comentou que quando aconteceu no parquinho o jogo tinha “castelos”. O aluno Tomate comentou que no ginásio não dava pra fazer castelos e por isso era um pouco chato. (ANEXO C, p.104)

Procurando provocá-los a pensar nesta questão, pedi para que me dissessem as mudanças que foram feitas no jogo para que fosse possível jogá-lo no parquinho. E por último questionei a turma sobre os lugares e espaços de mídia em que os jogos esportivos de invasão

estão presentes, buscando fazê-los recordar da aula no auditório. Por conta do tempo, tendo já passado dois minutos do horário final da aula, finalizei a aula interrompendo as questões e pedindo para que os estudantes me entregassem as folhas, tanto dos desenhos quanto das escritas.

Este conjunto de episódios demonstra como os espaços escolares presentes no dia-a-dia dos estudantes têm uma participação importante no processo de ensino e aprendizagem. Pois é neles que este processo ocorre, e o mesmo acaba sendo permeado pelas significações que são dadas e construídas pelos sujeitos que os utilizam.

5 REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ENSINO E OS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS

A partir da análise dos documentos que foram produzidos no processo da experiência de estágio, foi possível notar que os sujeitos interagem entre si e com os conhecimentos abordados de maneira diferente de acordo com o ambiente em que estão. Um exemplo disso é o grande envolvimento dos estudantes durante as aulas que ocorreram no parquinho (na aula do professor P1 e também do estagiário). Em contrapartida o ambiente de sala de dança, demonstrou necessitar de uma organização diferenciada, por ser um ambiente menor e com alguns atrativos diferenciados (um chão macio, que possibilita a execução de manobras corporais com menor risco de se machucar; espelhos e etc). Por isso alguns pontos de discussão foram elencados para ajudar a entender como se deu esta experiência e de que forma a escolha dos espaços pedagógicos implicou, ou não, em uma boa prática. Continuando brevemente a análise anterior, pensando como se deu o ensino dos jogos de invasão; em seguida quais as ferramentas utilizadas pelo estagiário pensando no espaço pedagógico em sua prática pedagógica para a abordagem do conteúdo; refletindo também sobre como foram pensados e como efetivamente foram utilizados os espaços de aulas; e por último uma breve compreensão de como o estagiário se utilizou das diretrizes curriculares para embasar o seu trabalho.

5.1 O ENSINO DOS JOGOS ESPORTIVOS DE INVASÃO

Como já foi mencionado anteriormente, a relação do conteúdo de esportes com os espaços escolares, predominou como tema principal das aulas de Educação Física nas décadas de 70/80 (LIMA, 2012), resultando na construção de ginásios e quadras poliesportivas que foram determinadas como espaço de aula de Educação Física. E por conta da característica particular desta disciplina, estes espaços acabam ganhando a marcação de exclusivos para tal, o que por sua vez, causa um entendimento coletivo de que as aulas de Educação Física deveriam

acontecer somente nesses espaços, já que seu foco na época era somente em seus elementos técnico-táticos e na aptidão física. E por isso, visava-se em uma “nova” técnica corporal, o esporte, agregando agora, em virtude das intersecções sociais (principalmente políticas) desse fenômeno, novos sentidos/significados, como, por exemplo, preparar as novas gerações para representar o país no campo esportivo (internacional)” (BRACHT, 1999, p. 75-76). Isto resultou na forte presença que o esporte tem hoje dentro das escolas, possuindo nos espaços de aulas de Educação Física, marcas fixas que remetem aos esportes mais conhecidos.

Com o início de algumas críticas sobre a abordagem do conteúdo da Educação Física Escolar, o movimento renovador da Educação Física trouxe, a partir de diferentes propostas, elementos para pensarmos as práticas por meio de novas abordagens pedagógicas (BRACHT, 1999). Entre essas propostas surge a abordagem crítico-emancipatória idealizada por Elenor Kunz (1994), a qual procura, tendo o esporte como conteúdo, demonstrar as possibilidades pedagógicas de ensino deste que é hoje, de acordo com a BNCC, uma das unidades temáticas de ensino da Educação Física (BRASIL, 2016).

Indo de encontro com a tentativa de abordar as possibilidades pedagógicas do esporte, Darido (2005) aponta algumas questões com a preocupação em abordar os conteúdos da Educação Física Escolar em suas diferentes dimensões: processual (ou procedimental), atitudinal e conceitual.

Estes elementos também mencionados nos parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1996), já permitem um exercício de pensar o ensino dos esportes para além das “quatro linhas”. A dimensão procedimental, que trata do “vivenciar e adquirir alguns fundamentos básicos dos esportes” (DARIDO, 2005, p. 66) é evidenciada nos trechos que demonstram a vivência do jogo do pique-bandeira por parte dos estudantes:

[...] por muitos já conhecerem o jogo havia muita facilidade em jogá-lo e vi vários momentos em que alguns estavam com dúvidas em relação as regras e seus colegas orientavam e advertiam quando alguém não respeitava a regra. E então a equipe amarela marcou um ponto quando um menino correu até a área laranja pegou a bandeira e voltou em menos de dez segundos, pois a equipe vermelha estava com poucas pessoas em seu campo. (ANEXO C, p.76)

Sem dúvida esta dimensão deve se fazer presente. E é neste e em outros momentos que se pode constatar a vivência dos estudantes, principalmente com o jogo, mas também com certos elementos que fazem parte, neste caso, dos jogos de invasão. Durante as aulas tivemos momentos em que a dimensão dos conhecimentos atitudinais, envolvendo “respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não violência”

(DARIDO, 2005, p.66), teve destaque, pois era preciso intervir e tratar de questões e conflitos interpessoais entre os estudantes:

[11:20h] O jogo começou novamente. Mas foi preciso interromper logo em seu início, pois houve um conflito entre Groselha e Tomate. A aluna Groselha disse que não queria mais participar da atividade e o aluno Tomate saiu irritado se recusando também a voltar para o jogo, então pedi para que todos sentassem em círculo no meio da quadra, e tentei chamar o aluno Tomate para se sentar com o grupo, porém não tive sucesso, então o professor P1 disse que iria conversar com ele. Me direcionei para a aluna Groselha que foi se sentar ao lado da estagiária Lima, falei para ela que precisávamos conversar sobre essa situação para que pudéssemos entender o que havia acontecido, na tentativa de evitar que acontecesse de novo, falei também que era importante que ela se juntasse a roda para que ela explicasse o que houve. (ANEXO C, p.80)

Esses exercícios de procurar resolver os conflitos em conjunto se fez presente em grande parte das aulas, é preciso de um tempo e espaço hábil para que ocorra de maneira qualificada, principalmente pelas atividades possuírem uma dinâmica em grupo que exige a constante troca de relações entre os estudantes. E para que pudéssemos alcançar o entendimento sobre os conhecimentos abordados em aula, as rodas de conversa estavam constantemente presentes, com a intenção de oportunizar a troca de conhecimentos entre os estudantes, como no caso em que conversamos sobre o Futebol Americano:

Perguntei para a turma se todos sabiam como era esse jogo, alguns alunos disseram que não sabiam, então pedi para que a Moranga explicasse para os colegas. Ela começou dizendo que – *“tem duas equipes, com uma bola que não é bem uma bola”*, alguém complementou – *“é uma bola oval, ela não é redonda”*, e ela continuou – *“isso! Ai tem que levar essa bola até o final do campo no outro lado”*. então complementei a fala dizendo – *“e os jogadores levam a bola na mão, vocês conseguiram entender a explicação da colega?”*, eles responderam que sim. (ANEXO C, p.88).

Com isso, conseguimos alcançar a dimensão conceitual dos jogos esportivos de invasão de forma mais evidente e direcionada, permitindo uma reflexão coletiva por parte dos estudantes. Esses elementos permitem que os jogos de invasão não sejam limitados a seus conhecimentos técnicos, sendo necessário pensar nos diferentes tempos e espaços que compõem uma aula. Com isso, procurei também em minhas intervenções abordar os jogos esportivos de invasão, considerando sua presença no cotidiano dos estudantes, através das mídias audiovisuais. Utilizando de vídeos para relembrar a presença dos jogos nos ambientes de entretenimento.

Um dos diversos desafios no trabalho com essa temática, é o de lidar com as expectativas dos estudantes (em sua grande parte os meninos) que anseiam pela prática do futebol durante as aulas de Educação Física. Um esporte que por conta de questões já citadas

neste texto, tem bastante destaque em nossa sociedade atualmente. E como se trata de um esporte de invasão, esteve presente nas discussões durante as aulas, o que instigava a vontade dos estudantes:

[...] o aluno Melão disse – “*o jogo de invasão é tipo como se fosse futebol*”, com essa fala, um aluno me perguntou – “*nós vamos jogar futebol?*” e eu respondi “*talvez em alguma aula mais pra frente*”. (ANEXO C, p.84)

Nesse sentido, foi preciso lidar com essas expectativas que os estudantes possuíam em relação à Educação Física, levando em consideração o espaço que eles provavelmente entendem que a mesma ocupa na escola, muitos se demonstravam insatisfeitos pela não ocorrência da prática do futebol, mas eu buscava explicar a eles que esse não era o tema central das aulas, e sim um dos elementos. Por isso, com o auxílio do professor P1, fiz um esforço em pensar as intervenções utilizando do pique-bandeira para modificar junto com os estudantes os seus elementos de uma maneira em que não focássemos em um só esporte, mas sim nos elementos que unem os diversos esportes em uma mesma categoria: “de invasão”.

5.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA: O EXERCÍCIO DE PROBLEMATIZAÇÃO

No planejamento de ensino proposto para a experiência aqui analisada, procurei construir raciocínios que permitissem visualizar qual caminho seria traçado para pensar nos espaços pedagógicos para as aulas em questão. Um primeiro ponto de destaque, é a busca por questões que compreendessem o espaço de aula como propiciador do pensamento crítico, pois

o trabalho pedagógico deve oportunizar o desenvolvimento da criticidade sobre o que é apresentado ou desenvolvido na escola, de modo a valorizar a reflexão crítica sobre qualquer informação com que o/a estudante venha a se deparar em diferentes espaços socioculturais – com destaque às mídias atuais. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p.26)

Com isso, busquei conhecer mais o contexto escolar, afim de que pudesse compreendê-lo, para a partir daí poder oportunizar o desenvolvimento desta criticidade. Considerando também que o planejamento “são todas as decisões e ações do professor na interação com o contexto da comunidade escolar” (BOSSLE, 2002, p.33). Com isso, eu não poderia tomar certas decisões, principalmente sobre qual conteúdo abordar, sem ter este conhecimento.

Tratando-se desta experiência, neste caso de um estagiário em formação inicial, é preciso considerar alguns aspectos para compreender a minha prática durante as aulas ministradas. Ter como referência uma ideia do que seria uma *boa prática educativa*, para que assim os diferentes pontos de análise possam ser discutidos. E tomarei aqui como base uma reflexão que traz o conceito de *boas práticas educativas* como eixo principal para pensar os diferentes aspectos de uma aula, colocados como “apresentação, historicização,

experimentação, problematização e recriação do acervo de formas de produção e representação do mundo desenvolvidas no decorrer da história” (RICHTER et al, 2011, p.4)

Destes aspectos darei enfoque para a problematização, que se fez um exercício constante de reflexão e atenção para/com os estudantes durante as aulas ministradas. A problematização, apontada por Elenor Kunz em seu livro “Transformação didático-pedagógica do esporte” de 1994, é tratada como um fator importante para a construção da consciência crítica dos estudantes. É preciso dar espaço de fala para os mesmos, a fim de fazer com que eles possam verdadeiramente participar do processo de construção do conhecimento, e também se sentir como tal. Em uma das aulas em que a proposta era realizar modificações no jogo do pique-bandeira, tentei incentivar a participação dos estudantes:

perguntei para a turma sobre o que fazer com os bambolês, o aluno Goiaba disse – *“pode usar que nem a bola pra buscar lá na área”*, o aluno Cacau falou – *“não! A gente pode usar como um lugar onde a gente não pode ser congelado”*, e eu perguntei – *“tipo uma zona segura?”*, e o Cacau respondeu – *“é, tipo isso!”*. Perguntei ao grupo o que eles achavam da ideia, e muitos acharam a ideia interessante e concordaram e usa-la. Falei ao Cacau que a ideia tinha sido muito boa, e ele disse – *“é, eu peguei da brincadeira que a gente fez ali no parquinho”*. E para complementar a utilização do bambolê, eu sugeri que as equipes escolhessem o lugar onde sua zona segura estaria no campo adversário, e que isso faria parte da estratégia do grupo. (ANEXO C, p.83)

Assim procurei desenvolver e propiciar aos mesmos, oportunidades para exercer este papel participativo no processo de ensino aprendizagem. Kunz aponta que:

o aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. (KUNZ, 1994, p.31)

Por isso, este exercício de refletir sobre a estruturação do jogo durante as aulas é importante para que o estudante pratique a reflexão tanto em situação simples até as mais complexas. Com isso, a abordagem dos esportes de invasão a partir do jogo do pique-bandeira, se mostrou potente por permitir discussões sobre os diferentes elementos integrantes deste tipo de esporte, permitindo também a manifestação deste caráter crítico dos estudantes que puderam utilizar de seus conhecimentos prévios para agregar ao jogo.

Mas isso exigiu também um exercício intenso de me colocar na posição de um professor problematizador. E numa tentativa de não cair no equívoco epistemológico de que o professor é um mero “transmissor” do conhecimento, me baseei em Freire (1996), o qual diz que aquele que aprende, ao aprender também ensina. Sendo preciso considerar a participação crítica do estudante na apreensão do conhecimento.

No processo de ensino-aprendizagem é preciso que haja um diálogo entre os envolvidos, e o professor deve estar atento para também aprender com o estudante. Por isso, através de um exercício da curiosidade crítica busca-se o “pensar certo”, o qual implica numa prática docente crítica que envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 1996). Buscando a comunicação entre as partes envolvidas no processo de apreensão do conhecimento, para que se efetive a prática docente. Nestas situações em que tentei incentivar a organização das atividades por parte dos estudantes, foi preciso fazer questionamentos sobre as soluções que eles traziam para que refletissem se seriam adequadas para o grupo:

um aluno falou – *“a é só tirar alguém da equipe deles”*, então perguntei – *“mas isso seria justo, aí a pessoa vai ficar sem jogar?”*. Um aluno da equipe amarela disse – *“ah é só alguém deles passar pra cá e pegar o colete”*, então perguntei para o grupo se concordavam com essa solução, todos disseram que sim e perguntei quem da equipe vermelha poderia passar para a outra equipe, um menino levantou a mão e entreguei o colete a ele. (ANEXO C, p.79)

Essas características de professor e estudante comentadas ao longo do texto demonstram a grande importância da educação escolar no papel de formação de um cidadão com pensamento crítico. Pois esta educação está inserida dentro de um conjunto sociopolítico que incentiva, predominantemente, o desenvolvimento funcionalista da população exigindo somente o acúmulo de conhecimentos e informações sem necessidade de reflexão sobre os mesmos.

Este tipo de lógica, que muitas vezes é cobrada como função da escola supri-la, é demasiadamente perigosa por dispensar a criticidade por parte do sujeito em relação às informações que lhe são apresentadas, exigindo somente que o mesmo se submeta a regras e condições pré-dispostas sem o mínimo questionamento. E mais, por falta de uma análise mais cuidadosa das informações recebidas, o sujeito acaba por fazer escolhas e tomar rumos, os quais ele acredita serem sua própria vontade, quando na verdade são resultado de influências externas que não foram filtradas criticamente.

Nesse sentido, considero importante que na Educação Física sejam trabalhados aspectos que propiciem a autonomia do sujeito, assim como o desenvolvimento da sua criticidade. Tendo assim, a reflexão sobre os jogos de invasão, sua prática e sua presença na escola. Tendo no horizonte, uma pedagogia que pressuponha que a educação é sempre um processo onde se desenvolvem “ações comunicativas” (KUNZ, 1994, p.31).

E para que essas ações fossem evidentes também para os estudantes, este exercício foi constantemente experimentado por mim em diversos momentos das intervenções, muitos

deles os quais predominaram durante as rodas de conversa. Sendo construídos principalmente a partir de reflexões realizadas em momentos pós aulas em que após o registro das mesmas, eu buscava registrar também os pontos que necessitavam de atenção quanto ao meu fazer pedagógico. Um processo importante para a melhoria do ensino e para a construção do saber docente. Sobre isso, Martiny e Gomes-da-silva (2011, p.572) colocam que “esse conhecimento surge a partir da prática educativa, das experiências que os professores adquirem quando exercem a função docente e das inúmeras situações-problemas enfrentadas no dia a dia da escola”. E o estágio curricular supervisionado se faz como o início desta caminhada de constante aprendizado.

5.3 A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Alguns estudos já citados anteriormente chamam atenção para a disponibilidade e condições de espaços físicos adequados como fatores limitadores da prática pedagógica de professores (DAMAZIO; SILVA, 2008; SEVERO; CARVALHO, 2015), principalmente se lhes falta opções ou boas condições. Mas, e quando a escola e seus professores de Educação Física têm a sua disposição os espaços físicos e materiais que consideram necessários para as aulas?

Tratando-se de espaço físico, a EBM Brigadeiro Eduardo Gomes se encontra em uma posição bastante favorável e é, de acordo com Costa (2015, p.125), uma escola “privilegiada” quando se observa os espaços disponíveis em relação com a quantidade de estudantes que a escola atende

Durante as observações de aulas ministradas pelo professor, foi possível notar uma organização, mencionada no capítulo 4.2 do presente texto, feita entre os professores de Educação Física quanto a utilização dos espaços. Dentro desta organização percebe-se que o ginásio é o ponto central, seguido dos espaços externos de quadras e pátios, e depois dos espaços internos como sala da Educação Física e Sala de dança que recebem atenção predominantemente em dias com ocorrência de chuva. Não foi possível verificar se existia uma programação ou um planejamento, por parte dos professores de Educação Física, para a utilização de outros espaços como laboratório de informática, auditório e biblioteca.

Porém, a disponibilidade dos espaços, por si só, não é suficiente para garantir uma boa prática educativa. Partindo do ponto em que “qualquer ação pedagógica possui as marcas de tempos e espaços determinados, e no ambiente escolar essas dimensões se entrecruzam inspirando, produzindo, orientando práticas educativas” (RICHTER et al, 2011, p.6), fica

evidente a forte influência desta organização na prática dos professores. “A escola, portanto, é mais do que uma estrutura física/material, é produção de aprendizagens que envolvem relações sociais de formação de pessoas” (OLIVEIRA et al., 2011, p.4).

Com essas reflexões compreendi que é preciso que os espaços sejam pensados junto ao planejamento das aulas como parte importante do processo para aprendizagem do conteúdo, por isso procurei, junto com o professor, ter uma atenção maior em pensar os espaços durante o planejamento de intervenções. Sobre isso, a diretriz de educação do município de Florianópolis, a PCMF de 2016, aponta esta atenção como importante para o componente curricular Educação Física. Ao ser considerado como tal, requer que as demais dimensões do conhecimento sejam abordadas, principalmente utilizando-se dos diversos espaços da escola, e

é preciso que esses ambientes passem, do mesmo modo, a ser prioritários para a realização das aulas de Educação Física, não se limitando a ser uma opção de segunda ordem para dias chuvosos ou muito quentes ou para momentos em que a quadra é ocupada por outro colega ou não está disponível. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p.137)

E Compreendendo e identificando as diretrizes curriculares que servem de base para o trabalho de um professor, o mesmo se apoia nelas para qualificar ainda mais o seu fazer pedagógico. Estes documentos são importantes, pois neles podemos encontrar orientações em relação aos conteúdos e à atuação profissional. E é com os mesmos que o professor constrói o seu planejamento de ensino, onde organiza as suas intenções de trabalho. Pois o planejamento nada mais é do que “o processo de reflexão, racionalização, organização e coordenação da ação docente, que visa articular a atividade escolar e a problemática do contexto social” (BOSSLE, 2002, p.33).

Com isso, após reconhecer os diversos espaços e contextos da EBM Brigadeiro Eduardo Gomes, planejei utilizar os seguintes ambientes: sala de aula; o ginásio poliesportivo; a sala de dança e auditório da escola; quadra externa de futsal; entre outros ambientes que foram apontados pelos próprios estudantes, como o parquinho e o campo de aviação. Para isso, foi preciso também entrar em contato com a escola através de alguns documentos pelos quais nos situamos do ambiente e da sua organização. Um deles e talvez aquele que mais ajude a compreender a escola, seria o Projeto Político-Pedagógico (PPP), é ele que expressa posicionamentos e intenções da escola em relação à educação de seus estudantes, e o mesmo será norteador da ação docente (BOSSLE, 2002). A partir disso, busca-se compreender como se deu a organização desses espaços nas aulas de forma efetiva.

Dentre os ambientes que fizeram parte do planejamento, nós tivemos cerca de 3 aulas ocorridas no espaço da sala da turma 32: o início da aula 2; o início da aula 4; e a aula 9 que se

caracterizou como uma avaliação síntese. Nas duas primeiras ocasiões se tratava de um exercício de materializar os conhecimentos e ideias que estavam sendo discutidos durante as aulas, utilizando de desenhos:

Entreguei pedaços de folha branca para que a turma desenhasse a atividade da aula anterior. Alguns alunos que não vieram a aula de quarta-feira perguntaram – “*e quem não veio a aula, faz o que professor?*”. Então respondi que desenhassem algo sobre o pique-bandeira, e aqueles que não conhecessem o jogo, eu iria descrever como foi a aula para ajuda-los no desenho (ANEXO C, p.78)

Algo semelhante ocorreu na quarta aula, porém o exercício era de desenhar possíveis espaços de prática do pique-bandeira. O mesmo se deu na nona e última aula que serviu com conclusão da avaliação processual que foi realizada, procurando materializar no papel os diversos aspectos dos jogos de invasão abordados nas aulas. A partir das falas dos estudantes percebe-se que em alguns momentos o fato de a turma ficar em sala nas aulas de Educação Física, provocava uma certa ansiedade para ir para outro espaço, como trecho a seguir:

[10:47h] falei para a turma que eles teriam mais cinco minutos para finalizarem os desenhos. Um aluno perguntou se iríamos descer para quadra e respondi que sim, mas iríamos continuar a aula, outra aluna me perguntou se teríamos aula naquele dia, e respondi que já estávamos tendo aula. (ANEXO C, p.78)

Sobre isso, Alexandre Vaz em uma de suas pesquisas menciona uma hipótese que nos leva a refletir: “de que as crianças e jovens nem sempre esperam desesperadamente as aulas de Educação Física porque necessariamente gostam dela, mas porque querem se livrar das aulas de sala” (VAZ, 2002, p.5). Neste caso a pergunta dos estudantes sobre irmos até as quadras ou não, pode estar baseada em um cansaço que se acumula de, possivelmente, ter permanecido sentado durante as três aulas anteriores daquele mesmo dia. O que acaba dando a Educação Física este peso de atividade compensatória em relação às atividades em sala, para os estudantes de “soltarem” (VAZ, 2002).

Este trecho também aponta o não reconhecimento da sala como um espaço para aulas de Educação Física, porém não se pode dizer que o(a) estudante constrói essa visão sozinho(a), pois o(a) mesmo(a) constitui seus pensamentos a partir de percepções e experiências vividas, dentro das quais não tenham momentos significativos em que ocorre uma aula de Educação Física em sala. Tornando importante, por parte dos próprios professores de Educação Física, o reconhecimento deste espaço como legítimo das aulas deste componente curricular (FLORIANÓPOLIS, 2016).

Tratando agora do local onde predominou o acontecimento das aulas, o ginásio poliesportivo foi utilizado em um total de 4 aulas que foram caracterizadas pela prática do jogo

do pique-bandeira. Em meus planejamentos precisei elaborar as aulas com atenção aos momentos em que eu utilizaria este espaço, pois o mesmo só estaria disponível nas aulas de terça-feira que eram de 45 minutos. Apesar de ser um espaço que seja propício predominantemente para a manifestação da dimensão técnica do conhecimento sobre os jogos esportivos de invasão, eu procurei manter certa semelhança com a dinâmica de aulas já estabelecida entre o professor e a turma, que já tinham combinados para os momentos de aula no ginásio. Visto que, “mais do que disciplinar os alunos, eles são importantes para que exista certa organização nas aulas, a fim de facilitar o aprendizado” (RICHTER *et al.*, 2011, p.10).

Utilizei dos momentos de roda, tanto os iniciais quanto os que aconteciam durante e após as atividades, para discutir com os estudantes aspectos sobre o conteúdo e também permitindo-lhes um momento de fala. Falando particularmente dos momentos de pausa e conversa durante as atividades, era possível perceber o descontentamento dos estudantes a cada vez que esses momentos se repetiam: “perguntei se alguém tinha alguma dúvida ou sugestão sobre o jogo, então um menino disse – *‘eu tenho, vamos começar logo’*” (ANEXO C, p.84). E por conta de uma característica tradicional de Educação Física pautada predominantemente nas vivências práticas, Pinto e Vaz (2009, p.265) apontam que “é comum a resistência dos alunos a qualquer tipo de intervalo para pensar, para ler ou para debater algo[...]”.

Mesmo considerando estes momentos essenciais para o desenrolar da aula, acredito que as rodas de conversa durante a acontecimento do jogo podem ter ocorrido de forma excessiva, principalmente nas aulas ocorridas no ginásio, faltando um equilíbrio para oportunizar também a prática do jogo, onde os estudantes constroem suas experiências. Um exemplo disso é a aula 5 em que houve o registro do horário de início e término da atividade:

[8:20h] então apitei e dei início a atividade. Eles começaram com dificuldade de entender o objetivo do jogo, muitos corriam para o outro lado sem a bola. [...] [8:40h] encerrei a aula com uma roda, perguntando quais as dificuldades encontradas no jogo. (ANEXO, p.89)

Tendo assim, um período de 20 minutos de vivência do jogo em um total de 45 minutos de aula. Este questionamento parte da preocupação em proporcionar condições de experiência com o jogo para os estudantes. O trecho acima também demonstra outro ponto que é passível de reflexão: o uso de apito, o qual foi pensando a partir das observações de aulas do professor que em algumas situações, dentro do ginásio, precisava aumentar o tom de voz para conseguir a atenção dos estudantes. A ferramenta foi utilizada então, para os momentos de iniciar e pausar as atividades.

No momento em que tivemos aula na quadra externa de futsal, ocorreu algo que pode nos remeter a uma metodologia considerada tradicional ou comum no âmbito da Educação

Física, principalmente quando o conteúdo é o esporte. Por conta do espaço reduzi, eu sugeri aos estudantes que procurássemos pensar em uma maneira de organizar o jogo do pique-bandeira neste que é um espaço menor do que o ginásio poliesportivo.

Com isso os estudantes encontraram uma alternativa possível, mas apesar deste movimento importante de incentivar que os estudantes se organizem no espaço. A solução encontrada gerou uma situação de parte dos estudantes ficarem de fora, sentados sem participar diretamente da atividade. O que se afastou de uma ressignificação do espaço, pois reafirmou a característica de jogos esportivos em que nem todos participam do jogo, alguns permanecem sentados no banco de reservas somente olhando.

Porém uma outra aula se caracterizou por um bom aproveitamento do espaço, a mesma foi organizada com a participação ativa dos estudantes. No parquinho a turma pensou e organizou o jogo do pique-bandeira, utilizando dos elementos já existentes por lá. Esta participação ativa trouxe uma ótima contribuição para o aprendizado do jogo, assim o espaço do parquinho junto com seus elementos, é ressignificado pelos estudantes (SOARES, 2012).

Mas mesmo esta aula, me trouxe preocupação por conta de certos elementos presentes no local, principalmente uma plataforma de cimento existente, que poderia trazer riscos aos estudantes, por isso precisei falar sobre essa questão com os estudantes:

questionei a turma sobre um combinado que eles tinham com o professor P1 quando faziam brincadeiras no parquinho, a maioria demonstrou não ter entendido o que eu tentei dizer, mas alguns alunos responderam – “não pode subir no cimento”, e eu continuei – “isso mesmo, vocês podem escorregar e se machucar se correrem aqui em cima. Então quem pisar aqui vai ser congelado e tem que ser salvo para sair”. Enfatizei que essa regra servia para segurança da turma. (ANEXO C, p.86-87).

Este apontamento feito por mim foi necessário, considerando que havia 28 estudantes participando da aula neste dia. Dito isto, “é importante reconhecer que o número elevado de alunos por turma exige o emprego de certas estratégias que previnam aglomerações e, consequentemente, eventuais incidentes no transcorrer das aulas” (Richter et al, 2011, p.7). Permitindo assim, que aula acontecesse com mais segurança neste espaço.

Além dos locais que estão presentes dentro da escola, também tivemos a oportunidade de vivenciar uma aula em um espaço externo à escola, conhecido como campo de aviação. Este local, assim como o parquinho, foi uma opção sugerida e decidida pelos estudantes para a realização da 8ª aula, o que propiciou um maior envolvimento dos estudantes no início. Sobre esta questão, Gadotti (2009) traz a ideia de que a criança tem o direito de reinventar o local onde vive, e deve reconhecê-lo como seu território. Reforçando a importância de

reconhecemos e considerarmos as decisões das crianças em relação aos espaços de aula para que elas possam exercer este direito.

Como se tratava de um local externo à escola, para circular entre esses diversos espaços dentro e fora da escola com o grupo, me apoiei em questões de organização que já se faziam presentes no cotidiano da escola, desde a formação de filas para iniciar deslocamento, até a reunião em roda com os estudantes para iniciar conversas. A primeira “é costumeiramente adotada em diversas escolas, a fim de organizar e controlar os deslocamentos nos momentos de transição de espaços e tempos, como no início das atividades diárias ou ao término do recreio para a volta à sala” (RICHTER et al. 2011), enquanto a segunda era bastante utilizada pelo professor para iniciar e esclarecer os tópicos que seriam abordados na aula. Por isso ao chegar no campo, me sentei com o grupo e lá organizamos como ocorreria o jogo do Ultimate Frisbee (esporte sugerido por mim).

Apesar da proposta interessante, algumas situações que haviam acontecido nas aulas anteriores, se manifestaram com mais intensidade nesta aula: os estudantes tiveram mais momentos de conflito; e alguns estudantes, principalmente as meninas, em certo momento desistiram de participar da dinâmica do jogo. E quando as mesmas se queixam “que os meninos nunca passavam o disco para elas, e sempre disputavam fortemente para pegar o disco, esbarrando forte nas meninas” (ANEXO C, p.100).

Isso nos mostra “uma tradicional questão de gênero em sua relação com o esporte, prática frequentemente sexista, de forma que as meninas não participariam dos jogos de meninos, porque não apresentariam a mesma performance” (PINTO; VAZ; 2009, p.263). A qual não foi discutida e nem, aparentemente, ao menos observada por mim durante esta intervenção, resultando em uma solução pouco reflexiva de separar a prática do jogo entre meninos e meninas, não permitindo o pensamento crítico dos estudantes sobre esta questão.

Tratando agora de uma outra aula em específico que teve sua organização dividida entre dois momentos. O primeiro momento ocorrendo na sala de dança, onde foi realizada a dinâmica de mímica em grupos. Neste momento procurei estimular a criatividade e imaginação dos estudantes em relação às suas representações dos esportes de invasão. Considerando que na posição de professores devemos “reconhecer as crianças como sujeitos histórico, culturais e sociais que possuem as próprias experiências, saberes, imaginações, relações e que se apropriam dos conceitos através de diferentes maneiras” (RASTELLI, 2020, p.35). fazendo assim, necessário que propiciemos diversas formas para que os estudantes possam se expressar e demonstrar os seus conhecimentos.

Mas assim como na aula que observei do professor, existiu uma grande empolgação dos estudantes em estarem nesta sala, o que dificultou conseguir a atenção dos mesmos. Um fator que acredito ter se somado a esta atmosfera, foi a pouca organização do momento de aula, em relação ao uso dos materiais preparados e distribuição dos grupos no espaço. De tal maneira em que provocou a fragmentação da atenção dos estudantes, pois eu iniciava algumas falas e logo em seguida parava para buscar as imagens das quais trataríamos ou até mesmo para que os estudantes buscassem canetas para escreverem nos papéis.

O segundo momento da mesma aula ocorreu no auditório, onde foram utilizados recursos audiovisuais de vídeos relacionados aos esportes que a turma havia representado na sala de dança. Realizamos breves discussões sobre estes esportes e as características que a turma conseguia identificar, os estudantes se demonstraram bastante participativos e entretidos com os vídeos. Procurei organizar a ordem dos vídeos, passando primeiro trechos de campeonatos e depois de filmes e desenhos, para manter o interesse dos estudantes.

Mesmo não sendo um local de frequente utilização nas aulas de Educação Física, o ambiente do auditório se demonstrou bastante proveitoso, pois permitiu a visualização de como aconteciam, concretamente, os diferentes esportes. Se fazendo um local potente para ser utilizado nas aulas de Educação Física, considerando que traz para a sala de aula, assim como a sala de informática, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que estão inegavelmente, presente em nossa sociedade, o que nos exige “reconhecer que a utilização das TICs pode ser vantajosa no processo de ensino-aprendizagem, pois aborda a linguagem virtualizada tão presente na cultura dos alunos, misturando som, imagens e palavras” (BIANCHI; PIRES; VANZIN, 2008, p.65). Mostrando assim, a necessidade de que essas tecnologias façam cada vez mais parte do fazer pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar em quais foram os aspectos das escolhas dos espaços pedagógicos que se mostraram mais relevantes para a prática pedagógica, olhei para a forma como esta prática efetivamente ocorreu, com suas dificuldades e potencialidades. No âmbito das aulas do estagiário foi possível perceber uma grande aproximação do modo de organização de aulas, com as aulas do professor P1, o que pareceu facilitar o andamento da aula, principalmente os momentos de roda de conversa. Porém a escolha da sala de dança, mesmo espaço utilizado pelo professor P1 em uma de suas aulas, não pareceu facilitar a abordagem com a atividade de “imagem e ação”.

Neste processo conhece-se e entende-se a dinâmica particular do ambiente de ensino-aprendizagem, a relação entre sujeitos e espaços escolares, fator importante para que consigamos compreender o contexto. É nestes momentos que podemos coletar os mais diversos elementos que darão sustentação para a nossa prática pedagógica. Com isso, os episódios em que os estudantes participaram ativamente da escolha e organização do espaço, como no caso do parquinho, se mostram propícios e potentes para o acontecimento de uma “boa prática”, permitindo que os estudantes se sentissem efetivamente participando da construção da aula.

A proposta do conteúdo esportes de invasão por meio do jogo pique-bandeira, trouxe diversas oportunidades de permitir aos estudantes realizar reflexões sobre as características do jogo. O mesmo propiciou um certo grau de ressignificação dos espaços de aulas utilizados, pois foi preciso planejar e organizar as aulas em espaços que permitissem um ambiente adequado para o alcance de cada objetivo e para os questionamentos feitos por meio da problematização, numa tentativa de tocar as diferentes dimensões do conhecimento.

Este exercício de problematização tomado como ferramenta para alcançar uma boa prática educativa, demonstrado principalmente nos momentos de roda de conversa, possibilitou espaços de discussão ricos, tendo um movimento inicial em direção ao pensamento crítico de um professor e também dos estudantes. Com um grau satisfatório de participação dos estudantes quanto à reflexão sobre a organização das atividades e dos espaços. Estes momentos compõem a atmosfera de um espaço pedagógico, e também possibilitam perceber as significações dos estudantes em relação aos espaços de aula, algumas delas que provavelmente são (re)produzidas pelos professores que se encontram com os estudantes ao longo dos anos. Isso pôde ser verificado em algumas falas apontadas ao longo do texto, por isso a sua participação na ressignificação se faz um requisito indispensável. É o estudante que ao fim, será contemplado pelas práticas educativas.

Apesar do tema das intervenções terem sido os jogos esportivos de invasão, o mesmo não foi limitado em relação à ideia dos espaços pré-determinados para este tema, tendo um olhar voltado para outros ambientes escolares potentes para a abordagem do conteúdo (como a sala de dança, auditório e até mesmo a sala de aula). Cada um desses ambientes continha uma atmosfera específica, que era preenchida pelos significados dados pelos sujeitos. Este olhar foi outro movimento importante para compreender esses e outros, como espaços legítimos de uma aula de Educação Física.

A presença de elementos teórico-metodológicos que são inerentes ao contexto escolar, como diretrizes e propostas curriculares, no planejamento de ensino, permite um embasamento teórico que pode ser utilizado como norteador da prática pedagógica e da organização desses

espaços pedagógicos, e que possibilita legitimar o uso destes espaços nas aulas de Educação Física, o estagiário demonstrou utilizar desses recursos mais voltados para a sua atuação nos diferentes espaços, a fim de propiciar os espaços pedagógicos possíveis de ensino e aprendizagem, se remetendo ao documento PCMF ao tratar dos demais espaços da escola, dos quais utilizou o auditório para a visualização de vídeos.

Dificuldades enfrentadas pelo professor, caracterizadas por questões que vão além dos conteúdos ministrados, desde a relação interpessoal entre professor-estudante e estudante-estudante, até situações que fazem parte do cotidiano da escola, como a impossibilidade de utilizar um determinado espaço, como foi observado nas aulas do professor P1 e nas aulas do estagiário, são momentos de experiência acadêmico-profissional onde se inicia o exercício de reflexão sobre o que significa ter, ou não, um espaço disponível (uma variável do contexto escolar), e como isso influenciará na qualidade com que o conteúdo será ministrado.

Esses são elementos que, quando pensados e considerados, possibilitam que o estagiário se mantenha próximo do que seria uma boa prática educativa que é construída a partir desses diversos elementos. E ao voltarmos nossos olhares para os espaços físicos compreendendo-os como espaços pedagógicos, podemos assim também visualizar as possibilidades de se construir esta prática educativa, que se mostrou aqui nessa experiência como um movimento inicial e potente.

O presente estudo então buscou com a análise e compreensão desta experiência de ensino contribuir para a discussão e estudos sobre a ressignificação dos espaços de aula de Educação Física como um caminho para se construir uma boa prática educativa. Considerando também o exercício auto etnográfico como um potente movimento para analisarmos nossa prática pedagógica com um olhar crítico buscando identificar aspectos que necessitam de intervenção e também aqueles que devem ser reafirmados em prol da educação.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação?. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ALBUQUERQUE, Luís Rogério. A constituição histórica da educação física no Brasil e os processos da formação profissional. *In: IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE. III Encontro sul brasileiro de psicopedagogia, Anais*. 2009.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BIANCHI, Paula; PIRES, Giovani De Lorenzi; VANZIN, Tarcízio. As Tecnologias de Informação e Comunicação na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: possibilidades para a educação (física). **Revista Linhas**, v. 9, n. 2, 2008.
- BOSSLE, Fabiano. Planejamento de ensino na educação física-uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento**, v. 8, n. 1, p. 31-39, 2002.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedex**, Campinas/SP, v.19, nº 48, p.69-88, ago. 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acessado em: dez de 2018.
- BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1961.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 10.328, de 10 de dezembro de 2001**. Introduce a palavra "obrigatório" após a expressão "curricular", constante do § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2001.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, 1o e 2o ciclos. Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC, 1997. v. 7.
- COSTA, André Justino dos Santos. **O espaço em escolas públicas municipais de Florianópolis e sua implicação nas escolhas curriculares de professores de Educação Física**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- DAMAZIO, Márcia Silva; SILVA, Maria Fátima Paiva, 2008. O ensino da educação física e o espaço físico em questão. **Pensar a prática**, v.11, n.2, p.197-207, maio/ago. 2008.

DARIDO, Suraya Cristina et al. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da Educação Física na escola. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 64-78, 2005.

DARIDO, Suraya Cristina. Diferentes Concepções sobre o Papel da Educação Física na Escola. *In*: Suraya Cristina Darido. (org.). **Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 34-50.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis, 2008, p.217.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis, 2016, p.278.

GADOTTI, Moacir. Educação integral no Brasil: inovações em processo. **Produção de terceiros sobre Paulo Freire**; Série Livros, 2009, p. 43-50.

GODOI, Marcos; BORGES, Cecília. A supervisão das práticas dos estudantes pelos professores de Educação Física. **Motrivivência**, v. 32, n. 62, p. 01-21, 2020.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Índice de desenvolvimento da educação básica 2020**. Link: <http://inep.gov.br/educacao-basica/ideb/resultados>. Acessado em: 29 de out 2020.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ed. Unijuí, 1994.

LIMA, Rubens Rodrigues. Para compreender a história da Educação Física. **Educação e Fronteiras On-line**, Dourados/MS, v.2, n.5, p. 149-159, maio/ago. 2012.

MARTINY, Luis Eugênio; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. O que eu transformaria? Muita coisa!: os saberes e os não saberes docentes presentes no estágio supervisionado em Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 22, n. 4, p. 569-581, 2011.

OLIVEIRA, Camila Fagundes de *et al.* Arquitetura escolar e o ensino de Educação Física: relações (im) possíveis. **Pensar a Prática**, v. 14, n. 2, 2011.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes. Notas para pensar a educação física a partir do conceito de campo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. especial, p. 51-82, jul. /dez. 2004.

PINTO, Fábio Machado; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a relação entre saberes e práticas corporais: notas para a investigação empírica do fracasso em aulas de educação física. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, p. 261-275, 2009.

RASTELLI, Giovana. **Do parquinho para a quadra: um estudo sobre a inserção escolar a partir da educação física**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de

Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

RICHTER, A. C. *et al.* Em busca de boas práticas educativas nas aulas de educação física: é possível pensar a escola como lugar de cultura? *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 4., 2011, Porto Alegre, RS. **Anais [...]**

SARMENTO, Manuel Jacinto. O Estudo de Caso Etnográfico em Educação. *In* Zago, N.; Pinto de Carvalho, M.; Vilela, R. A. T. (Org.). **Itinerários de Pesquisa - Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011, ed.2, p. 137 - 179.

SEVERO, Nayara Alves; CARVALHO, Mayllena Joanne. A carência de espaço físico na escola: implicações na prática pedagógica. *In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, 19., 2015, Vitória, ES. **Anais [...]**.

SOARES, L. C. Brincadeiras no parquinho: o encontro com as crianças por meio da extensão universitária. *In: COPEDI - Congresso Paulista de Educação Infantil*, 5., e Congresso Internacional de Educação Infantil, 2., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2012.

VAZ, Alexandre Fernandez. Aspectos, contradições e mal-entendidos da educação do corpo e a infância. **Motrivivência**, n. 19, 2002.

ANEXO A – REGISTROS DE OBSERVAÇÃO DE AULA

BEG20191T32ROA01

Turma: 32

Professor: P1

Alunos: 24 (11 meninos e 13 meninas)

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 8h-8:45h

Data: 03/04/2019

Clima: O tempo estava agradável com uma leve brisa fria, os estudantes apresentavam um semblante sonolento.

Local: A aula ocorreu no ginásio coberto.

PREPARAÇÃO

Às 8h o professor buscou os alunos na área do refeitório, onde os alunos do ensino fundamental I esperam os professores para irem para a sala, de lá ele os levou para o ginásio. Chegando no ginásio pediu para que as crianças se sentassem em círculo no meio da quadra enquanto ele buscava os materiais que seriam utilizados na aula (cinco bambolês, +/- vinte e cinco coletes e quatro bolas) e junto havia uma monitora que é uma aluna do ensino fundamental II que estuda no contra-turno.[8:05h] A partir de então o professor iniciou a explicação da atividade que, segundo o professor, era uma continuação do que ele já havia trabalhado na aula anterior. Alguns alunos que haviam faltado a aula se manifestaram dizendo que não sabiam qual brincadeira era, e o professor explicou como funcionava e disse que adicionaria novas regras.

MOMENTO DE ATIVIDADE

[8:12h]O professor iniciou a organização da atividade dividindo o grupo em quatro equipes que ficariam atrás dos bambolês dispostos nas pontas de um quadrado imaginário,[8:14h] no início da atividade duas equipes estavam com cinco integrantes e as outras duas com seis integrantes, e durante o acontecimento da brincadeira dois alunos chegaram atrasados, uma menina e um menino, o professor foi até eles e perguntou o nome da menina e então reuniu todos no centro da quadra, apresentou a nova integrante da turma e adicionou novas regras, dando uma breve retomada na ideia do jogo para que a menina entendesse. Então os dois foram incluídos nas equipes com menos pessoas. De uma forma geral, a maioria das crianças estavam com vestimentas adequadas para a prática, apenas um menino estava de chinelo e realizou a brincadeira descalço e havia um menino que estava de calça jeans e outro de bermuda jeans, e uma menina estava de short jeans.

A brincadeira consistia em coletar os coletes que estavam no centro da quadra dentro de um bambolê e colocar no bambolê da equipe a qual o estudante faziam parte, porém só podia pegar um colete por vez, respeitando a ordem da fila. O objetivo na brincadeira era coletar o maior número de coletes possível, e cada colete valia um ponto.

No segundo momento da brincadeira, foi introduzida a regra de que os coletes de cores diferentes valiam pontos diferentes: amarelo valia cinco pontos, vermelho valia 10 pontos e o verde valia quinze pontos. No desenrolar da atividade uma equipe pegou mais de um colete por vez, o professor parou a brincadeira e fez uma problematização deste ato, sem apontar a quem, perguntando se isso seria justo com os outros e para a brincadeira ser legal.

ULTÍMO MOMENTO DA AULA

[8:29h]O professor parou a brincadeira e reuniu os estudantes no centro da quadra mais uma vez, e disse que esse próximo momento seria para eles brincarem com os materiais no espaço da quadra,[8:30h]neste momento cerca de seis meninos se direcionaram a um dos gols com três bolas, os demais meninos pediram a autorização do professor para pegar mais materiais do armário, cerca de quatro meninas se direcionaram para o espaço da arquibancada e brincaram com uma “amoeba”, outras duas meninas estavam brincando com os bambolês junto mais dois meninos, e mudavam constantemente de prática, o material de “perna de pau” também foi utilizado.

[8:42h]O professor pediu para que todos guardassem os materiais dentro do armário para se organizarem e subirem para a sala, durante a subida na rampa alguém por acidente bateu na cabeça de uma menina, e o professor a levou para colocar gelo e retornou para sala pedindo um momento para a professora regente, para que pudesse comentar com eles sobre o ocorrido. Ele iniciou a sua fala perguntando se a turma sabia o que havia acabado de acontecer na subida para sala, alguns disseram que não sabiam e outros ergueram o braço para falar. O professor disse para um menino que ele falasse, e então o menino falou que alguém havia batido na cabeça da colega durante a subida pela rampa. O professor tomou essa fala com o aluno como base e começou a falar sobre os vários combinados que, aparentemente, eles tinham feito sobre subir a rampa correndo ou fazendo brincadeiras que pudessem machucar, e disse que principalmente os meninos deveriam tomar mais cuidado com isso para que não acontecesse mais.

Ao sairmos da sala o professor comentou que – “isso é um problema que às vezes acontece, eles sobem a rampa fazendo diversas brincadeiras de se bater e empurrar e acabam atingindo as pessoas”. Eu comentei que por eu ter subido logo atrás deles, eu havia visto o que tinha acontecido, e relatei que dois meninos estavam dando tapas na cabeça um do outro quando um deles tentou esquivar de um tapa e inclinou a cabeça pra trás, atingindo a menina que estava subindo logo atrás dele.

BEG20191T32ROA02

Turma: 32

Professor: P1

Alunos: 24 (11 meninos e 13 meninas)

Horário: 10:30h-12h

Data: 09/04/2019

Local: Quadra externa próxima ao portão de entrada da escola. quadra possui duas goleiras em condições precárias, com redes rasgadas ferros soltos e bases moles.

Clima: O tempo estava ensolarado, porém não estava muito quente. Os alunos estavam agitados.

PREPARAÇÃO

O professor P1 buscou os alunos na sala, juntamente com a estagiária do PIBID. Chegando na quadra externa os alunos deixaram suas mochilas na lateral interna da quadra, no lado onde havia sombra. Após enquanto todos deixavam as mochilas no lugar onde o professor havia dito, ele pediu para que fossem se sentando em círculo no centro da quadra. E então o professor falou que a brincadeira principal da aula seria a queimada, mas de uma forma diferente. Ele explicou que haveriam duas equipes, uma em cada lado da quadra, que estariam protegendo um cone atrás da equipe. E o objetivo de cada grupo era acertar o cone do adversário. E durante o jogo aqueles fossem atingidos pela bola lançada teriam que sentar no qual onde foram pegos, e só poderiam retornar se pegassem uma bola lançada no ar que não tocassem o chão antes de chegar

nesta pessoa sentado. E a rodada da brincadeira acabava quando um a equipe somava dois pontos que eram conquistados por acertar o cone adversário duas vezes. O cone de cada equipe ficaria dentro do espaço limitado pela linha branca que marca a área do goleiro no esporte futsal, e os membros da equipe não podiam entrar nesse espaço para chegar perto do cone e protegê-lo.

MOMENTO DE ATIVIDADE

Neste momento eu estava dentro da quadra, no lado onde eles haviam colocado as mochilas, me posicionei perto da estagiária Lima e dos dois monitores que estavam presentes. A brincadeira se iniciou e havia duas bolas em jogo. Os alunos começaram a brincadeira permanecendo perto da linha que demarcava a região na qual eles não podiam entrar, e avançavam pouco para tentar acertar a bola no cone adversário ou até mesmo nos membros da outra equipe. Foi preciso um incentivo por parte do professor, colando mais duas bolas bem próximas das linhas centrais da quadra para que eles se afastassem um pouco mais do cone e se espalhassem mais pela quadra. Após várias tentativas, a equipe que estava a minha direita conseguiu acertar o cone e ganharam um ponto, porém logo depois a equipe que estava a minha esquerda conseguiu acertar diversos colegas fazendo com que eles tivessem que se sentar, liberando espaço para acertar o cone, e então essa equipe também conquistou um ponto.

Mas o objetivo de alcançar dois pontos não estava sendo alcançado com facilidade, e diante da situação encontrada anteriormente, onde uma equipe conseguiu fazer com que grande parte da equipe adversaria sentassem, o professor adicionou uma regra. A regra referia-se a uma situação na qual se uma equipe deixasse a outra com somente três pessoas em pé, isso contaria um ponto para aquela que conseguisse. Ao reiniciar a atividade com essa nova regra, algumas meninas pediram para sair seguidamente, relatando coisas variadas: a falta de vontade em participar; dor no braço; dor de cabeça; e outras somente o fato de querer acompanhar a colega. Após alguns minutos esse grupo de meninas estava sentado perto de suas mochilas com seus cadernos na mão desenhando coisas nas folhas.

Com a nova regra, a brincadeira pareceu tomar uma forma diferente, pois inicialmente o alvo principal era o cone e as pessoas estavam sendo atingidas por engano. No segundo momento, acertar as pessoas também passou a ser um objetivo, fazendo com que os alunos parecessem mais ativos por terem mais opções de alvos. Porém um dos alunos não estava respeitando as regras do jogo, em diversas vezes ele foi atingido pela bola lançada em sua direção, se sentava ou muitas vezes se jogava no chão e assim que uma bola passava perto, ele pegava a mesma e de pé retornava a lançar as bolas. A estagiária Lima o advertiu quanto a isso, reforçando as regras e em quais situações elas se aplicavam, o aluno consentiu com um movimento de cabeça e dizendo que sabia, mas logo retornava a fazer o que haviam dito que não era para ser feito. Momentos depois a equipe deste aluno estava preste a ficar somente com três pessoas em pé, quando ele rapidamente pegou uma bola que estava no chão, se levantou e voltou a lançar as bolas. Um dos seus colegas de equipe se direcionou ao professor P1 para se queixar das ações dele, porém o professor pareceu não ter compreendido a situação e disse para o grande grupo que deveriam seguir as regras para que a brincadeira funcionasse.

Na rodada seguinte da atividade, o professor me pediu que o ajudasse a colocar mais cones como alvos, dispondo um deles no centro da goleira e dois no lado de fora das duas traves, após isso a atividade teve reinício e durante a brincadeira uma menina foi tentar pegar uma bola no ar, porém um menino tentou pegar a mesma bola, pulando em sua direção e acabou atingindo a orelha dela com a mão. A menina se queixou de dor e de não querer mais participar da atividade, a estagiária Lima tentou incentiva-la para que ficasse, mas ela se recusou e se sentou perto das mochilas, ao lado de duas meninas que estavam desenhando em seus cadernos. Durante toda a aula, dois meninos estavam sentados no lado oposto as mochilas mexendo no celular e se recusando a participar, o professor P1 tentou chama-los diversas vezes para participar da brincadeira, porém não teve êxito. No geral, os alunos estavam com sapatos adequados para a prática, e somente dois meninos estavam de calça jeans.

ÚLTIMO MOMENTO DA AULA

Ao terminar a atividade o professor reuniu os alunos em roda para realizar uma fala final sobre a atividade praticado na aula. Sua fala se voltou para as habilidades utilizadas, como lançar a bola, agarrar a bola e também sobre o tempo de reação que é necessário para realizar essas habilidades. Após falar sobre essas atividades ele falou sobre as possibilidades de pratica-las em casa para que na próxima vez que brincassem novamente, pudessem aproveitar mais e tendo sucesso em suas tentativas. E finalizando a fala, o professor liberou os alunos para irem ao banheiro e tomar água, e utilizar os espaços da educação física de uma forma livre, podendo até ir ao parquinho que fica ao lado do ginásio.

BEG20191T32ROA03

Turma: 32

Alunos: 23 (11 meninas e 12 meninos)

Horário: 8h-8:45h

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Data: 10/04/2019

Local: A aula aconteceu dentro do ginásio, o qual apresentava o chão com pintura apagada e regiões do piso bem esperas. Havia uma região perto do centro com marcas de fezes de pombo.

Clima: O tempo estava com uma temperatura mediana, cerca de 22° celsius. Os alunos estavam com um semblante sonolento, e chegaram na quadra dispostos em pequenos grupos.

PREPARAÇÃO

Às oito horas e cinco minutos a turma, conduzida pelo professor, chegou na quadra. Assim que chegaram a quadra o professor os reuniu no círculo central e [8:06h] iniciou a explicação sobre a atividade de “nunca três”, a qual segundo professor se caracterizava por um pega-pega que as pessoas estariam sentadas em duplas longes umas das outras e haveriam duas pessoas em pé, o pegador e quem foge, a pessoa que estivesse fugindo precisaria sentar do lado de alguma dupla para se livrar do pegador, nesta dupla aquele que estivesse na ponta quando a pessoa fugindo sentasse, se tornaria o pegador, e aquele que antes pegava passa a fugir. O professor utilizou de demonstração para que as crianças entendessem como funcionaria a brincadeira. Após a explicação ele separou as duplas, escolhendo de forma aparente proposital, pois ele demonstrava levar um certo tempo para designar as duplas.

Enquanto ele separava as últimas duplas, três meninos que já haviam sido escolhidos estavam brincando na parede: eles corriam e colocavam os pés na parede tentando se impulsionar para cima, um tentando aparentemente superar o outro.

MOMENTO DE ATIVIDADE

[8:12h] O professor iniciou a atividade após ter dispostos as duplas aleatoriamente pela quadra. [8:13h] logo depois houve uma parada na atividade para reforçar as regras, e neste momento quatro alunos chegaram atrasados e foram colocados em duplas. [8:16h] e então houve o reinício da atividade.

[8:18] Durante a atividade o professor senta do meu lado no banco e me pergunta – “se eu colocar duas pessoas pegando e fugindo ao mesmo tempo, será que eles vão se perder?”, então respondi que – “possivelmente alguns poderiam ficar perdidos, mas que valia a tentativa”. [8:19h] então logo após essa conversa o professor P1 realizou a mudança de regra (duas pessoas pegando ao mesmo tempo), somente parando a brincadeira e explicando o que seria feito diferente. Algumas crianças não entenderam como iniciaria a brincadeira.

[8:23h] as crianças começaram a se confundir em quem seria o pegador logo após que a pessoa fugindo sentasse. [8:25h] e então o professor reuniu a turma no círculo central, e comentou – “vocês se perderam na hora pegar começar a pegar a pessoa né”, e então explicou e demonstrou a brincadeira mais um vez, e deu uma sugestão de pular por cima das pernas da dupla, enfatizando que para fazer isso seria preciso se aproximar lateralmente da dupla, e não de frente. Após a sugestão, o professor disse para eles escolherem as duplas, as duplas foram se formando e uma menina ficou sem dupla, e então eu sinalizei para a estagiária do PIBID chamada Jabuticaba, que havia uma menina sozinha. A estagiária encontrou uma pessoa para fazer dupla com ela.

[8:29] após a reorganização da brincadeira o professor P1 tentou explicar as novas regras novamente e pediu silêncio diversas vezes, dizendo a eles que não estava havendo uma boa colaboração. E então ele reiniciou a atividade.

[8:35h] o professor sentou do meu lado e falou sobre a primeira escolha de dupla que ele havia feito, comentou sobre sua intenção nas escolhas que estava baseada nas relações entre os alunos, onde resolveu colocar aqueles que menos interagiam entre si como duplas. E no segundo momento da atividade permitiu a livre escolha de duplas.

[8:37] neste momento, uma menina pediu para ir tomar água e ele a substituiu para que a menina que estava com ela não ficasse sem dupla.

ÚLTIMO MOMENTO DA AULA

[8:40] neste momento da aula, o professor reuniu todos no centro e falou sobre a habilidade de correr. Enfatizando que atividades como essas permitem que eles possam exercitar a corrida para utilizar em outros locais, e a que esse tipo de atividade os ajuda a ficarem mais fortes e saudáveis. Após essa conversa, iniciou-se o deslocamento para a sala de aula, no qual as crianças foram interagindo entre si, meninos batendo no braço um do outro, meninas conversando e outros meninos subindo correndo.

BEG20191T32ROA04

Turma: 32

Professor: P1

Horário: 10:30h – 12h

Data: 16/04/2019

Local: A aula ocorreu na quadra externa que é localizada ao lado do portão de entrada da escola. Na quadra existe duas traves em condições precárias com ferros pendurados e redes rasgadas.

Clima: o tempo estava nublado, com risco de chuva. As meninas pareciam não estar interessadas em aula de Educação Física, já os meninos demonstravam estar ansiosos para a aula.

PREPARAÇÃO

O professor P1 utilizava uma camisa vermelha larga, um short de basquete preto com faixa lateral vermelha, e um tênis preto de corrida.

O professor realizou a chamada na sala, os alunos estavam terminando de copiar uma tarefa no quadro.

[10:35h] O professor P1 pediu para que eles formassem duas filas no corredor, mas teriam que se deslocar em câmera lenta para formar a fila, dois meninos ainda não haviam terminado de copiar as informações do quadro e o professor disse – “então vocês dois alcançam a gente no caminho, beleza ?!” e a professora regente disse – “Ah eles sabem o caminho, vão achar rapidinho”. [10:37h] E então iniciamos a descida para a quadra. Durante a descida, o professor P1, a estagiária do PIBID Lima, foram mediando o deslocamento tentando controlar aqueles que queriam correr pela rampa, enquanto o Monitor estava no fim do grupo evitando que alunos ficassem para trás ou fossem para outro lugar.

MOMENTO DE ATIVIDADE

[10:40h] Chegamos na quadra externa onde aconteceria a aula, o professor P1 pediu para que a turma deixasse suas mochilas no canto ao lado da entrada da quadra e sentasse na parte de cimento para que ele pudesse explicar a atividade. E então ele iniciou a aula com um tipo de queimada, explicando que a brincadeira teria uma pessoa com uma bola na mão, as outras pessoas estariam alinhadas em fila ombro a ombro de frente para a pessoa com a bola, e teria uma segunda pessoa atrás do grande grupo. O aluno com a bola teria que jogar a mesma para o aluno atrás do grande grupo, esse aluno quando recebesse a bola deveria pegar a bola e assim que conseguisse, correr e tentar acertar um dos colegas que estariam fugindo dele. Os demais colegas começariam a correr até o outro lado do espaço assim que a bola fosse lançada para a pessoa atrás deles, e seu objetivo seria chegar ao outro lado sem ser queimado.

O professor demonstrou a atividade pedindo a participação do aluno Melão. Assim que terminou de explicar, escolheu os alunos para assumirem suas posições. Na primeira vez o aluno que recebeu a bola, não correu e tentou lançar a bola em alguém, porém não obteve sucesso, e os demais alunos continuaram correndo até a entrada do ginásio, e retornaram caminhando, e então o professor reforçou que quem recebe a bola pode correr para queimar um colega.

Na segunda tentativa, o professor indicou pessoas diferentes para assumir a posição de quem joga e recebe a bola, desta vez a pessoa que recebeu a bola correu atrás dos colegas, porém teve dificuldade de jogar a bola e não acertou ninguém. O professor percebendo a demora do retorno do grande grupo para a posição inicial, pediu para que eles iniciassem do outro lado, não precisando retornar aquele longo espaço. Nesta terceira vez, a pessoa que recebeu a bola teve sucesso em acertar alguém, mas a turma se demonstrou desanimada, e algumas meninas já estavam caminhando sem fugir da pessoa com a bola.

[11h] E então o professor reuniu todos eles dentro da quadra. Já sentados em roda o professor explicou que a aula teria duas estações, e a turma seria dividida em dois grupos. Uma estação seria feita dentro da quadra e outra no espaço de areia em frente a quadra. A atividade que aconteceria na área de areia é chamada de pega-pega ameba, o professor perguntou se a turma sabia como era, e como a turma respondeu

positivamente, ele deu uma breve explicação, porém eu não havia compreendido muito bem. E então ele disse que a atividade dentro quadra seria explicada para os pequenos grupos.

Enquanto o professor P1 falava, a aluna Maçã estava conversando, e recebeu uma advertência verbal, sendo pedida para ficar em silêncio. O professor dividiu os grupos designando aqueles que fariam a atividade fora da quadra pela primeira letra do nome, indicando as letras até a letra “L”.

A atividade de ameoba foi mediada pela estagiária do PIBID Lima, junto com um monitor. E a atividade dentro da quadra, a qual o professor falou que seria queimada, foi mediada por ele. Assim que os grupos se dividiram, iniciou-se uma chuva fraca.

Enquanto a brincadeira da ameoba estava sendo organizada na parte de fora da quadra, o professor explicava com seria a queimada: haveria uma pessoa no centro da quadra, e um grande grupo em um lado da quadra entre as traves da goleira, ao lado desse grupo, estaria posicionada uma pessoa com uma bola na mão, e a atividade ocorreria em uma forma semelhante a primeira feita na aula, onde a bola seria jogado para a pessoa no centro que tentaria acertar alguém, e a pessoa que lançou a bola tentaria correr e pegar alguém que foge. A atividade aconteceu bastante intensidade, tendo os alunos se envolvido na dinâmica.

Às 11:15h a estagiária Lima mediou uma situação de desentendimento entre quatro meninas, porém eu não pude saber do que se tratava pois estava distante da situação. [11:18h] O professor reuniu o grupo em roda para ouvir sugestões e adicionar regras, então realizou a mudança: a brincadeira se modificou para uma pessoa dentro do círculo central laranja e uma pessoa em cada lado da quadra para receber a bola e pegar alguém com a mesma. E a pessoa dentro do círculo tentava pegar alguém que passasse por perto.

Pelo o que eu pude observar a brincadeira de pega-pega ameoba se tratava de uma ou duas pessoas pegando, e as outras fugindo, porém havia alguém que usava um colete amarelo e estava agachado, e quando essa pessoa conseguia encostar em alguém, ela trocava de lugar, e a pessoa que foi pega assumia o seu lugar de “ameoba”.

Às 11:26h os grupos trocaram de local, e o professor autorizou a ida ao banheiro e para tomar água. [11:33h] após o reiniciou das atividades, duas meninas que haviam ido ao banheiro chegaram e não sabiam qual era a brincadeira. [11:35h] durante um dos Cereja mexeu na trave. E o professor P1 reuniu a turma para reforçar o aviso que, segundo ele, já tinha feito sobre mexer na rede durante as atividades. Avisou também sobre os perigos de mexer na trave que já se encontra em más condições, demonstrando como as traves estavam moles ele se dirigiu até uma delas e a balançou com os braços reforçando – “se um de vocês se pendurar aqui, é capaz de ela cair e machucar vários de vocês, tem que tomar cuidado”. [11:37h] o professor perguntou quem ainda não havia jogado a bola para pegar alguém.

ÚLTIMO MOMENTO DA AULA

[11:43h] o professor reuniu os dois grupos dentro da quadra num círculo e perguntou sobre a atividade que foi feita dentro da quadra, se as crianças acharam fácil, legal. Falou sobre a habilidade de tempo de reação utilizada na atividade, dizendo que ela pode ser exercitada, e que aprendendo a prestar a atenção nas ações dos colegas, ajuda

nesta brincadeira. Após essa conversa o professor permitiu que eles usassem as bolas, ou fossem no parque. [11:54h] iniciou-se uma chuva forte que fez as crianças correrem, e o professor com a ajuda da estagiária, do monitor e minha, levou os alunos para dentro do refeitório com suas mochilas, e então os pais que já estavam esperando começaram a chamar seus filhos.

BEG20191T32ROA05

Turma: 32

Professor: P1

Alunos: 21 (10 meninos e 11 meninas)

Horário: 8h – 8:45h

Data: 24/04/2019

Local: Sala de dança. O espaço é caracterizado por ter um chão de madeira, um grande espelho na parede logo a esquerda de quem entra na sala. Na parede logo a direita de quem entra, existem dois bancos largos assim como na frente do espelho. E as outras duas paredes possuem janelas que alcançam toda sua extensão. O chão de madeira estava coberto por peças de tatame em xadrez das cores azul e amarela.

Clima: Chovia fraco, e os espaços externos estavam molhados. Neste dia, seria a vez do professor P1 usar o ginásio, porém o professor P4 de Educação Física estava trocando os refletores na quadra coberta. As crianças estavam com um semblante alegre e de animação.

PREPARAÇÃO

[7:55h] O professor P1 chegou na escola, vestia uma camisa azul e uma calça preta com listras laterais brancas e um tênis preto, quando se aproximou de mim, disse que – *“O P4 vai trocar as lâmpadas do ginásio hoje, não vai dar pra usar lá”*. E eu respondi – *“É, o Pitomba [diretor] tava conversando com ele ali agora”*. [8h] O Professor foi buscar os alunos, e chegando ao local onde eles esperam, ele me disse que a aula seria na sala de dança. Então ele comandou a turma até chegar à frente da porta que se localiza na região entre refeitório e rampa de subida. A turma se concentrou na frente do professor que falou sobre a utilização da sala de dança: – *“você sabem a sala de dança né? e vocês sabem que não pode entrar de sapato lá dentro, então vamos ter que deixar os sapatos organizados um do lado do outro em baixo desse banco aqui, não é pra deixar o sapato jogado!”*. E então as crianças começaram a tirar os sapatos, enquanto os últimos tiravam os sapatos, os primeiros já entravam na sala e o professor disse – *“deixem a mochila no banco aqui na frente do espelho”*.

[8:04h] O professor me disse que iria até o ginásio, e então a monitora ficou dentro da sala de dança com os alunos e logo depois chegou um monitor da aula que tentou controlar o que acontecia dentro da sala. E eu fiquei observando como se daria essa situação. As crianças primeiramente entraram na sala pulando, se jogando no chão, algumas meninas fazendo passos de dança. Em algum momento uma menina falou que – *“o chão é lava”*, e então eles começaram a correr e subir em bancos e colchões, alguns tentaram se pendurar nas grades da janela. Três meninos estavam brincando de derrubar o colega, agarrando pela perna, puxando pelo braço e abraçando por trás.

[8:08] A estagiária do PIBID Jaboticaba chegou na sala e me cumprimentou, e tentou entender o que estava acontecendo, e no momento em que ela me perguntou onde estava o professor P1, [8:09h] ele chegou na sala com um cone quatro bambolês e quatro colchonetes e pediu para que todos sentassem perto das paredes. [8:10h] Fez uma fala, novamente, sobre a utilização da sala de dança, mas focando os perigos das brincadeiras que ele viu alguns meninos fazendo no momento em que ele chegou à sala. Dizendo que – *“essas brincadeiras de derrubar o colega, puxar o braço podem machucar. Vocês*

podem achar que não, mas acidentes acontecem no meio dessas brincadeiras, e um colega pode acabar quebrando o braço”. Após essa fala, ele iniciou uma explicação do por que estávamos na sala de dança e falou sobre a importância de preservar e valorizar o espaço, dizendo que – “quanto mais eles cuidassem, mais vezes eles conseguiriam aproveitar aquele espaço”.

MOMENTO DE ATIVIDADE

[8:12h] O professor P1 se sentou e iniciou a explicação de um movimento chamado mesinha, ele demonstrou o que os alunos deveriam fazer, que se tratava de sentar no chão e, com a barriga para cima, ficar em quatro apoios e quem conseguisse deveria tentar se deslocar pela sala nessa posição. Ele ressaltou que eles não deveriam tentar olhar para os seus joelhos, ao invés disso deveriam olhar para cima ou para os lados. Nos momentos de explicação o professor estava sentando, demonstrando os movimentos e retornando a sentar e olhar os alunos fazendo.

As crianças iniciaram as tentativas, as meninas pareciam ter mais facilidade em se deslocar após ficar na posição, enquanto alguns meninos demonstraram dificuldade em realizar o deslocamento. As crianças se deslocavam se encontravam no caminho, algumas caíam e começavam a rir. De uma forma geral todos conseguiram fazer a posição. Havia aqueles que tentavam uma vez e paravam de tentar se sentando novamente. Quando todos já haviam feito o movimento de mesa, o professor demonstrou o movimento de vela, o qual ele explicou: – “*vocês têm que deitar de costas, dobrar a perna perto do peito e, apoiando no braço, levantar a perna e apontar o pé para o teto*”. Os estudantes começaram a tentar, muitos estavam tendo dificuldade de ficar parado quando a perna era erguida no alto. E então a estagiária Jabuticba, junto com os monitores, andou pela sala auxiliando aqueles que apresentavam dificuldade ou que pedia ajuda.

[8:16h] Com todos sentados com as costas encostadas na parede e o professor no centro da sala, ele estava prestes a iniciar uma explicação quando a aluna Maça perguntou – “você cortou o cabelo professor?”, e o professor respondeu em um tom de riso – “não, eu só tirei pra lavar!”, logo em seguida afirmando – “tô brincando, cortei sim!” e Maça finalizou o pequeno diálogo dizendo – “ata professor, ata, foi isso que eu perguntei!”.

Então o professor retomou a explicação sobre o próximo movimento. E começou dizendo que o movimento é mais fácil de fazer quando se é pequeno, comentou que – “eu não tive a oportunidade de fazer quando pequeno e hoje tenho dificuldade”. Logo após essa fala, ele pediu para que a monitora demonstrasse, pois ele a viu fazendo momentos antes, o movimento que ela realizou era basicamente ficar em quatro apoios, com a barriga para cima e estender braços e pernas formando um arco com o corpo. Falou também sobre a meninas terem mais flexibilidade ao longo da vida.

E durante essa fala ele pareceu lembrar de outro movimento que chamou de avião, o qual se tratava em se apoiar em um pé só, inclinando o tronco a frente e abrindo os braços lateralmente como asas, até que a perna erguida estivesse alinhada com o tronco horizontalmente. Os alunos iniciaram as tentativas, [8:20h] o aluno Pêssego tentou fazer o movimento se deslocando e o professor pediu para que fizesse parado para evitar de machucar alguém, e então o professor pediu para que tentasse com a outra perna. O aluno

Cacau disse que – “a vela é bem mais fácil, olha só”, e então parou de fazer o avião e fez a vela.

O Professor perguntou se alguém sabia fazer a parada de mão, e a Maça perguntou se era a “bananeira”, e o professor disse que – “não, essa é diferente”, e eu comentei com o professor que – “a parada de mão eles conhecem como bananeira, é a mesma coisa”. Durante a sua fala, um aluno estava batendo a mão chão e produzindo um som de volume alto e o professor pediu para os alunos não baterem mais a mão no chão daquela maneira, foi quando então Maracujá e Cereja bateram a mão no chão logo após o pedido.

O professor P1 se levantou e andando pela sala disse – “ Maracujá ta fora e Cereja ta fora, bateram quando eu pedi para parar de bater”, e continuou – “ se toda hora eu tiver que parar pra lembrar os combinados não vai ter aula”, e então colocou outro combinado o qual se referia a não poder rir do colega que tentasse fazer a parada de mão. Então ele explicou a parada de mão, que deveria ser feita caminhando devagar para a frente e posicionando uma das pernas a frente com o joelho semi-flexionado e então inclinando o tronco a frente até que encostasse as mãos no chão, e para conseguir fazer era preciso utilizar o impulso do movimento completo.

Duas meninas e dois meninos tentaram primeiro, se posicionando e iniciando dentro dos quatro bambolês que estava um ao lado do outro. Depois deles, foi perguntado quem queria tentar, e dois meninos pediram para fazer sendo que um deles, o Cacau, disse – “eu quero aprender a fazer essa coisa. Durante essa atividade o professor estava em pé. Após a parada de mão, os alunos estavam sentados perto das paredes novamente, e enquanto o professor colocava os colchões os alunos conversavam entre si, a Maça reclamou que um dos colchões estava molhado e que por isso não iria fazer, e o professor disse – “tá bom, então não vai”, e ela comemorou – “Isso!”.

Depois de organizar os colchões, o professor começou a explicar a “cambalhota”, dizendo que era fácil e que parte difícil era levantar sem colocar as mãos no chão. Esse movimento se tratava de realizar um rolamento para frente, andando em direção ao colchão e ao chegar perto apoiar as duas mãos no mesmo, e projetar o corpo de forma que as costas encostem no colchão e os pés passem por cima para pisar do outro lado. Os alunos iniciaram as tentativas indo quatro por vez, uma menina pediu para tentar novamente, após ela ter ido o professor chamou quatro meninos que estavam bastante animados para tentar fazer. [8:29h] o aluno Pêssego fez o movimento de uma maneira diferente e mais rápida que os demais e o professor advertiu dizendo que não era para fazer daquela maneira. [8:30h] o professor parou a atividade por um momento e falou sobre realizar a “cambalhota” com leveza, para que eles evitassem de se machucar, e prevenir contra acidentes com colegas.

Dando continuidade o professor chamou mais pessoas, e ajudou o Cacau dando dicas, pois ele estava tendo dificuldade e depois de receber a ajuda ele disse – “foi legal, mas doeu a cabeça”, [8:32h] e então o professor o auxiliou de maneira mais próxima, segurando as pernas e impulsionando o corpo. Enquanto isso, duas meninas já estavam dentro dos bambolês esperando a vez delas de realizar o movimento.

[8:34h] neste momento, o aluno Pêssego passou caminhando perto de uma menina que estava realizando o movimento, e o professor falou para a turma sobre o perigo de passar próximo enquanto a pessoa faz o movimento. A aluna Maça estava deitada enquanto os colegas tentavam realizar o movimento e o professor pediu para que ela saísse. Os tais

alunos que haviam saído da atividade sentavam-se no banco encostado em uma das paredes.

[8:35h] O professor sentou para falar que viu pessoas que estavam com vergonha de fazer e que eles precisavam se soltar mais, aproveitou o momento para parabenizar o aluno Cacau que falou não saber fazer os movimentos e pediu ajudar para aprender.

[8:37h] o professor P1 explicava e demonstrava o próximo movimento que se tratava de colocar as mãos e a cabeça no chão formando um triângulo e ergue as pernas devagar, primeiramente apoiando o joelho no cotovelo e logo após tentando estender as pernas apontando os dedos dos pés para o teto. Enquanto ele demonstrava a posição, uma menina se aproximou dele e pediu parar ir ao banheiro, o professor então saiu da posição e disse – “você pode ir, mas evita de se aproximar quando as pessoas estiverem realizando o movimento, você pode se machucar”. [8:38h] ele perguntou quem queria tentar fazer, pois era perigoso todos fazerem ao mesmo tempo. [8:40h] a estagiária ajudou o professor e a monitora a auxiliar os alunos individualmente. Porém nem todos fizeram todos os movimentos, principalmente aqueles que o professor pediu para “saírem”, que permaneceram grande parte da aula sentados. [8:41h] o professor falou sobre os movimentos e perguntou quem havia gostado e qual eles preferiram, e as respostas foram diversas. Neste momento, a mesma menina que havia abordado o professor anteriormente, o fez novamente pedindo para que ele realizasse a “estrelinha”. Ele perguntou quem sabia fazer esse movimento, e chamou quatro meninas para demonstrar, e a partir de então começou a chamar os alunos indicando os nomes – “vem Maracujá, Pêssego, Castanha e Melão”, -“ agora vem Figo, Graviola e Avelã” e por último – “vem Banana, o Cacau e as duas que querem ir de novo”.

ÚLTIMO MOMENTO DA AULA

[8:43h] o Professor falava sobre os movimentos novamente, em específico sobre a “estrelinha”. E enquanto ele falava o monitor realizou o movimento no seu lado. [8:44h] o professor falou para eles saírem da sala e colocarem o tênis e quem quisesse, poderia ir tomar água. [8:45h] já do lado de fora da sala, o professor me disse – “*bah* me atrasei no horário”, e organizou a turma para subir até a sala. A subida pela rampa foi tranquila, as crianças subiram conversando, e duplas ou trios, com os monitores por último, e eu estava caminhando no meio do grupo. [8:48h] o professor deixou a turma na sala se despediu de mim, e foi buscar a próxima turma cuja a sala ficava na outra extremidade do corredor. A turma 32 permaneceu na sala com a professora e a monitora que acompanha todas as aulas daquela turma.

BEG20191T32ROA06

Turma: 32

Alunos Matriculados: 30

Horário: 10:30h – 12:00h

Professor: P1

Alunos Presentes: 25

Data: 30/04/2019

Local: Parquinho ao lado do ginásio. Neste espaço existem duas estruturas principais, a primeira está no início do parque sendo mais visível dos demais pontos da área aberta, essa estrutura é uma plataforma elevada na qual existem duas escadas feitas de corda em suas extremidades para subir. Também há nessa plataforma três escorregadores: um feita de madeira plana; outro feito de um tubo de plástico com uma curva em seu percurso; o outro também é de plástico, porém não é um tubo tendo somente a parte de baixo. E para chegar de um

escorregador ao outro, existe um ponto de madeira com grades de proteção lateral feitas de ferro, e ao lado um tubo de plástico linear. A segunda estrutura é mais simples, tendo um escorregador de madeira em um dos quatro lados, e em um dos lados do escorregador há uma escada de cordas e no outro lado, uma parede de madeira, com apoios de madeira para escalada. E no lado oposto ao escorregador há uma corda presa no ponto mais alto da estrutura, e se estende até o chão. Entre essas duas estruturas existem duas árvores. No espaço entre a parede do ginásio e as duas estruturas juntamente com as árvores, há no chão uma plataforma de cimento com cerca de dois metros de largura e que se alonga aproximadamente junto a parede do ginásio.

Clima: O professor P1 estava de bom humor, assim como a estagiária Lima, porém o monitor se mostrava um pouco desanimado. Os alunos estavam empolgados para a aula, fazia sol e a temperatura era agradável, a aula foi em um espaço com bastante sobra, o que influenciou positivamente na aula.

PREPARAÇÃO

O professor vestia uma camisa azul com faixa laranja nos ombros, short preto e tênis azul. [10:31h] Chegamos na sala e a professora Pimenta, regente da turma, estava fazendo um convite aos alunos, e aproveitou para nos convidar também. Se tratava de um evento que teria nos arredores da escola com apresentações do boi de mamão e uma soltura de tartaruga na praia do Campeche. A professor passou a fala para o professor P1, e então ele iniciou a chamada e disse que enquanto houve barulho ele não continuaria. Os alunos: Amora, Avelã, Maçã, Maracujá e Carambola não estavam presentes. No final da chamada o aluno Cacau se levantou e se direcionou para a parte de trás da sala e o professor o questionou sobre o que ia fazer, e o aluno disse que – “vou escolher um livro pra casa, já vou colocar na mochila”.

Ao terminar a chamada o professor pediu para que todos andassem em câmera lenta para fora da sala e formassem uma fila no corredor, o monitor ficou no corredor determinando os limites da fila para que eles não se espalhassem. Já na fila alguns brincavam de simular luta com movimentos lentos e algumas meninas se empurravam com a mochila na frente do corpo. O professor esperava dentro da sala dois alunos que ainda não haviam terminado de copiar informações que haviam no quadro. Ao sair da sala ele me perguntou – “você quer ver uma brincadeira de invasão ou precisão?” e então eu disse – “não sei, uma atividade de invasão talvez”.

E então o professor iniciou a descida para a quadra, os alunos desceram a rampa correndo e escorrendo. O professor não deixou passarem a sua frente e pediu que andassem sobre a linha cinza que há no chão. O monitor seguiu atrás do grupo e eu estava logo atrás dele. Chegando na frente do ginásio o professor pediu para a estagiária Lima pegar coletes no ginásio.

MOMENTO DE ATIVIDADE

Chegando na área do parquinho, o professor pediu para que todos deixassem a mochila no canto da parede do ginásio e pediu para que se sentassem, virados para ele, na área de cimento. E então ele iniciou a explicação da atividade que seria um tipo de pega-pega, no meio da explicação o aluno Tomate pediu para ir ao banheiro, o professor disse para ele ser rápido e disse para o grande grupo – “quando vocês tiverem vontade de ir ao banheiro, já falem lá em cima na sala porque nós passamos por vários banheiros no caminho. Agora ele vai voltar e não vai entender a brincadeira.”

O professor estava com coletes amarelos na mão, e começou dizendo que a brincadeira aconteceria com todos subindo no “castelo” que era representado pela estrutura com três escorregadores, porém uma vez lá em cima eles não poderiam descer pela escada

que estava com as cordas arrebentadas. Objetivo seria descer do castelo e conseguir chegar até um local para se salvar, o qual foi definido pelo professor que mostrou a todos os alunos onde seria: um espaço entre a parede do fundo do parque e uma linha paralela a parede feita no chão. Já o pegador teria como objetivo impedir que todos conseguisse ir de um local para o outro, porém ele não poderia subir no castelo e todos aqueles que fossem pegos deveriam virar pedra e esperar que alguém os salvasse.

O professor teve dificuldade para concluir a explicação porque os alunos não paravam de falar ao mesmo tempo que ele, forçando-o a pedir silêncio diversas vezes. O professor advertiu sobre o espaço de cimento existente no parque e os perigos de correr em cima desse espaço, então avisou que eles não podiam subir nesse espaço pois poderia machucar e que se subissem ficariam metade da aula fora, e disse – *“aposto que o Pêssego vai subir. E se subir, azar! Eu expliquei e não estava prestando atenção.”*

[10:52h] Todos subiram no castelo, e o professor pediu por quatro voluntários para iniciarem como pegadores. Após determinado os pegadores o professor exclamou – “Estátua!”, e disse – “cuidado para não atropelar os amigos” dando ênfase para que os meninos tivessem mais cuidado.

Às 10:54h a atividade começou, os alunos começaram a descer do castelo e logo no começo três deles pisaram na área de cimento enquanto tentavam fugir dos pegadores, e o professor os deixou fora da brincadeira, sentados um ao lado do outro na parte de cimento.[10:57h] Todos estavam na zona de segurança, neste momento o professor disse – “vocês podem voltar e salvar os amigos”. E logo após perguntou ao grande grupo se alguém sabia o porque de os três colegas estarem sentados ali, e a aluna Cereja respondeu – “porque eles pisaram no cimento”. E o professor continuou falando que – “tem coisa que não dá pra esquecer” e que ele havia colocado essa regra para a segurança da turma para que ninguém se machucasse. Após ele terminar essa fala os alunos que estavam de fora se manifestaram – “e a gente professor?”, - “a gente só esqueceu”, “como tu deixa esses guerreiros de fora?”.

O professor seguiu com a atividade sem que os alunos voltassem a participar e então deu um tempo de um minuto para que eles chegassem até o castelo. E todos conseguiram alcançar esse objetivo. [11:02h] O professor parou a atividade e deu autorização para aqueles que quisessem tomar água, mas deveria ir no ginásio para isso. Com o retorno de todos, ele chamou novos pegadores e também chamou aqueles que estavam fora para voltarem à brincadeira.[11:04h] Os alunos não queriam ser pegadores e então o professor falou que – “se não tiver pegador, não tem graça”, e então quatro alunos se voluntariaram para assumir a posição.

Neste momento, o professor realizou uma mudança de regras, tirando dois dos quatro bambolês que estavam no chão como ponto seguro, para substituí-los poderiam subir na árvore e na escada do outro escorregador mais a fundo do parque. Às 11:07h o professor reiniciou a brincadeira. Durante a brincadeira o aluno Cacau foi pego e exclamou – “nããããã!!” de uma forma dramática. O professor determinou dois minutos para que eles chegassem à zona segura. [11:09h] Os pegadores pontuaram, pois os demais não conseguiram se salvar dentro do tempo determinado.

Durante a pausa da atividade os alunos Pêssego, Cacau, Tomate e Framboesa não estavam no local que o professor pediu e por isso ficaram de fora. O aluno Tomate enquanto estava sentado jogou uma pedrinha no professor e ele questionou o aluno sobre a ação e deixou ele sentado enquanto os demais voltaram, e justificou dizendo que só havia colocados ali sentado por um tempo para se acalmarem e que não ficariam do próximo momento de brincadeira.

[11:13h] Durante sua fala o professor falou que – “não tem problema ser pego se eu posso ser salvo depois”, e disse que eles precisavam se unir pois o objetivo é que todos consigam chegar do outro lado e não só alguns. E então reiniciou a brincadeira, e durante a mesma o aluno Melão caiu de joelho na areia com brita, o professor foi até ele e perguntou se estava tudo bem. Momentos depois eu avistei o aluno Pêssego sendo pego e negando tal acontecimento.

As 11:17h terminou mais uma rodada e o ponto foi para pegadores. O professor P1 pediu os coletes de volta e que todos se sentassem uns ao lado do outro na área de cimento. E então ele falou sobre a importância de prestar atenção e cumprir as regras.[11:18h] A aluna Cereja estava conversando e ele a chamou para se sentar bem na sua frente para que não ficasse conversando.[11:19h] O professor falou sobre as estratégias que foram utilizadas na brincadeira, exemplificando o caso em que um dos alunos chamou a atenção dos pegadores para que o seu colega fosse salvo por uma terceira pessoa.[11:22h] Muitos alunos estavam com pedrinhas na mão e se distraíam com elas, então o professor falou para todos soltarem as pedrinhas.

[11:23h] O professor deu o momento de fala para os alunos e o Cacau falou sobre a brincadeira – “foi muito legal que o Guaraná salvou o Avelã e depois o Avelã me salvou”. [11:25h] O professor fez uma pergunta – “o que eu faço pra atravessar a rua?”, fazendo uma analogia ao combinado de não subir no cimento. E os alunos responderam – “tem que olhar pros dois lados”. E o professor perguntou – “o que pode acontecer se a gente esquecer disso?”, o aluno Cacau respondeu – “não pode esquecer porque você pode ser atropelado e é perigoso”.

ÚLTIMO MOMENTO DA AULA

[11:26h] A turma foi liberada para ir beber água. O aluno Melão permaneceu sentado e pegava pedrinhas e jogava para cima dizendo – “chuuuva”, e o professor disse – “chega de jogar pedrinha”. [11:27h] Alguns alunos da turma ficaram na corda da estrutura com um escorregador, outros na estrutura do “castelo”, um aluno estava em cima da árvore e a Cereja e sua amiga falava com a estagiária Lima sobre algo chamado K-pop e o nome dos integrantes de uma banda chamada “BTS” dizendo que eles eram membros da família dela. [11:28h] O aluno Melão e um colega estavam pendurados de cabeça para baixo no brinquedo.

[11:30h] O professor pegou duas bolas no ginásio e deixou no parquinho, e então dois meninos pegaram uma bola e foram para um canto jogar, um grupo de meninos e meninas pegou uma corda que estava com o professor e começaram a brincar de cabo-de-guerra, e ao mesmo momento quatro meninos brincavam no escorregador de tubo. Momentos depois às 11:38h a aluna Cereja me chamou para girar a corda, que o grupo do cabo-de-guerra havia utilizado, para que ela pulasse. [11:40h] Os alunos estavam se pendurando nas cordas existente na estrutura com um escorregador, e descendo pela parede de madeira e o professor foi adverti-los sobre o perigo e ajuda-los. Observei duas meninas em cima do brincando mexendo no caderno, e o aluno Cacau se sentando em um canto perto de uma árvore, e um colega o acompanhou. Apontei essa situação para o professor e ele foi conversar com o aluno.

[11:44h] Assim que o professor se afastou eu me aproximei do aluno para saber o que havia acontecido, e o Cacau estava chateado porque o amigo chamou ele de “viado”, e então o tal amigo se aproximou e veio perguntar porque o Cacau estava chateado e após entender pediu desculpa e disse – “ele é meu amigo, eu não diria isso pra ele”. E então eles se resolveram, porém o Cacau continuou chateado.

[11:50h] Os alunos ainda estavam em interações diversas, vários grupos de criança brincando de diversas formas, algumas meninas sentadas na sombra perto das mochilas, mexendo nos seus cadernos.[11:55h] Alguns pais começaram a entrar na escola pelo portão que fica próximo a quadra externa, e entre esses pais haviam os pais de alguns alunos que começaram a pegar suas mochilas e se afastar.[11:56h] O professor então chamou a atenção desses alunos pedindo para que eles voltassem pois a aula ainda não havia acabado, e pediu para que todos pegassem suas mochilas e formassem duas filas, tendo formado as filas o professor conduziu os alunos para o refeitório (local onde os pais buscam os alunos do Ensino Fundamental I) e lá dentro se despediu dos alunos, porém a maioria não chegou a entrar pois seus pais já estavam na entrada do refeitório os esperando.[12:01h] Me despedi do professor, e me preparei para ir embora.

ANEXO B – PLANOS DE AULAS MINISTRADAS PELO ESTAGIÁRIO

BEG20191T32PA01

Turma: 32

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 8h-8:45h

Data: 08/05/2019

Local: Ginásio poliesportivo

Objetivo da aula: Identificar características dos jogos de invasão, reconhecer e problematizar sentimentos vivenciados durante a atividade.

PRIMEIRO MOMENTO

Neste momento realizarei uma conversa com a turma, explicando mais especificamente quem sou e como estarei participando das aulas de Educação Física desta turma e o tema que estarei abordando, juntamente com o apoio do professor P1, para que haja uma habituação com o grupo.

SEGUNDO MOMENTO

O momento será iniciado com um questionamento sobre o que eles entendem por jogo de invasão, incentivando com que eles expliquem para o grupo. Após essas explicações, será feita uma abordagem sobre a característica deste tipo de jogo: dividido em setores que as equipes tentam ocupar ou marcar pontos. E a partir do entendimento desta característica, apontar quais jogos experienciados pela turma se assemelham. E então experienciar o jogo do “pique-bandeira”, conhecendo essa característica.

Logo após a atividade, sentaremos em roda para discutir sobre a organização da atividade, assim como os sentimentos que surgiram durante a mesma.

TERCEIRO MOMENTO

Neste último momento da aula, será realizado uma conversa final que poderá ser feita sentados em roda ou não, com o intuito de organizar as informações que foram apresentadas na aula tanto por mim quanto pelos alunos.

Materiais: Cones; Coletes; Bola;

BEG20191T32PA02

Turma: 32

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 10:30h-12h

Data: 14/05/2019

Local: Sala de aula e quadra de futsal

Objetivo da aula: Reconhecer, verbalizar e problematizar os sentimentos e sensações vivenciadas durante os momentos.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

Será feita uma retomada dos conhecimentos construídos na aula anterior por meio de conversa e registro em papel. Abordando os jogos de invasão e suas características como: a divisão por equipes e seus respectivos campos/setores; objetivo de entrar no campo da outra equipe para levar ou buscar algo e marcar pontos.

Será proposto para a turma que eles realizem desenhos que representem algum momento da atividade feita na aula anterior, e junto desse desenho escrever uma dessas características.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

Neste momento haverá uma retomada do jogo de pique-bandeira experienciado na aula anterior, com a proposta de modificações no jogo principalmente relacionando com os sentimentos dos alunos em relação a atividade praticada, como por exemplo: como se sentem em relação ao momento em que são pegos e congelados; qual o sentimento relacionado ao conseguir recuperar a bandeira; quais as dificuldades que enfrentam para pegar a bandeira.

As modificações serão de preferência construídas com a turma em conjunto. Porém haverá sugestões de modificação: substituir a bandeira por uma pessoa/integrante da equipe, o qual deverá ser “salvo”; modificar o objetivo do jogo fazendo com que a bandeira tenha que ser levada para um ponto específico no campo da outra equipe.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

Neste momento será feita uma discussão com mediação sobre a atividade da aula e logo após voltaremos a abordar os desenhos produzidos no início da aula com o intuito de que todos possam comentar sobre eles, e por último será direcionada uma pequena tarefa para que os alunos mostrem esses desenhos para os seus pais e responsáveis, e perguntem para os mesmos quais jogos eles jogavam que tinham semelhanças com jogos de invasão.

Materiais: Folha de papel A4; coletes; cones; bolas

Observações: O segundo momento da aula pode ser modificado em virtude de disponibilidade de espaço. Sendo realizado no espaço de sala de dança, será feita uma discussão com os alunos sobre as possibilidades de realizar um jogo de invasão dentro deste espaço. Se for possível, como ser feito, e se não for, o porque de não existir essa possibilidade.

BEG20191T32PA03

Turma: 32

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 8h-8:45h

Objetivo da aula: Participação na produção de alternativas para a prática dos jogos de invasão.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

Este momento será contemplado pela retomada dos desenhos produzidos na aula anterior e levados para casa, com o intuito de compartilhar as vivências de seus familiares em relação aos jogos de invasão. Buscando refletir sobre as atividades que serão citadas e explicadas.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

Neste momento predominará o incentivo pela produção de soluções dos alunos para realizar a prática do pique-bandeira. Sendo problematizada a utilização dos materiais: será que é preciso ser um colete ou uma bola a ser resgatado? (colocar um integrante da equipe a ser salvo); as regras de distribuição, será que funcionaria se fossem divididas tarefas para cada um? (os que defendem, os que tentam invadir, e os que descongelam os colegas). Incentivo a preocupação com a segurança e respeito com os demais.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

Refletir sobre as modificações feitas nas aulas, pensando em quais funcionaram e quais não funcionaram. Tentando buscar novamente comparar os espaços em que essa atividade já foi praticada. E quais ideias surgiram que poderíamos tentar aplicar no jogo.

Materiais: Bolas; Coletes; Cones; Cordas; Bastão

BEG20191T32PA04

Turma: 32

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 10:30h - 12h

Objetivo da aula: Identificar as possibilidades de práticas existentes dentro e fora da escola.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[10:35h] será retomado em sala, novamente, o desenho que foi elaborado pelos alunos, referente ao jogo do pique-bandeira, a fim de lembrar o que já foi discutido nas aulas.

[10:45h] após conversarmos sobre as aulas anteriores, entraremos na discussão sobre os espaços possíveis de praticar o jogo que havíamos feito nas três primeiras aulas. Tentando identificar espaços dentro da escola que sejam viáveis para jogar o pique-bandeira. Assim que discutirmos sobre os espaços dentro da escola, falarei sobre os espaços fora do terreno da escola e perto de suas casas, fazendo perguntas que vão de encontro a “você conhecem algum lugar fora da escola que seria possível de fazer esse jogo?”, neste momento entregarei um pedaço de papel para que eles desenhem o lugar e escrevam o nome do mesmo para me entregar assim que acabarem.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

[11h] a fim de provocar uma visão mais atenta em relação ao espaço escolar, perguntarei sobre os espaços novamente que poderíamos utilizar na presente aula para

realizar o jogo. Caso não hajam sugestões, tentarei fazer perguntas como por exemplo: “existe algum lugar onde poderíamos desenhar as linhas para marcar os espaços?”. As perguntas terão o intuito de estimular a identificação dos espaços fora dos ginásios.

[11:15h] a partir da conclusão sobre o espaço, iniciaremos o deslocamento para o espaço externo aos ginásios para realizar o jogo do pique-bandeira, inicialmente, com as modificações que foram sugeridas pela turma e por mim nas aulas anteriores: alguém da equipe como “prisioneiro” para ser salvo; bambolês servindo como zona segura.

[11:20h] chegando ao espaço externo se iniciará a organização da atividade, buscando o exercício da autonomia dos alunos na construção do espaço que será utilizado para o jogo.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[11:45h] neste momento será feita uma roda final para discutir sobre a atividade experienciada na presente aula, fazendo relação com os demais espaços já utilizados e reconhecendo as diferenças e semelhanças, assim como identificar se foi preciso modificar o jogo e como foi modificado. Após essa identificação, será retomado o momento em sala no qual os alunos desenharam locais que eles consideravam possíveis de realizar o jogo.

Materiais: Dois Bambolês; duas bolas; 14 coletes; duas cordas; Folhas brancas de papel A4.

Observações: A aula pode sofrer modificações de acordo com a conjuntura de variáveis que interagem entre si, como por exemplo mudança no tempo e início de manutenção nas quadras externas da escola.

BEG20191T32PA05

Turma: 32

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 8h – 8:45h

Tema: Semelhanças entre os jogos de invasão.

Objetivo da aula: Visualização e discussão de imagens dos esportes que se caracterizam como de invasão.

Aprendizagem proposta: Nesta aula a turma aprenderá a identificar e representar uma das características que colocam muitos esportes na mesma categoria como jogo de invasão. Entendendo também a utilização da palavra “invasão”.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[8:05h] iniciaremos uma conversa sobre os jogos de invasão que estão ou não, presentes no contexto escolar da turma de alguma forma: Handebol; Rugby; Frisbee; Basquete, entre outros. Neste momento utilizaremos de imagens de alguns dos esportes para realizar a discussão. Tentarei estimular a identificação da semelhança entre esses esportes citados: marcar um ponto levando um objeto até um local no campo adversário.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

[8:15h] neste momento, a partir da identificação desta semelhança, tentaremos fazer o pique-bandeira colocando essa semelhança como característica central. Fazendo o jogo de forma que desta vez o objetivo seja levar a “bandeira” para um local no campo

adversário, buscando evidenciar questões do termo invasão. Farei a mediação para que os alunos consigam chegar a essas associações por meio de perguntas como “qual a diferença nos objetivos destes jogos em relação ao pique-bandeira?”, “como podemos aproximar esses objetivos?”

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[8:35h] no último momento da aula, serão discutidas as situações enfrentadas no jogo, e a efetividade da nossa tentativa em aproximar os objetivos dos jogos. Dentro desta discussão tratei falas relacionadas ao termo “invasão”, como “vocês já pararam para pensar na palavra invasão?”, “o que significa dizer que alguém invadiu um determinado lugar?”, “o que vocês diriam se alguém invadissem a escola?”. Com essas perguntas procurarei provocar o entendimento por parte dos alunos sobre a palavra em diversos âmbitos, evidenciando que existe uma relação de disputa de espaço, ou objetivo de dominar um determinado espaço. E por meio dessa reflexão finalizarei a aula.

Materiais: Bambolês; Bolas; Coletes; Cordas.

Observações: O espaço e construção da aula podem sofrer modificações de acordo com a disponibilidade dos espaços de ginásio e quadras externas, sendo utilizados os locais dispostos nas laterais do ginásio e quadras externas.

BEG20191T32PA06

Turma: 32

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 10:30h - 12h

Data: 28/05/2019.

Tema: As diferentes representações dos jogos de invasão: manifestações artísticas, jogos eletrônicos e tecnologias de informação e comunicação.

Objetivo da aula: Reconhecer e desfrutar da representação dos jogos de invasão em diferentes gêneros do discurso

Aprendizagem proposta: O reconhecimento das diferentes representações de um jogo de invasão.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[10:35h] será retomado o assunto da aula anterior no qual tratamos de imagens de diferentes jogos de invasão, e introduzimos a característica dos mesmos em nosso jogo: levar um objeto até um local no campo adversário para marcar pontos. A partir desta conversa relembro esses jogos, discutiremos sobre as diferentes representações dos mesmos, referentes por exemplo ao esporte, filmes e jogos eletrônicos.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

[10:45h] neste momento faremos tentativas de representações dos jogos de invasão por meio de gestos, se assemelhando ao jogo conhecido como “imagem e ação”, trazendo jogos como futebol, handebol, basquete, futsal, e Ultimate Frisbee. A turma será distribuída em cinco equipes, as quais terão o desafio de tentar representar, de uma forma compreensível, um dos jogos de invasão citados acima para as outras equipes. Durante essas representações faremos discussões sobre as características destes diferentes jogos.

[11:05h] continuaremos a reconhecer as representações, partindo para um momento no qual os alunos possam continuar refletindo sobre as mesmas e dando sugestões de maneiras diferentes nas quais essas representações podem ser feitas.

[11:15h] nos deslocaremos para o auditório da escola, no qual farei a exposição de trechos de vídeos. Os vídeos trarão imagens dos mesmos jogos representados na atividade anterior, e envolverão o gênero da comunicação, jogos eletrônicos e manifestações artísticas, tentarei incentivar que a partir de cada vídeo, seja feita uma relação com as aulas anteriores, assim como uma reflexão sobre o gênero do discurso e sua presença no cotidiano dos alunos.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[11:45h] este momento terá como tópico a compilação do que já foi discutido na presente aula, abrindo momentos para falas dos alunos, dúvidas e contribuições sobre o tema. E Logo após, uma projeção da próxima aula que envolverá a retomada do jogo feito na semana anterior.

Materiais: Pedacos de papeis brancos; Imagens impressas dos jogos de invasão; Computador e projetor de imagem

BEG20191T32PA07

Turma: 32

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 8h – 8:45h

Data: 29/05/2019.

Tema: Possibilidades de movimentos

Objetivo da aula: Recriar os jogos de invasão, prezando o trabalho coletivo.

Aprendizagem proposta: A turma exercitará a construção, em conjunto, de soluções para os problemas que surgirem durante as atividades.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[8:05h] realizaremos uma breve discussão sobre os vídeos assistidos no final da aula anterior, a fim de lembrar e compreender a presença dos jogos de invasão no dia-a-dia de cada sujeito da turma. Farei perguntas como: “Quais os jogos mostrados nos vídeos da aula anterior?”, “em que contextos eles estavam presentes?”. Tratei outras perguntas buscando incentivar a análise do cotidiano: “existe algum outro contexto onde os esportes de invasão aparecem ou são mencionados?”.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

[8:10h] retomaremos o jogo feito na última quarta-feira (22/05), o qual possuía a característica que discutimos sobre as imagens e que retomamos na aula anterior com os vídeos: de ocupar o campo da equipe adversária e tentar marcar pontos levando um objeto até um determinado local.

[8:15h] com isso iniciaremos a atividade da forma que foi feita na aula de quarta-feira, terão duas equipes com o objetivo de levar o objeto até um local do outro lado da quadra, utilizando as regras previamente colocadas: ser necessário realizar passes antes de tentar pontuar; não ser permitido passar a bola para alguém a frente; ficar congelado

quando for pego. E as regras serão aplicadas de acordo com o que os alunos trouxeram, podendo haver mudanças das mesmas.

E a partir de questionamentos feitos pelo grupo, poderão ser feitas modificações no jogo, tentarei propor que eles tragam a alternativa a ser colocada. Procurarei também incentivar a solução de problemas através de questionamentos como: “de que maneira podemos jogar para que todos participem de forma efetiva?”, “como cada um pode ajudar para que o jogo aconteça?”.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[8:40h] finalizarei a aula, abrindo espaço para questionamentos e sugestões sobre o jogo experienciado, procurando fazer com que o grupo reflita com as falas dos colegas.

Materiais: Bolas; Bastões; Coletes.

Observações: O espaço de realização da aula pode sofrer alteração de acordo com a disponibilidade dos ambientes da escola. Assim como os momentos de aula podem ter seu tempo variado de acordo com o aprofundamento das questões colocadas.

BEG20191T32PA08

Turma: 32

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 10:30h-12h

Data: 04/06/2019.

Objetivo da aula: Participação na produção de alternativas para a prática dos jogos de invasão.

Aprendizagem proposta: Identificação de elementos característicos de determinados jogos de invasão.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[10:35h] iniciarei com uma breve retomada da aula anterior, no intuito de relembrar os assuntos conversados na roda de conversa final, onde foram citadas, pelos alunos, sugestões de práticas dos jogos de invasão.

[10:40h] a partir desta conversa, discutirei com a turma as possibilidades de práticas dentro e fora do terreno escolar, tentando estimular com que falem e participem deste momento de construção. Terei em mente alguns espaços prévios como: a quadra externa de futsal; o campo da base aérea que se localiza no espaço externo da escola; assim como a sala de dança, pensando todos estes espaços como possíveis de serem utilizados.

[10:45h] continuando a discussão, estimularei com que eles lembrem as suas sugestões da aula anterior: futebol; handebol; ultimate frisbee. E caso não tenham muitas sugestões, tentarei sugerir que façamos um jogo de ultimate frisbee no campo de grama, para que a turma tenha uma experiência diferente das aulas anteriores. Porém será respeitada a participação do grupo nestas decisões. Tendo decidido o local e o jogo, organizaremos em conjunto com acontecerá o jogo.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

[10:55h] este momento se iniciará com o deslocamento para o campo. [11:05h] chegando no local, organizaremos o início da atividade. E durante o jogo tentarei estimular com que o grupo preste atenção na atividade para que possam contribuir de alguma forma. E também trarei elementos característicos do jogo que estivermos praticando, como por exemplo do ultimate frisbee. Direi que; ao ter o disco na mão o jogador não pode andar e precisa passar o disco para algum colega; o objetivo do jogo é marcar pontos recebendo o disco dentro de uma área.

[11:30h] faremos uma conversar em roda, de acordo com a demanda do grupo, para conversar sobre a experiência do jogo e ouvir sugestões e dúvidas sobre a atividade. E logo após faremos um reinício de atividade.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[11:45h] faremos uma roda final, com o intuito de abrir espaço para aqueles que queiram apontar mais alguma dúvida ou sugestão sobre a aula. E logo após esse momento retornaremos ao espaço da escola.

Materiais: Coletes; Bambolês; Corda; Disco; Duas bolas.

Observações: O local da aula pode ser alterado de acordo com as condições climáticas e de disponibilidade na instituição. Ficando como alternativas: a quadra externa de futsal e a sala de dança. Aproveitando para construir alternativas com o grupo.

BEG20191T32PA09

Turma: 32

Professor: P1

Estagiário: Matheus Odilon de Jesus

Horário da aula: 10:30h-12h

Data: 04/06/2019.

Local: Ginásio poliesportivo

Tema: Avaliação

Objetivo da aula: Registrar os temas abordados nas aulas.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[8:05h] neste momento farei uma conversa com a turma sobre a finalização das intervenções, explicando que não ministrarei outras aulas para o grupo. Assim, buscarei mediar uma discussão sobre o conteúdo e assuntos abordados nas aulas que ministrei, com o intuito de retomar e relembra-los.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

[8:15h] A partir desta conversa inicial, irei propor uma última atividade como forma de registro das atividades feitas. Utilizando diversos materiais, incentivarei com que registrem com escritas e símbolos, tópicos relacionados a temas. Dividirei a turma em quatro grupos, onde cada grupo tentará sintetizar e registrar no papel os principais pontos abordados nas aulas: os diferentes locais possíveis de se jogar o “pique-bandeira”; as modificações realizadas pela turma no jogo; os diferentes jogos de invasão; as diferentes representações dos jogos. Durante esta atividade ajudarei os grupos a relembra esses temas trazendo perguntas: “quais os desenhos que produzimos enquanto estávamos em sala, e sobre o que eram?”; “quais as formas que jogamos o pique-bandeira?”; Quais os vídeos que assistimos na aula que ocorreu no auditório?”.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[8:35h] e como encerramento, faremos uma roda de conversa para compartilhar os registros realizados. Finalizando com uma proposta trazida por mim, de expormos futuramente os trabalhos feitos em algum local que eles possam visualizar. Neste fim de aula, farei uma fala pessoal sobre a minha experiência com a turma.

Materiais: Caneta; Cartolina; Cola; Lápis; Papel;

Observações: O local de realização da aula pode sobre alteração de acordo com a disponibilidade de espaços, podendo ocorrer no refeitório ou sala de dança.

ANEXO C – REGISTROS DE AULA

BEG20191T32RA01

Turma: 32

Professor: P1

Alunos Matriculados: 30

Alunos Presentes: 27 (15 meninos e 12 meninas).

Horário: 8h – 8:45h

Data: 08/05/2019

Local: Ginásio poliesportivo

Clima: O clima estava com uma temperatura agradável, uma manhã nublada, alguns alunos pareciam sonolentos, porém outros já estavam bastante agitados. O professor P1 aparentava estar de bom humor, e a monitora bastante disposta e prestativa.

PREPARAÇÃO

As 8h o professor chegou para buscar a turma na área do refeitório. Chegando na frente de onde a turma aguarda o professor, esperamos para que todos se agrupassem e começamos a nos deslocar para o ginásio, foi preciso passar pela entrada de pais e alunos, pois a porta que propicia acesso mais próximo do refeitório ao ginásio estava fechada e foi preciso enfrentar um contra fluxo para chegar ao pátio externo da escola. Já na frente do ginásio, o professor P1 procurava a chave para abrir o portão do ginásio, ao abri-lo ele entrou no ginásio e eu juntamente com os alunos entrei logo em seguida. O professor se direcionou para a sala de materiais e os alunos se dirigiram para o centro da quadra e se sentaram em roda, havia uma monitora que se sentou junto a eles. Eu me direcionei para a sala de materiais afim de coletar os materiais que seriam utilizados na aula, enquanto o professor procurava a chave para abrir a porta da sala, ele me perguntou quais materiais eu iria utilizar, e então falei que utilizaria coletes e cones, e talvez uma bola. quando entramos na sala, vimos que muitos dos coletes estavam sujos e então o professor disse que iria buscar coletes limpos se direcionando para fora do ginásio, eu juntei os materiais que utilizaria e sai da sala de materiais, ao sair visualizei a maioria dos alunos ainda sentados em roda a espera do professor, apenas cerca de dois meninos se levantavam e depois sentavam novamente. Eu decidi segurar os materiais e sentar na roda com a turma, porém sem chamar a atenção deles para a minha pessoa. Tentei não causar um impacto negativo para a turma na minha primeira aula, assim que o professor retornou com coletes amarelos na mão, me levantei e pedi para que ele me apresentasse novamente e retomasse brevemente o que fazia ali.

[8:10h]O professor me apresentou e explicou que quem daria a aula para turma nesse dia seria eu, falando que eu estava ali para aprender a ser professor, então passou a palavra a mim. Iniciei reforçando a apresentação dizendo a instituição na qual eu

estudo, qual seria a minha participação nas aulas de Educação Física da turma, e logo depois perguntei quem já havia me visto na escola antes das aulas de Educação Física, muitos relataram lembrar de mim no ano anterior fazendo atividades no intervalo, esse momento na escola é referente a minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Então muitos da turma já estavam habituados com a minha presença na escola.

MOMENTO DE ATIVIDADE

Após essa pergunta parti então para o tema que será abordado nas intervenções, iniciando a primeira unidade perguntando quem sabia me dizer o que é um “jogo de invasão”. Muitos alunos levantaram a mão, então fui dando o momento de fala para aqueles que se sentissem a vontade para falar, o Melão foi o primeiro a falar, dizendo que são jogos onde tem que entrar no campo do outro time e buscar alguma coisa, alguns disseram que eram jogos que precisa dominar o território do outro.

Após suas falas eu trouxe um complemento para o que eles sabiam sobre esse tipo de jogo, dizendo que – “ um jogo de invasão ele pode ser tanto quando uma pessoa ou equipe precisa entrar em um espaço ou setor da outra equipe para marcar ponto quanto quando essa mesma equipe precisa buscar alguma coisa dentro do espaço de outra para marcar um ponto”, fiz essa explicação com demonstração utilizando a linha central da quadra do ginásio. Perguntei se todos haviam compreendido as explicações dos colegas e a minha.

Com a resposta positiva, fiz outra pergunta, relacionada a que jogos eles já haviam visto na televisão ou mesmo fora da escola que tinham essas características. As respostas foram muitas: futebol; basquete; futebol americano; handebol; hóquei de gelo. Um aluno que estava sentado ao meu lado na roda disse que ele acha os jogos legais, mas que não gostava do futebol, então perguntei a ele de quais ele gostava de jogar, ele me disse que desses que falaram ele não gostava de nenhum em particular.

Então eu disse a ele que existia um jogo de invasão chamado “ultimate” que usava os objetos conhecidos como Frisbees, perguntei a ele – “você sabe o que é Frisbee?” e ele respondeu – “ não sei”, e então expliquei para a turma que esse jogo acontece em um campo de grama com um disco que os jogadores lançam entre si para tentar chegar até o fim do campo da outra equipe para marcar pontos.

Depois dessa explicação, perguntei se eles já haviam brincado de jogos que tinham essas características. Muitos disseram que sim, o aluno Melão citou – “a queimada também é né”, e então perguntei – “que tipo de queimada? Dependendo de como é o jogo pode ser sim”, expliquei demonstrando para eles o tipo de queimada que eu conhecia, na qual são duas equipes de frente uma para a outra em seus respectivos espaços/setores, com o objetivo de diminuir o número de pessoas jogando do outro lado.

Perguntei ao Melão – “é essa queimada que você pensou?”, ele acenou com a cabeça e disse – “sim!”, perguntei a ele sobre as características de um jogo de invasão, se do jeito que expliquei este jogo teria essas características, se as pessoas tinham que entrar no campo da outra equipe para fazer ponto ou se tinha que buscar algo para o mesmo fim, e a turma respondeu que não.

Uma aluna disse – “eu já brinquei de pique-bandeira, esse também é um jogo de invasão né”, e eu respondi – “sim! Esse também é um jogo de invasão e é justamente esse jogo que vamos jogar hoje!”, então antes de iniciar a explicação de como aconteceria a atividade, abri espaços para quem ainda tivesse alguma pergunta e a aluna Maçã levantou a mão – “eu tenho, porque você não está fazendo mais nada (apontando para

o professor P1) e só você está falando (apontando para mim)?”, e o professor P1 respondeu – “porque a gente trocou de lugar, agora ele que vai dar as aulas pra vocês esse mês, e eu vou ficar de fora olhando pra ajudar ele”, e ela respondeu – “ata, entendi!”.

Iniciei perguntando se a turma sabia como era o jogo do pique-bandeira, a maioria respondeu que sim, então pedi para que alguém explicasse, o aluno Pêssego pediu para explicar, ele disse que tem duas equipes e tinha que pegar a bandeira do outro lado e trazer de volta. Reforçando a explicação do Pêssego, continuei dizendo que essas duas equipes ficam dentro de áreas marcadas e teriam que proteger a bandeira que ficaria atrás dessa equipe em um espaço que eles não poderiam entrar, o qual nós usaríamos a área laranja da quadra de basquete.

Falei que teríamos a equipe amarela que receberia o colete amarelo para vestir e guardaria a bandeira vermelha, e a equipe vermelha que ficaria sem colete (o uniforme é da cor vermelha) e guardaria a bandeira azul. A monitora da turma se ofereceu para colocar as bandeiras nas posições, colocando-as penduradas nas metas (gol) de futsal que ficavam dentro do espaço laranja.

Com demonstração expliquei que as equipes deveriam montar estratégias para conseguir pegar a bandeira e retornar com ela para o seu lado, quem entrasse no campo da outra equipe poderia ser pego, ficando congelado no local e só podendo ser salvo pelo toque de alguém de sua mesma equipe. Alguém perguntou sobre a situação que a pessoa chega até a bandeira e fica dentro da área laranja, se essa poderia ser pega, expliquei que dentro da área laranja a pessoa não poderia ser pega, e se fosse pega tentando voltar com a bandeira, ficaria congelada no local e devolveria a bandeira para a área laranja. E a última coisa que falei antes de iniciar a atividade, foi que quando eu apitasse, deveríamos nos reunir no centro da quadra.

E então a atividade começou, e eu me posicionei na lateral da quadra para mediar a atividade, o professor P1 estava sentado no banco logo atrás de mim, por muitos já conhecerem o jogo havia muita facilidade em joga-lo e vi vários momentos em que alguns estavam com dúvidas em relação as regras e seus colegas orientavam e advertiam quando alguém não respeitava a regra. E então a equipe amarela marcou um ponto quando um menino correu até a área laranja pegou a bandeira e voltou em menos de dez segundos, pois a equipe vermelha estava com poucas pessoas em seu campo.

Eu apitei e pedi para que a gente se reunisse sentados no centro da quadra. Falei que a equipe amarela tinha feito um ponto e perguntei para a turma se eles observaram a situação e tinha uma ideia de porque a equipe conseguiu fazer um ponto. Alguns responderam que foi por causa da velocidade do menino, e outros da equipe vermelha disseram – “ah porque não ajudaram a gente a proteger a bandeira”, reforcei essa fala explicando – “exatamente! Vocês são uma equipe, quem faz o ponto não é uma pessoa sozinha e sim a equipe, então vocês têm que conversar entre si pra conseguir”.

Após a conversa dei reinício ao jogo, mais uma vez diversas situações ocorreram: pessoas sendo pegadas e se recusando a parar; pessoas pegando com puxões ou empurrões; três integrantes da equipe vermelha dentro da área laranja da outra equipe com a bandeira na mão conversando, quando um deles, Tomate, puxou a bandeira da mão do colega e saiu correndo para tentar fazer o ponto, porém foi pego no meio do caminho.

O professor P1 se levantou e ficou do meu lado, me dando dicas de como abordar essas situações, e falou também sobre limitar os espaços laterais da quadra para evitar acidentes com os objetos como cadeira, trave, colchões. E então a equipe amarela conseguiu recuperar sua bandeira mais uma vez. Eu apitei novamente, e chamei para sentarmos em roda no centro.

Assim que sentamos perguntei a eles o que sentiram fazendo essa atividade, houveram diversas falas: - “alegria”, - “um pouco de raiva”, - “não gostei de quando me empurraram”. Após as falas realizei comentários sobre as situações vistas por mim e pelo professor P1. Primeiramente, sobre os empurrões no momento de congelar os colegas os quais não deveriam ser feitos para evitar que alguém se machucasse, reforcei dizendo que essa regra servia principalmente para a segurança dos colegas. A outra regra que foi colocada para a segurança de todos foi de não poder pisar na área verde da quadra (parte externa das marcas de linha), neste momento a aluna Maçã disse – “isso, a parte verde é lava agora, se pisar vai perder o pé”, e eu afirmei – “é, vamos imaginar que é lava, pode ser?”, a turma concordou. E a última coisa na qual falei foi sobre o trabalho em equipe, citando a situação da equipe vermelha que não se entendeu no momento de buscar a bandeira explicitarei que o diálogo era importante para que eles conseguissem alcançar o objetivo, e precisavam entrar em um acordo para que isso acontecesse.

Perguntei se alguém tinha alguma dúvida ou sugestão sobre o jogo, então um menino disse – “eu tenho, vamos começar logo”. E com isso reiniciei o jogo, que desta vez se prolongou um pouco mais tendo as equipes se organizado melhor, e aparentemente eles estavam se entendendo com mais facilidade, e então parei o jogo, com um apito, antes que alguma equipe recuperasse a bandeira.

ÚLTIMO MOMENTO DE AULA

Para finalizar a aula, foi realizada mais uma conversa em roda, recapitulando os assuntos tratados durante as atividades. Perguntei para eles se alguém queria falar alguma coisa sobre jogos de invasão, poucos alunos se pronunciaram, e então retornei a falar sobre a possibilidade de identificar a característica dos jogos, reforcei a questão da segurança dos colegas durante as atividades e o diálogo entre a equipe.

E finalizei o momento dizendo que retornaríamos a falar do pique-bandeira na próxima aula, então começamos a nos deslocar para fora do ginásio, com os alunos pegando suas mochilas e formando filas na frente da saída, o professor P1 os conduziu para a sala, subindo pela rampa. Chegando na sala, nos despedimos da turma, e eu me despedi do professor P1, que se direcionou para buscar a próxima turma.

BEG20191T32RA02

Turma: 32

Professor: P1

Alunos Matriculados: 30

Alunos Presentes: 22 alunos (13 meninos e 9 meninas).

Horário: 10:30h – 12h

Data: 14/05/2019

Local: Quadra externa de Futsal

Clima: O clima estava chuvoso pelo início da manhã, parando no período da segunda aula. No início da aula, o professor P1 parecia estar bastante calmo, a estagiária Lima aparentava estar animada e o monitor Jujuba se demonstrava bastante quieto. Os alunos estavam inquietos e bastante animados para a aula de Educação Física.

PREPARAÇÃO

[10:33h] Eu, o Professor P1, a Estagiária Lima e o monitor Jujuba entramos na sala onde alguns da turma estavam terminando de copiar algo que a professora regente Pimenta havia escrito no quadro. A professora passou a palavra para mim, e então eu

pedi silêncio a turma, não obtive sucesso e então a professora reforçou o pedido, assim que os alunos fizeram silêncio, professor P1 pediu que guardassem o material.

O professor me deu o seu celular para que eu realizasse a chamada no sistema da rede da Prefeitura Municipal de Florianópolis, enquanto fazia a chamada precisei pedir silêncio algumas vezes. Estavam ausentes os alunos(as): Açai, Maçã, Pinha, Cereja, Romã, Toranja, Guaraná, Tangerina.

MOMENTO DE ATIVIDADE

[10:37h] Após a chamada, perguntei se todos lembravam da atividade da aula anterior. Precisei pedir silêncio novamente, alguns alunos levantaram a mão para explicar qual foi a atividade da aula de quarta-feira, o pique-bandeira: -"pegar a bandeira e levar pra outra quadra". Entreguei pedaços de folha branca para que a turma desenhasse a atividade da aula anterior. Alguns alunos que não vieram a aula de quarta-feira perguntaram – “e quem não veio a aula, faz o que professor?”. Então respondi que desenhassem algo sobre o pique-bandeira, e aqueles que não conhecessem o jogo, eu iria descrever como foi a aula para ajuda-los no desenho: - “Na última aula o professor P1 me apresentou e eu comecei a aula de Educação Física. Nós jogamos o pique-bandeira, um jogo de invasão. Vocês lembram onde estava a bandeira? Lembram que não podia pegar a pessoa na área laranja? Não podia puxar nem agarrar o colega, só pegar”.

Após a minha fala, o professor P1 recapitulou o que é uma brincadeira de invasão, utilizando como exemplo uma brincadeira de pega-pega que ele realizou com a turma em uma das aulas que observei. [10:42h] A turma estava calma desenhando e enquanto desenhavam, falei para que desenhassem aquilo que lembravam da atividade do Pique-bandeira. [10:46h] Os alunos foram terminando de desenhar, então fui pedindo para que pintassem o desenho. A aluna Uva me perguntou -"professor, pode desenhar boneco de palito?", afirmei – “pode desenhar do jeito que quiser”.

[10:47h] Falei para a turma que eles teriam mais cinco minutos para finalizarem os desenhos. Um aluno perguntou se iríamos descer para quadra e respondi que sim, mas iríamos continuar a aula, outra aluna me perguntou se teríamos aula naquele dia, e respondi que já estávamos tendo aula.

[10:51h] Os alunos que já haviam terminado seus desenhos, empolgados, foram me mostrando. E então pedi para que escrevessem o nome na folha para identificação. A turma começou a se agitar, principalmente àqueles que já haviam acabado. Pedi para que sentassem, porém não fui ouvido e então [10:55h] o professor P1 chamou a atenção da turma, explicando um sinal para que a turma fizesse silêncio. O sinal era que quando ele batesse na mesa, a turma bateria também e logo em seguida faria silêncio: o professor P1 batia cinco vezes na mesa e a turma teria que bater duas vezes e ficar em silêncio.

[10:57h] Assim que todos haviam terminado de fazer seus desenhos e escrever seus nomes, eu escrevi uma frase no quadro: “Você já jogou?”, e expliquei para a turma que eles deveria escrever essa pergunta em algum local da folha, levar para casa e perguntar para familiares e amigos se eles já haviam jogado algum jogo de invasão e que explicassem como é o jogo. E na próxima aula iríamos compartilhar isso.

[10:59h] Assim, que todos haviam terminado de escrever e haviam entendido a tarefa, pedi para que devagar formassem a fila no corredor, a turma desceu a rampa fazendo bastante barulho e bem agitados, e nos direcionamos para a quadra externa de futsal, e eu fui na frente guiando a turma.

[11:03h] Ao chegar na quadra, pedi para que deixassem suas mochilas no canto interno da quadra perto da entrada, e então eles foram entrando e alguns se sentaram no centro da quadra outros se espalharam pela quadra, precisei chamar a atenção do aluno Tomate pois ele estava se pendurando na meta (gol). E pedi para que todos sentássemos em círculo e assim que todos haviam sentado perguntei, quem havia dito que tinha faltado a aula anterior ou não sabia o que era o jogo do pique-bandeira, alguns alunos levantaram a mão. E pedi para que alguém explicasse o pique-bandeira para os demais, então passei a fala para o aluno Pêssego que queria explicar o jogo do pique-bandeira: - “A gente tinha uma bandeira dentro de uma área e tinha que pegar a bandeira de outro time e levar pra nossa área”, outra aluna complementou - “A gente do time vermelho tinha que pegar a bandeira do time amarelo”.

Alguns alunos dentro da roda estavam deitados no chão, a maioria estava prestando atenção. Chamei atenção daqueles que não estavam atentos. Enfatizei as questões de segurança e pedi para que Tomate levantasse a mão para falar, para que assim não me interrompesse e aos colegas falando. Um aluno exclamou para mim: - “professor, vamos começar logo!”. Então pedi paciência, pois faria isso assim que terminasse de explicar.

Perguntei a turma se seria possível fazer o jogo da mesma forma que foi feita dentro do ginásio na aula anterior, eles disseram que – “não!”, e eu questionei o porquê, com isso vieram respostas bastante parecidas envolvendo o tamanho das quadras: - “é que aqui a quadra é menor”, - “a quadra do ginásio é maior”, - “essa quadra é menor e aquela é maior”, perguntei se havia mais alguma coisa, e eles disseram que não. Então questionei sobre qual seria a solução para o fator tamanho da quadra. O aluno Pêssego disse – “é só dividir em várias equipes, ai fica mais espaço”, perguntei se a turma concordava com a sugestão, e disseram que sim. Com isso ficou definido que o jogo seria feito em três equipes. E retomei as regras que foram utilizadas na aula anterior, em relação a segurança ao congelar os colegas e ser pego, e principalmente àquele referente ao espaço pois em uma das laterais os colegas estariam sentados e haviam pequenas poças.

[11:10h] Comecei a distribuir os coletes amarelos para um grupo de alunos. E expliquei que o restante receberia o número um ou dois. Os de número um eram a outra equipe. Os de número dois sentaram para esperar sua vez. E com as equipes definidas pedi para que um representante de cada equipe que recebeu o número se aproximasse para jogar “impar-par” e decidir quem começaria o jogo, a equipe 1 iniciou. Após ter definido isso, reuni as equipes que começariam no centro, e o aluno Pêssego disse que a equipe vermelha tinha mais integrantes, e os demais contaram os integrantes da equipe, a equipe vermelha com nove pessoas e a equipe amarela com sete pessoas. Perguntei como poderíamos resolver esse problema, um aluno falou – “a é só tirar alguém da equipe deles”, então perguntei – “mas isso seria justo, ai a pessoa vai ficar sem jogar?”. Um aluno da equipe amarela disse – “ah é só alguém deles passar pra cá e pegar o colete”, então perguntei para o grupo se concordavam com essa solução, todos disseram que sim e perguntei quem da equipe vermelha poderia passar para a outra equipe, um menino levantou a mão e entreguei o colete a ele.

[11:16h] iniciei o jogo com um apito. O professor P1 ficou conversando com a equipe de número 2 que estava de fora. A turma no geral estava com dificuldade de montar uma estratégia para alcançar os objetivos do jogo, tendo apenas um foco (ou apenas defender ou apenas atacar), aparecendo muito mais as iniciativas individuais. A equipe amarela recuperou a bandeira, e então tentei reunir as equipes no centro, com bastante dificuldade de ter a atenção do grupo. Quando abri espaço para fala deles, o aluno Cacau disse – “a gente precisa de mais ajuda, não fica ninguém pra proteger ali atrás”,

falei que eles deveriam tentar conversar sobre isso e chegar numa solução em equipe. Dei um minuto para que eles montassem uma estratégia para o jogo.

[11:20h] O jogo começou novamente. Mas foi preciso interromper logo em seu início, pois houve um conflito entre Groselha e Tomate. A aluna Groselha disse que não queria mais participar da atividade e o aluno Tomate saiu irritado se recusando também a voltar para o jogo, então pedi para que todos sentassem em círculo no meio da quadra, e tentei chamar o aluno Tomate para se sentar com o grupo, porém não tive sucesso, então o professor P1 disse que iria conversar com ele. Me direcionei para a aluna Groselha que foi se sentar ao lado da estagiária Lima, falei para ela que precisávamos conversar sobre essa situação para que pudéssemos entender o que havia acontecido, na tentativa de evitar que acontecesse de novo, falei também que era importante que ele se juntasse a roda para que ela explicasse o que houve.

Com a turma reunida falei sobre os sentimentos que temos durante um jogo ou uma brincadeira, sobre como esses sentimentos interferem no jogo. E questionei como os alunos se sentem e se sentiram durante a atividade. Os alunos Pêssego e Açaí disseram – “eu fiquei feliz, a gente ganhou”, então questionei se eles tinham percebido que colegas da equipe deles saíram chateados do jogo, o aluno Goiaba disse que havia percebido e o aluno Pêssego disse que não. Com isso, perguntei para a turma se adiantava vencer e ficar feliz enquanto pessoas da sua equipe estavam tristes e chateados, enfatizando que o bom seria que a equipe toda estivesse feliz com a vitória. O professor P1 reforçou esse discurso falando sobre as situações do jogo desde a o momento de montar a estratégia e a importância de ouvir todos, até o momento de buscar a bandeira que precisam combinar algo para que o plano de buscar a bandeira dê certo.

E depois pedi para que a aluna Groselha falasse sobre o que houve, ela disse que sentiu raiva e tristeza durante os momentos de conflitos com o Tomate, mas que em alguns momentos sentiu-se feliz. Perguntei para a turma se a raiva era uma coisa boa, os alunos falaram que não. Continuei falando que esse é um sentimento que temos as vezes, e sempre teremos em algum momento, mas o importante é saber controla-lo para que a gente não machuque nenhum colega, porque as vezes a gente empurrar e bate nas pessoas quando estamos com raiva, e não é legal fazer isso. Perguntei se mais alguém queria falar algo sobre isso, e ninguém quis falar.

[11:33h] Então o jogo iniciou novamente, mas dessa vez, a equipe dois trocou de lugar com a equipe amarela que havia acumulado mais pontos, alguns alunos reclamaram, por terem saído sendo que haviam ganhado, então falei que ganhar não era o único objetivo. Ao posicionar as equipes, a diferença numérica entre os times se repetiu. Após os alunos solucionarem a situação, dei um minuto para que eles montassem uma estratégia.

O professor P1 conversou com o aluno Tomate, perguntando o porquê de ele estar tão bravo ultimamente, disse para que ele melhorasse seu comportamento. E pediu para que o Pêssego toda vez que ficasse estressado, contasse até 10 e respirasse.

[11:36h] A equipe vermelha pontuou e pedi para nos reunirmos em roda mais uma vez. Os alunos estavam inquietos, alguns não retornaram ao círculo. Tentei dar ênfase na regra do congelamento. E após isso realizei mais algumas rodadas do jogo, com a equipe vermelha pontuando na maioria das vezes. Nestes momentos apareceu explicitamente a dificuldade de respeitar a regra de ser congelado.

ÚLTIMO MOMENTO DA AULA

[11:43h] Pedi mais uma vez que nos reuníssemos sentados em um círculo, e retornei a falar sobre sentimentos. E passei a fala para uma aluna que disse - "nessa última rodada, eu não gostei que a gente montava estratégia e alguns ficavam conversando. Eu fiquei magoada", a aluna Groselha falou - "fiquei chateada que eu queria falar e alguns não me ouviam", neste momento discutimos sobre essas situações experienciadas durante a aula.

[11:47h] Após a conversa sobre os sentimentos, entreguei os desenhos aos alunos e pedi para que aqueles que se sentissem a vontade explicassem seu desenho, então a aluna Laranja foi a primeira a falar: - "eu fiz essa parte da quadra, as pessoas, as pessoas estão usando colete". À medida que fui entregando os trabalhos, poucos os alunos que queriam explicar seus desenhos.

O Aluno Pêssego pediu para explicar o seu desenho: - "aqui eu desenhei um time e o outro time na quadra. Aqui sou eu, ele e ele (pontou para os colegas) e eu botei o resultado, nós ganhamos". A aluna Romã desenhou o resultado.

O aluno Goiaba disse - "eu fiz a bandeira. Aqui eu fiz o gol... e o ponto", logo após ele o aluno Cacau falou - "meu desenho é o gol com a bandeira".

[11:52h] Alguns alunos estavam se levantando e saindo do círculo para mostrar seu desenho para os colegas, para ir guardar o desenho na mochila. Então pedi que se sentassem e apitei algumas vezes. Repeti o pedido, três vezes, para que se sentassem. Então quando consegui a atenção da turma novamente, pedi para que levassem o desenho pra casa e para que perguntassem aos pais se sabem o que é um jogo de invasão. E caso dissessem que não, eles poderiam explicar o jogo do pique-bandeira, para que os pais entendessem. E teriam que trazer as respostas no dia seguinte. [11:53h] após isso finalizei a aula e a turma pegou a mochila e se direcionou para o refeitório.

BEG20191T32RA03

Turma: 32

Professor: P1

Alunos Matriculados: 30

Alunos Presentes: 24 alunos.

Horário: 8h – 8:45h

Data: 15/05/2019

Local: Ginásio poliesportivo que possui regiões da quadra com tinta desgastada e partes de cimento ásperas.

Clima: O clima estava bastante instável, com uma temperatura relativamente baixa durante a manhã, os alunos estavam em sua maioria com roupas de frio.

PREPARAÇÃO

[8h] O professor P1 chegou e nos direcionamos para buscar a turma que estava nos aguardando no refeitório. Quando todos se agruparam na frente do professor, nos começamos a ir para o ginásio. Chegando na frente do ginásio, paramos para que o professor pudesse abrir o portão, ele pediu para que os alunos que estavam próximos dele se afastassem um pouco por conta de o portão estar um pouco instável. Logo entramos e o professor P1 pediu para que a turma colocasse as mochilas na frente das escadas para a arquibancada. Ao fazer isso, eles foram se sentando em roda no centro da quadra.

Eu e o professor fomos até a sala de materiais que fica dentro do ginásio, então eu peguei dois bambolês, uma corda dois bastões e duas bolas. Com esses materiais em mãos me direcionei para a roda formada no centro da quadra. Chegando ali, coloquei os materiais no meio da roda e comecei a conversar com a turma sobre a aula anterior, recapitulando o pique-bandeira e os assuntos que foram tratados na aula, a fim de que aqueles que haviam faltado entendessem o contexto da presente aula. Logo em seguida,

perguntei sobre os desenhos que eles haviam levado para casa na aula anterior, querendo saber quem havia conversado com os familiares e o que os familiares disseram referente ao jogo de invasão. Alguns alunos se manifestaram espontaneamente para falar sobre isso: o Cacau, Pêssego, Goiaba e Tomate. De uma forma geral o que eles trouxeram dos conhecimentos sobre esporte de invasão foi o futebol.

MOMENTO DE ATIVIDADE

Após essa retomada da aula anterior, iniciei a fala sobre o objetivo da presente aula, explicando que o foco seria na participação da turma para a modificação do jogo do pique-bandeira, tentando utilizar os materiais que coloquei no meio do círculo. Então perguntei para o grupo como poderíamos utilizar os materiais, e iniciamos pelas duas bolas de handebol que estavam ali, eles decidiram coloca-las como objeto a ser resgatado no campo adversário. Perguntei se poderíamos utilizar os bastões para este mesmo fim, alguns disseram que sim outros disseram que não, e novamente perguntei o porque da negativa e a aluna Groselha disse – “porque é menor e pode deixar cair na hora de correr”. Com isso o grupo decidiu que não utilizaria os bastões.

O próximo objeto foi a corda, a qual inicialmente eles não viam grande utilidade para esse objeto no jogo, porém uma menina disse – “dá pra usar como linha”, e outro aluno, o Goiaba disse – “mas não precisa, a quadra já tem linha no meio”, com essas falas questionei se poderíamos então utilizar a corda como linha em outro espaço como no lado de fora do ginásio, a maioria da turma afirmou que sim. Neste momento precisei pedir atenção algumas vezes, pois haviam algumas conversas simultâneas.

Perguntei para a turma sobre o que fazer com os bambolês, o aluno Goiaba disse – “pode usar que nem a bola pra buscar lá na área”, o aluno Cacau falou – “não! A gente pode usar como um lugar onde a gente não pode ser congelado”, e eu perguntei – “tipo uma zona segura?”, e o Cacau respondeu – “é, tipo isso!”. Perguntei ao grupo o que eles achavam da ideia, e muitos acharam a ideia interessante e concordaram e usa-la. Falei ao Cacau que a ideia tinha sido muito boa, e ele disse – “é, eu peguei da brincadeira que a gente fez ali no parquinho”. E para complementar a utilização do bambolê, eu sugeri que as equipes escolhessem o lugar onde sua zona segura estaria no campo adversário, e que isso faria parte da estratégia do grupo.

Dito isto, pedi para que eles permanecessem sentados e me levantei para pegar os coletes amarelos que estavam em cima de um banco na lateral da entrada da quadra, e então dividi as equipes entre amarela e vermelha, dando os coletes amarelos para eles ainda sentados de forma intercalado: a cada uma pessoa, a outra recebia um colete. Assim que terminei de distribuir os coletes perguntei se eles lembravam das regras iniciais do jogo, incluindo a dos bambolês que foi discutida anteriormente, eles afirmaram que sim.

Pedi para que todos se levantassem e para a equipe amarela ir para o meu lado esquerdo e a vermelha para o outro lado. Assim que as equipes estavam separadas um aluno me questionou sobre a equipe amarela ter uma pessoa a mais, e eu disse que não poderia simplesmente tirar alguém do jogo, mas enquanto eu falava uma menina chegou atrasada e a coloquei na equipe vermelha.

Então dei um minuto para as equipes tentarem montar suas estratégias, e tentei incentivar que a equipe vermelha conversasse para chegar em um acordo, pois essa equipe demonstrou bastante dificuldade em se reunir e conversar por não se entenderem muito bem.

Após o minuto ter passado eu apitei dando início ao jogo, e as interações se iniciaram. Eu deixei que o jogo continuasse por cerca de três rodas, quando o professor P1 se levantou do banco no qual estava sentando e me falou que percebeu que um menino

era bastante rápido e estava fazendo pontos sem ajuda e então me sugeriu que falasse para as equipes dividirem funções, e falar para a turma que aqueles que fossem mais rápidos poderiam ficar na defesa para congelar o máximo de pessoas possíveis liberando espaço no campo da equipe adversária. A equipe amarela estava tendo mais facilidade e neste momento em que professor conversava comigo a equipe amarela marcou outro ponto pois justamente um menino foi sozinho pegou a bola e voltou passando bem a nossa frente.

Então depois de uma breve conversa sobre a interação e conversa pra montar estratégia citando as sugestões feitas pelo professor, se iniciou outra rodada. E em um momento do jogo quando as duas equipes já tinham integrantes dentro das áreas onde estavam as bolas, no momento em que as duas equipes tentavam voltar com a bola, um menino da equipe vermelha foi congelado com a bola na mão e a equipe amarela marcou um ponto. Esta rodada do jogo teve uma grande duração pois as equipes aparentaram estar mais organizadas dificultando o resgate da bola.

Durante o jogo a Moranga me questionou sobre jogar a bola para a outra pessoa. E quando fiz a pausa seguinte expliquei sobre isso, dizendo que não podíamos lançar a bola para outra pessoa a fim de recuperar a bola com mais facilidade. O aluno Pêssego questionou essa regra dizendo que isso poderia fazer parte da estratégia, eu disse a ele que se isso fosse permitido seria muito fácil recuperar a bola e o jogo não teria graça. O Professor P1 reforçou dizendo que as estratégias deveriam ser pensando de acordo com as regras do jogo.

Outra situação discutida neste momento foi a que a pessoa congelada não pode ser salva recebendo a bola, só sendo tocada. Após essa conversa eu sugeri uma modificação relacionada o objeto resgatado, na qual poderíamos colocar uma pessoa para ser salva ao invés da bola, e neste caso as equipes deveriam escolher quem iria ser o "prisioneiro" que seria salvo. O grupo gostou da ideia e concordaram em realizar essa modificação. Ao iniciar o jogo, o professor me disse para estimular que decidissem rápido quem seria o "prisioneiro" por conta do tempo. E então o jogo estava configurado com a utilização dos bambolês como zona segura, e uma pessoa a ser resgatada. Para que a pessoa pudesse ser resgatada era preciso que houvesse alguém com ela dentro da área para que ela pudesse fugir. Houveram bastante dúvidas durante esse momento: se era preciso estar de mão dada com a pessoa; se a pessoa poderia sair sozinha da área. Essa rodada durou cerca de quatro minutos, pois já estávamos perto do fim da aula.

ÚLTIMO MOMENTO DE AULA

Apitei para que nos reuníssemos no centro da quadra, e muitos estavam me pedindo para serem os "prisioneiros" na próxima roda, porém falei que já estávamos no fim da aula e pedi para que sentássemos em roda. Enquanto estávamos sentados perguntei sobre as modificações feitas no jogo, se haviam funcionado, se alguém tinha alguma sugestão para compartilhar com o grupo. As respostas foram das mais diversas, haviam aqueles que gostaram das modificações, aqueles que queriam ter assumido funções diferentes durante o jogo, e aqueles que sugeriram que as atividades durassem mais tempo.

BEG20191T32RA04

Turma: 32

Alunos Matriculados: 30

Horário: 10:30h-12h

Professor: P1

Alunos Presentes: 28 alunos

Data: 21/05/2019

Local: A primeira aula foi realizada dentro de sala, na qual existem mesas e cadeiras que são utilizadas pelos alunos. Nas paredes existem materiais produzidos pela turma, como desenho maquetes dobraduras. Há um quadro branco em uma das paredes, e na parede oposta a porta de entrada existem janelas. A segunda aula foi feita no parquinho da escola que possui duas estruturas com escorregadores e espaços de escalada. Uma dessas estruturas estavam com seu arredor coberto por poças de água, o chão é de terra e com pequenas pedras, havendo um espaço feito de cimento com um degrau de elevação que se estende lateralmente do início ao fim do parquinho.

Clima: O clima estava agradável, com aberturas de sol durante a manhã. A turma se demonstrava ansiosa pela aula de Educação Física, porém esperavam que não fosse realizada na sala. A quadra externa de futsal estava sendo pintada, portanto não poderia ser utilizada.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[10:30h] eu, junto com o professor Flamingo, estava na frente da sala da turma 32, porém o professor P1 e a estagiária Lima, ainda não haviam chegado. Então eu disse ao professor Flamingo que iria procurar o professor P1 que provavelmente ainda estaria com a turma do segundo ano na sala. Chegando na sala do segundo ano, eles estavam lá dentro com a turma. Então esperei alguns momentos e quando a professor da próxima aula chegou, nós saímos e nos direcionamos para a sala da turma do terceiro ano.

[10:35h] Entraram na sala de aula a estagiária do PIBID Lima, o professor P1, o professor Flamingo e eu. Assim que entramos o professor P1 pediu silêncio e falou que eu continuaria dando as aulas, e então aproveitou o momento para apresentar o professor Flamingo, dizendo que – “ele é professor lá na universidade federal”. Então o aluno Cacau falou – “nossa quanta gente!”. Com a turma em silêncio o professor P1 me passou o seu celular para realizar a chamada no sistema de Prefeitura Municipal de Florianópolis. Iniciei a chamada e muitos estavam respondendo com – “presunto!”, “presente cachorro-quente!”, depois de algumas vezes que ouvi essas respostas comentei brincando – “vocês estão com fome hoje né”, essa minha fala gerou uma agitação imediata, porém consegui controlar logo em seguida e continuar a chamada.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

Após a chamada para retomar o assunto da aula anterior, perguntei o que havíamos visto e conversado, muitos alunos levantaram a mão então tentei dar a vez para alguns deles falarem, o Graviola comentou sobre o pique-bandeira e os jogos de invasão. O aluno Melão disse – “o jogo de invasão é tipo como se fosse futebol”, com essa fala, um aluno me perguntou – “nós vamos jogar futebol?” e eu respondi “talvez em alguma aula mais pra frente”.

[10:40h] Os alunos estavam conversando bastante e não estavam prestando atenção nas falas dos colegas, eu tentei pedir silêncio sem muito êxito, então o professor P1 entrevistou pedindo silêncio. Assim que fizeram silêncio perguntei sobre a possibilidade de realizar o pique-bandeira em outro espaço dentro da escola que não fosse nas quadras.

Os alunos então comentaram sobre os espaços da escola, citando o pátio ao lado da quadra externa de futsal, o espaço ao lado da quadra externa de vôlei, e o aluno Cacau comentou – “tão pintando as quadras, da pra fazer no parquinho”, e aluna Moranga complementou – “No castelo, pode ter a bandeira”, se referindo ao brinquedo com

escorregador que existe no parquinho. Neste momento a turma se exaltou e começaram a bater nas mesas em unísono dizendo – “parquinho! Parquinho!”. Eu tentei conter o barulho dizendo – “ta bom, calma, calma! Vamos continuar!”

[10:43h] Após essa conversa eu pedi para que os alunos comentassem sobre outros espaços fora da escola onde poderia ser feito o jogo do pique-bandeira, e com isso distribuí pedaços de folha branca para que desenhassem esses espaços. Alguns alunos aparentaram estar chateados por ficarem dentro da sala de aula.

Continuei explicando que era importante sabermos onde era possível fazer esse jogo, pois identificando os lugares perto de casa e compartilhando com os colegas, aumentamos nossas possibilidades de jogar esse jogo, e não ficamos limitados a jogar somente na Educação Física e dentro das quadras de esporte. E reforcei que poderiam desenhar espaços perto da casa de sua vó, da mãe, mas que fossem fora da escola e poderia escrever o nome dos outros lugares que pensassem.

[10:48h] A aluna Maçã disse não saber nenhum espaço para desenhar, então eu pedi para que ela pensasse um pouco mais, podendo ser perto da casa de um amigo, ou casa de vó. Muitos alunos durante o processo de desenhar levantavam e se direcionavam a mim para mostrar seus desenhos, e eu elogiava os desenhos e tentava incentiva-los a pintar os desenhos. [10:54h] assim que a maioria demonstrou ter terminado de desenhar, estimulei novamente com que eles pintassem os desenhos. [10:58h] perguntei a turma quem já havia terminado seu desenho e pedi para que estes guardassem o material. E enquanto ainda haviam alguns finalizando seu desenho, perguntei se alguém gostaria de explicar o local que desenhou para a turma.

A aluna Moranga explicou seu desenho dizendo – “a gente pode brincar de pique-bandeira na praia e no campo de aviação”. E aproveitando a fala dela perguntei quem mais havia desenhado a praia, e cinco alunos levantaram a mão. [11:00h] A turma demonstrava agitação, e dificuldade em fazer silêncio, muitos querendo falar ao mesmo tempo sem levantar a mão.

O aluno Cacau foi o próximo a falar e mostrou seu desenho dizendo – “o meu é uma quadra... que é aquelas quadras lá, que tem aquelas borrachinhas pra quando tu cair não se machucar”. Outro aluno mostrou o seu, falando – “eu desenhei a Lagoa da Chica”. O barulho continuava e alguns alunos se exaltaram pedindo silêncio usando um vocabulário em tom agressivo – “cala a boca!”, - “todo mundo quieto!”. Então pedi silêncio aos dois meninos que estavam gritando.

[11:04h] Pedi para que os alunos permanecessem sentados enquanto eu recolhia os desenhos. [11:06h] Então eu disse que o espaço que poderíamos utilizar para a presente aula seria em frente às quadras, pois a quadra externa de futsal estava sendo pintada. Os alunos comentaram que haviam outros espaços como a quadra externa de vôlei, porém esclareci que haviam outras aulas de Educação Física acontecendo e outra turma estava usando esse espaço. Os alunos ficaram chateados com esse fato e começaram a clamar para que fosse no parquinho. Então falei que se eles realmente queriam fazer o jogo no parquinho precisaríamos organizar como seria feito naquele espaço. [11:09h] Então falei que seria necessário pensarmos em um outro “castelo”, visto que no

parquinho um dos “castelos” citados pelos alunos estavam com seus arredores molhados.

[11:11h] Outras ideias para realizar o pique-bandeira foram sugeridas, como adicionar bambolês para serem zona segura, esconder a bandeira. A sugestão de esconder a bandeira gerou divergências, pois alguns alunos não acharam uma ideia boa, justificando que – “lá tem pouco espaço para esconder a bandeira”. Então expliquei na sala como aconteceria o jogo na área do parquinho: teria duas equipes, uma de colete (amarelo) e outra sem colete (uniforme vermelho), haveria um bambolê para cada equipe como zona segura, e os castelos seriam um dos brinquedos que tem três escorregadores e o outro castelo seria uma área ao fundo do parque marcada por um risco no chão.

[11:15h] Falei para a turma pegar suas mochilas e formar uma fila a frente da sala, e me posicionei na frente deles, dizendo que só desceríamos quando a fila estivesse formada. Assim que a turma se posicionou na fila, iniciamos a descida. Os alunos estavam agitados alguns esperavam o grupo se afastar para conseguir descer correndo, tentei controlar para que todos permanecessem logo atrás de mim. Chegando no refeitório pedi para que todos andassem em cima da linha cinza, pois as funcionárias estavam limpando o chão.

Ao chegar no parquinho, pedi para que colocassem suas mochilas encostadas na parede do ginásio e se sentassem lado a lado, na área de cimento que existe no espaço do parquinho. Então iniciei dizendo que o jogo aconteceria ali, e perguntei se algum deles queria explicar como aconteceria o jogo no espaço, e o aluno Pêssego se ofereceu para explicar, porém a turma conversava enquanto ele tentava falar, precisei pedir silêncio para que ele continuasse, o Pêssego falou – “aqui vai ter o castelo, dentro do castelo pode ser salvo”, então perguntei onde seria o outro castelo. Ele pareceu estar na dúvida, então indiquei o local no qual eu estava fazendo um risco no chão com os pés, e o Pêssego apontou o local para a turma. Perguntei a ele onde seria a linha do meio, e já no local perguntei se poderia ser onde eu estava, e o aluno concordou. Após a fala do Pêssego, perguntei se mais alguém tinham interesse em explicar o resto das regras, e o aluno Cacau se voluntariou, perguntei para ele como utilizaríamos os materiais começando pelos bambolês, ele explicou a função dos bambolês, e eu perguntei ao grupo se eu poderia posicioná-los, e a turma aceitou. Depois perguntei ao Cacau o que seria utilizado como objeto para as equipes buscarem, ele pareceu estar na dúvida, então com duas bolas de handebol na mão perguntei se poderíamos utilizar as duas, ele concordou.

[11:24h] Agradei a explicação do Cacau e continuei a explicação das demais regras sobre onde deveriam chegar, o que deveriam fazer, onde podem se proteger, que área os de colete devem proteger. A bola do time amarelo estava no “castelo” do escorregador, local que o time vermelho devia proteger.

Questionei a turma sobre um combinado que eles tinham com o professor P1 quando faziam brincadeiras no parquinho, a maioria demonstrou não ter entendido o que eu tentei dizer, mas alguns alunos responderam – “não pode subir no cimento”, e eu continuei – “isso mesmo, vocês podem escorregar e se machucar se correrem aqui em cima. Então quem pisar aqui vai ser congelado e tem que ser salvo para sair”. Enfatizei que essa regra servia para segurança da turma.

[11:30h] O jogo teve início, e a equipe amarela teve bastante facilidade em congelar os integrantes da equipe vermelha, mas ambas equipes tiveram dificuldade de pegar a bola do adversário. [11:33h] os alunos pareceram estar se confundindo no jogo e o professor P1 me sugeriu que reunisse todos e retomasse algumas explicações sobre o jogo. o aluno Melão demonstrou impaciência ao parar a brincadeira - "ah de novo não!". E aproveitei o momento para adicionar sugestões, dizendo que o escorregador poderia ser um novo ponto proteção para um time, e a árvore seria o outro tendo a mesma função dos bambolês. E lembrei que pisar no cimento faria a pessoa ser congelada. Logo então dei um certo tempo para que as equipes montassem uma estratégia. [11:36h] O professor P1 chamou a equipe amarela para decidirem uma estratégia e eu reuni a equipe vermelha para resolverem o que fariam.

[11:38h] O jogo teve início novamente. Os alunos tinham facilidade de chegar ao castelo do outro lado e pegar a bola, mas não conseguia retornar com a mesma. A movimentação entre as equipes foi grande. Havia muitas pessoas congeladas e poucas pessoas tentando salvar. As bolas permaneciam nas respectivas áreas de início. Até que a equipe vermelha conseguiu retornar com a bola até sua área inicial. [11:43h] A equipe vermelha pontuou, então reuni a turma em círculo para iniciar outra rodada. [11:45h] outra rodada começou, porém foi mais rápida, as equipes descobriram uma forma de ganhar, e ao fim do jogo a equipe vermelha pontuou novamente. [11:49h] uma quarta rodada foi realizada, mas acabou rapidamente devido ao horário que já estava se esgotando.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[11:49h] Neste momento pedi para que todos se sentassem no cimento para que conversássemos sobre a prática, então perguntei o que foi preciso mudar no jogo para que ele pudesse ser realizado naquele espaço. Um dos alunos respondeu – “os castelos! Antes não tinham castelos. Tentei estimular que houvessem mais respostas, porém não tive êxito, então finalizei a conversa, falando sobre a necessidade de se fazer linhas no chão para demarcar espaços, por falta de linhas iguais as que existem nas quadras de esporte. [11:53h] A aula chegou ao fim, e falei para os alunos pegarem suas mochilas e se direcionarem para o refeitório, alguns alunos queriam se deslocar diretamente para o portão da saída, pelo fato de seus pais já estarem aguardando, mas pedi que passassem pelo refeitório. Saindo do parquinho, os alunos Pêssego e Tomate iniciaram um conflito verbal e físico, o qual foi preciso interferir e conversar com eles, principalmente retomando assuntos que foram vistos em aulas anteriores sobre bater no colega e o sentimento de raiva.

BEG20191T32RA05

Turma: 32
Alunos Matriculados: 30
Horário: 8h – 8:45h

Professor: P1
Alunos Presentes: 20 alunos.
Data: 22/05/2019

Local: Ginásio poliesportivo que possui regiões da quadra com tinta desgastada e partes de cimento ásperas.

Clima: O clima estava nublado com chuvas isoladas no início da manhã. Temperatura amena. A turma parecia estar desanimada, e cansada. Faltaram muitos alunos, e os que estavam presentes se mostraram entediados em relação a aula.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[8:02h] Eu junto com o professor P1, busquei a turma no espaço do refeitório. Enquanto aguardávamos para que a turma se reunisse, uma mulher com sua filha nos perguntou qual era a turma da professora Pimenta (turma 32), eu disse – “é essa aqui mesmo”, e a mulher disse – “ah essa aqui é a Cajú, ela é nova e vai ser da turma da Pimenta”, respondi direcionando a fala para a menina – “ah que legal! Oi Cajú, tudo bem, olha só a primeira aula vai ser de Educação Física, aí depois nós vamos conhecer a sua sala nova, pode ser?!” e a menina acenou com a cabeça em concordância. O professor P1 perguntou à mãe da menina se havia o bilhete na agenda, e ela respondeu que sim. Após essa conversa iniciamos o deslocamento para o ginásio. Chegando no ginásio pedi para a turma colocar as mochilas nos cantos perto das escadas para a arquibancada, e expliquei para Cajú que ela poderia deixar sua mochila no canto e se sentar com a turma em círculo no centro da quadra. Então eu e o professor P1 nos direcionamos para a sala de materiais, para pegar bolas e coletes.

[8:08h] Me sentei na roda junto com os alunos e iniciei uma conversa sobre os esportes considerados de invasão. Utilizei o momento para distribuir cinco imagens que representassem alguns esportes, a fim de que alunos os identificassem: Futsal, Handebol, Futebol Americano, Basquete, Ultimate Frisbee. Perguntei quem havia conseguido identificar os esportes das imagens, a aluna Moranga falou que uma das imagens era o futebol americano. Perguntei para a turma se todos sabiam como era esse jogo, alguns alunos disseram que não sabiam, então pedi para que a Moranga explicasse para os colegas. Ela começou dizendo que – “tem duas equipes, com uma bola que não é bem uma bola”, alguém complementou – “é uma bola oval, ela não é redonda”, e ela continuou – “isso! Aí tem que levar essa bola até o final do campo no outro lado”. então complementei a fala dizendo – “e os jogadores levam a bola na mão, vocês conseguiram entender a explicação da colega?”, eles responderam que sim.

Perguntei se todos já haviam visto todas as cinco imagens, eles responderam que não, e após todos terem visto, perguntei qual eram as características que esses jogos tinham em comum. A maioria das respostas foram: - “são jogos de invasão”, - “têm dois times”. O aluno Melão disse – “quase todos eles têm bola, só um que não tem”, complementei sua fala dizendo – “isso todos tem um objeto que deve ser levado a algum lugar para marcar pontos”. Depois perguntei – “qual a diferença pro pique-bandeira?”. Um aluno respondeu – “o pique-bandeira tem que buscar e esses têm que levar uma coisa”. Com a conclusão deste pensamento sugeri uma mudança no jogo que havíamos fazendo – “então vamos montar um jogo com essa característica”. Neste momento após essa minha fala o aluno Abacate perguntou – “nós não vamos jogar?”, e eu respondi – “sim vamos fazer isso agora”.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

Comecei a explicação de como ocorreria o jogo dizendo que teriam duas equipes, usaríamos as bolas e para fazer o ponto (demonstrei com o professor P1) deveríamos correr e antes de ser pego passar a bola para alguém da nossa equipe que estivesse atrás. Enquanto eu distribuía os coletes, muitos queriam escolher se recebia o colete ou não, falei que isso não era possível pois não dava para todos escolherem. Após ter distribuído

pedi para que eles se levantassem, e com eles em pé eu expliquei que ao ser pego a pessoa fica congelada e se estiver com a bola na mão, deveria devolver a bola para o lado de sua equipe.

Dei a bola para os monitores entregarem aos alunos. Avisei que quando eu apitasse e pedisse para nos reunirmos, precisaríamos ser rápidos para que eu conseguisse dar explicações e tirar dúvidas e pudéssemos jogar por mais tempo.

[8:20h] então apitei e dei início a atividade. Eles começaram com dificuldade de entender o objetivo do jogo, muitos corriam para o outro lado sem a bola. Meninos da equipe amarela tentavam passar com a bola, e um deles conseguiu passando sozinho. Então apitei e chamei a turma, expliquei que para valer o ponto eles não poderiam correr sozinhos e deveriam passar a bola para alguém antes. A aluna Moranga tinha uma dúvida sobre poder receber a bola quando se está congelada, e falei que isso não poderia ser feito. Sanei outras dúvidas sobre o que fazer com a bola quando for pego com ela na mão e então reiniciamos o jogo.

Notei que a equipe amarela estava com meninos que eram mais rápidos, porém eles foram diversas vezes levar a bola esquecendo das regras do jogo, fazendo com que os pontos que tentavam marcar não valessem. A equipe vermelha tinha meninas que estavam tentando compreender o jogo e montar estratégias seguindo as regras que foram colocadas, porém não conseguiam ser ágeis o suficiente.

A aluna nova, Cajú, não estava se sentindo muito confortável e se afastou do jogo e se sentou ao lado do professor P1. A aluna Maçã se queixou de dores no peito então não participou da atividade principal.

Em uma das paradas, troquei um aluno que demonstrava ser mais ágil que os demais da equipe amarela para a vermelha, e duas meninas da equipe amarela pediram para trocar também. Com essas trocas o jogo pareceu ter um melhor equilíbrio referente a dificuldade das equipes em transpor os espaços com a bola.

ÚLTIMO MOMENTO DE AULA

[8:40h] Encerrei a aula com uma roda, perguntando quais as dificuldades encontradas no jogo: - “passar a bola para traz”, - “ser congelado e ninguém descongelar”. Perguntei se alguém queria falar algo sobre a presente aula e a atividade, ninguém se pronunciou e então eu disse que voltaríamos a falar sobre esse jogo na “aula de semana que vem”, a turma respondeu – “só semana que vem?” e eu disse – “é, só semana que vem, vocês tem mais aula de Educação Física essa semana?”, alguns responderam – “não, não temos”, finalizei dizendo – “então a próxima aula é só semana que vem”. Falei para que pegassem suas mochilas e formassem uma fila para subir até a sala. Durante a subida os alunos pareciam não estar muito agitados e conversavam, chegando na sala pedi para a turma ajudar a aluna Caju a encontrar um lugar para sentar, neste momento a professor da próxima aula chegou e o professor P1 indicou que haviam uma aluna nova na turma, nos despedimos da turma e saímos.

BEG20191T32RA06

Turma: 32

Professor: P1

Alunos Matriculados: 31

Alunos Presentes: 21 alunos. (Ausentes: Ameixa, Amora, Romã, Caju, Maracujá, Uva, Guaraná, Cacau, Tangerina, Kiwi)

Horário: 10:30h – 12h

Data: 28/05/2019

Local: Sala de Dança, a qual estava com o chão feito de madeira coberto em partes por tatames. E Auditório, no qual existe diversas cadeiras organizadas em direção ao fundo da sala, onde existe um projetor de imagem preso no teto e uma mesa posicionada perpendicularmente à parede onde a imagem é projetada.

Clima: Chovia bastante pela manhã, tornando os espaços externos impossibilitados para a realização de atividades. Dez alunos da turma faltaram, e os que estavam presentes aparentavam estar animados para a aula de Educação Física.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

Às 10h35min eu, acompanhado do professor P1 e da estagiária do PIBID Lima, entrei na sala. Cumprimentei a turma e a professor Pimenta desejando um bom dia, com o professor cumprimentando-os logo em seguida, e a estagiária Lima se deslocando para sentar na parte de trás da sala. O professor P1 me entregou o seu celular para que eu realizasse a chamada, visualmente era possível perceber que muitos haviam faltado. Enquanto realizava a chamada precisei pedir silêncio algumas vezes.

[10:39h] falei para os alunos pegarem suas mochilas e formar uma fila no corredor para nos deslocarmos até o local onde começaria a aula, pedi para que formassem duas filas antes de irmos, os que estavam logo a minha frente pareceram ansiosos dizendo – “a fila já esta formada professor, vamos logo!”, eu disse que era preciso que seus colegas formassem a fila primeiro. Após a maioria ter se posicionado em fila, começamos a ir em direção as rampas para descer até a sala de dança. No caminho tentei manter os alunos logo atrás de mim para evitar que corressem pela rampa. Chegando na frente da sala de dança, pedi para que eles tirassem os sapatos e os deixassem junto com a mochila no lado de fora da sala, próximos ao banco existente ali.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

[10:43h] ao entrar na sala de dança os alunos começaram a brincar e bater nos tatames, além de realizar rodantes. Tive dificuldade para retomar a atenção deles para a minha pessoa, primeiramente pedi para que se sentassem com as costas tocando a parede oposta ao espelho, porém não tive sucesso por muitos alunos estarem se dispersando. Então pedi silêncio e solicitei que fizéssemos um círculo para iniciar as atividades, tentei retomar o que havíamos feito na aula anterior e onde tinha acontecido essa aula. As primeiras respostas envolveram falas como – “a aula foi no parquinho”, - “nós brincamos de pique-bandeira”. Com essas respostas questionei se eles tinham certeza do que estavam falando, alguns deles pareceram ter dúvida da informação. Então falei que nós realmente tínhamos feito uma atividade que envolvia o pique-bandeira, porém ela não havia acontecido no parquinho e sim no ginásio. Perguntei se alguém lembrava como havia sido o jogo da aula anterior e o aluno Açaí levantou a mão para falar – “a gente tinha que pegar nossa bola e ir pro outro lado sem ser pego”, o aluno Pêssego levantou a mão para falar e disse – “ao invés de pegar a bola, tinha que pegar a pessoa”, questionei se isso havia sido na aula anterior e ele parou por um momento e disse que não.

Continuei perguntando à turma se eles lembravam de terem visto imagens de jogos no início da aula anterior, a resposta foi positiva, então perguntei quais tinham sido os jogos vistos nas imagens. Eles responderam: basquete, futsal, frisbee, voleibol, futebol americano. Perguntei sobre o voleibol estar presente nas imagens vistas, o aluno Melão disse que não estava presente, eu perguntei o porquê de não estar presente, e eles responderam – “porque não é jogo de invasão!”

[10:49h] comentei sobre um jogo chamado “imagem e ação” perguntando se alguém conhecia, e muitos alunos queriam falar ao mesmo tempo então falei para que levantassem a mão para falar, e passei a palavra para a aluna Maçã que comentou já ter jogado esse jogo e envolvia imitar uma batalha em um castelo e tinha que atirar. Com esse fala a turma ficou agitada novamente falando em tom de graça – “atirar?! O que, vamos atirar?!” e encenavam quedas no chão com a mão no peito. Então falei que não tinha tiro nesse jogo, mas sim que tínhamos que imitar alguma coisa. Continuei dizendo que faríamos esse jogo e dividiríamos a turma em 5 grupos onde cada um receberia uma imagem de algum jogo de invasão, e esse grupo teria que encenar uma ação desse jogo para que os outros adivinhassem.

Comecei a dividir os grupos indicando números de um a cinco para eles, sendo cada número era um grupo diferente. Assim que designei os números, pedi para que eles ficassem sentados e me direcionei para pegar as imagens que daria a cada grupo. Busquei na minha pasta as imagens que seriam utilizadas pelas equipes, então chamei a equipe um para sentar perto da porta, avisei para o restante permanecer sentado, entreguei uma imagem para eles. Chamei a equipe dois para sentar no canto entre as janelas e o espelho entregando uma imagem para essa equipe também, logo depois chamei a equipe três para sentar perto da coluna que fica no meio de uma das paredes com janelas. Em seguida chamei a equipe quatro para sentarem perto da outra parede com janelas e a equipe cinco se sentou perto da coluna que fica na parede onde está a porta de entrada.

[10:56h] me direcionei novamente até minha pasta para pegar cinco pedaços de papel branco que tinha pequenas tabelas desenhadas e entreguei para as equipes. Neste momento haviam bastante conversa e agitação, tive bastante dificuldade em conseguir a atenção dos alunos, mas assim que consegui expliquei a atividade, dizendo que cada equipe iria encenar um jogo de invasão e as outras equipes teriam que adivinhar qual jogo seria, após isso me aproximei de cada equipe pedi para um integrante buscar um lápis para escrever no papel. Os alunos, Graviola da equipe dois e o Melão que estava na equipe três, não estavam querendo participar da atividade. Então tentei chamar o aluno Graviola para fazer parte da equipe três se ele se sentisse mais a vontade, e ele aceitou.

[11:00h] os alunos estavam desenhando o jogo nas folhas. Alguns alunos como o Framboesa e a Cereja estavam brincando no tatame. Havia muito barulho, e eu tive dificuldade chamar a atenção da turma, então pedi silêncio com mais firmeza. Precisei me aproximar dos alunos Açaí e Tomate que não parava para prestar atenção e perguntei a eles se seria necessário tira-los da atividade. E após isso, tentei iniciar a atividade com o grupo.

[11:02h] no grupo um, os alunos Goiaba e Abacate junto com duas meninas encenaram o Futsal. Abacate era a bola, e Goiaba encenou um chute na mesma. A turma exclamou – “futsal!”. A turma se agitou novamente e pedi silêncio mais uma vez.

[11:04] na vez do grupo dois, o aluno Framboesa se recusou a participar da encenação, tentei convence-lo a participar, porém não tive êxito, então os alunos Pêssego, Caqui e mais uma menina, começaram a encenar um jogo lançando um objeto imaginário entre eles (Frisbee). Na turma duas respostas predominaram: Basquete e Frisbee. No terceiro grupo a aluna Maçã ficou em pé e esticou os braços a frente e tocou os dedos da mão formando um círculo, e outra menina fingiu estar com uma bola na mão e jogou essa bola dentro desse círculo. A turma respondeu que seria o basquete. Novamente foi preciso pedir silêncio, e logo depois falei para a turma que eles deveriam escrever os nomes dentro da tabela que existia nos papéis brancos, e os grupos que encenassem não poderia revelar o que é. Continuando com o grupo quatro, eles estavam com dificuldade

de montar um encenação, pois as meninas não conseguiam imaginar o jogo de Futsal, e os meninos não pareciam estar colaborando. Fui ajuda-los a montar uma cena, primeiramente expliquei brevemente como acontece o jogo e depois dei uma ideia de cena, então a aluna Banana se posicionou de costas para a parede e na frente dela havia o aluno Açai e outra aluna, lado a lado de costas para Banana, e em frente a eles estavam o aluno Tomate que se deslocou pelo meio dos dois e em frente a aluna Banana, chutou uma bola imaginária. A turma gritou “gol!” e a agitação retornou e pedi silêncio novamente.

[11:11h] o grupo cinco também estava com dificuldade e pediu para que eu os ajudasse, pois eles sabiam qual jogo era, mas não sabiam como encenar, expliquei para eles como jogo de futebol americano acontecia para que eles soubessem o que fazer. Então expliquei que tinha uma bola que os times tentavam levar até uma área no final do campo, e geralmente quando a pessoa conseguia fazer isso, ela jogava a bola no chão e comemorava, sugeri que fizesse uma cena de alguém tentando passar pelas pessoas e conseguindo marcar esse ponto. A encenação deles ocorreu de forma que a aluna Groselha passou uma bola imaginária para a aluna Moranga que agarrou a mesma e simulou uma corrida até um certo ponto. A turma respondeu que era Futebol americano. O aluno Melão se recusou a participar, porém atrapalhava o desenrolar das atividades. Ao final das encenações pedi para que fizéssemos uma roda e conversássemos sobre a atividade, comecei perguntando quem sabia o que o grupo um tinha imitado, e a resposta foi unânime – “Futsal!”, porém perguntei ao grupo um se era mesma essa imagem que eles haviam recebido, e o aluno Goiaba mostrou a imagem dizendo – “sim! Olha só, é uma quadra de Futsal”. O Aluno Melão se pronunciou dizendo que a imagem era de Handebol, e complementei dizendo que a quadra usada é bem parecida, mas na imagem estão jogando a bola com a mão ao invés do pé.

A turma reclamou achando que tinha errado, mas falei que todos tinham acertado porque Futsal foi o jogo que o grupo um encenou. Depois perguntei sobre a encenação dos demais grupos, e todos conseguiram identificar o jogo: - “Frisbee”; - “Basquete”; - “Futsal”; - “Futebol americano”.

Alguns alunos questionaram que a encenação do grupo quatro poderia ser Futebol, e eu falei que poderia sim, mas na imagem era Futsal. Neste momento perguntei se a turma sabia a diferença entre esses dois jogos. A Moranga falou que um se jogava em lugar aberto e o outro em lugar fechada, respondi – “é quase isso, porque tem a ver com o chão que cada um usa”. E alguns alunos responderam – “o futebol é na grama!”, e complementei – “isso, e o Futsal se joga em chão de cimento ou madeira, além de a quadra ser menor”.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[11:18h] terminei a atividade na sala de dança, e pedi para a turma colocar os sapatos e pegar seus materiais, pois subiríamos para a sala do auditório. Nos deslocamos até o auditório subindo pela escada.

[11:25h] Dentro da sala, pedi para a turma sentar nas cadeiras mais próximas da tela para que pudessem ver os vídeos, e eu pudesse escuta-los. Então liguei o computador, o professor P1 ajudou a ligar o projetor, conectei os cabos e comecei a conversar com a turma perguntando quais os jogos que tinham na atividade da sala de dança. E de acordo com a fala deles, fui mostrando os vídeos começando pelo Futsal que foi o primeiro a ser dito.

Perguntei se alguém nunca havia visto um jogo de Futsal, e a aluna Cereja levantou a mão, expliquei que o vídeo se tratava do jogo da seleção brasileira em um campeonato mundial, e falei sobre a movimentação de entrar no campo do adversário. Perguntei o que os jogadores estavam tentando fazer com a bola, e eles responderam – “fazer o

gol”, e comentei dizendo – “isso eles estão tentando colocar a bola lá naquele espaço que tem o nome de ‘Meta’ para conseguir marcar um ponto”. Quando o Brasil marcou um gol a turma toda gritou – “Gooooool!”.

O segundo jogo era um jogo de futebol, o qual contextualizei perguntando se a turma lembrava dos jogos Olímpicos que aconteceram no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro em 2016, eles afirmaram que sim, então eu disse que esse jogo era a final do futebol entre Brasil e Alemanha. O terceiro vídeo que mostrei era do jogo Ultimate Frisbee, e perguntei se a turma já havia visto como era esse jogo, e a maioria não sabia como era. Então expliquei que o jogo ainda não era popular no Brasil e era mais praticado no país Estados Unidos.

[11:33h] o quarto vídeo era sobre Basquete, a aluna Groselha comentou – “ah basquete é chato”, porém o restante da turma gritava – “cesta!” a cada ponto que era marcado no vídeo. Este vídeo que mostrei contextualizei dizendo que era um campeonato brasileira chamado de “NBB” e que tinham muitos times com o mesmo nome de times de futebol, como o que aparecia no vídeo, o Flamengo, que jogava contra o time de Franca. A diversão da turma era gritar quando marcavam pontos nos vídeos. O último vídeo de jogos com pessoas em campeonato foi de Handebol, no qual a seleção brasileira feminina jogava uma final mundial contra o time da Sérvia. Algumas meninas da sala repetiram diversas vezes – “olha, é um jogo de meninas”.

[11:40h] perguntei para a turma se os jogos apareciam apenas em campeonatos. Não houveram respostas, então comentei que os jogos poderiam aparecer nos vídeos games, filmes, assim como poderiam ser jogados com amigos em casa. Então mostrei trechos de um jogo de futebol no vídeo game, novamente com personagens da seleção brasileira e seleção alemã. Em seguida mostrei um jogo de Basquete também no vídeo game, dessa vez contextualizando que os personagens representavam jogadores de outro país.

Depois disso, questionei a turma se os jogos de invasão apareciam em filmes ou animações, eles disseram que sim. Então falei que mostraria uma animação para eles e coloquei um vídeo de desenho animado no qual, um urso chamado Bernard tenta jogar Handebol. A turma se interessou bastante pelo vídeo e pediu para que eu deixasse até o final. Eles deram bastante risada, e ao final do vídeo perguntei qual jogo ele estava tentando jogar, e muitos responderam – “Handebol!”.

[11:45h] em seguida falei que os jogos de invasão também poderiam aparecer em propagandas de marcas para promover algum produto, e continuei dizendo que trouxe outra forma de animação, contextualizando que se tratava de uma produção de marca conhecida como “Nike”, e que foi feita para promover uma chuteira de futebol. Mostrei o vídeo, e mais uma vez eles pareciam estar bastante entretidos, pelo silêncio que fizeram para prestar atenção e assistirem atentos do início ao fim. E no final do vídeo retomei dizendo que a propaganda foi feita desta forma para prender nossa atenção e estimular com que compremos o produto.

[11:52h] Falei que mostraria mais um vídeo onde o jogo de invasão aparece em um filme, e perguntei se a turma conhecia o filme “Space Jam: o jogo do século” que tinha os “Looney Tunes” e o jogador de basquete Michael Jordan. Alguns disseram conhecer as personagens, porém não conheciam o jogador. Então passei um trecho do filme, mais uma vez eles estavam bastante atentos, e quando o jogador apareceu expliquei que ele é considerado um dos melhores jogadores de basquete do mundo.

ÚLTIMO MOMENTO DE AULA

[11:57h] Finalizei a aula, perguntando onde os jogos de invasão apareceram, e alguns responderam – “nos filmes, desenhos”, - “nas propagandas”. E com isso pedi para que pegassem seus pertences e formassem uma fila na porta de saída do auditório. E então

nos deslocamos até a área do refeitório descendo pela rampa junto com as outras turmas.

BEG20191T32RA07

Turma: 32

Alunos Matriculados: 31

Horário: 8h – 8:45h

Local: Ginásio poliesportivo, o qual possui regiões com pouca tinta e áreas descascadas com o cimento áspero aparente.

Clima: O dia estava com o tempo estável, os alunos pareciam estar bastante dispostos, os dois monitores assim como eu e o professor aparentavam estar também dispostos.

Professor: P1

Alunos Presentes: 25 alunos.

Data: 29/05/2019

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[8:05h] começamos a nos deslocar para o ginásio, passamos pelo caminho de entrada e saída dos pais e alunos que dá de frente para a quadra externa de Futsal, e seguimos para o ginásio pela lateral do prédio da escola. Durante o caminho, a aluna Maçã disse ao professor P1 que não poderia fazer a aula por conta das dores que sentia no peito, o professor perguntou se seus pais haviam colocado um bilhete ou papel na agenda avisando isto, ela perguntou – “que bilhete?” e o professor explicou que – “é um bilhete que o médico dá pra mostrar quando precisasse” e finalizou dizendo – “depois você me empresta sua agenda pra eu mandar um recado para os seus pais”.

Chegando na frente do ginásio o professor P1 abriu o portão e nós entramos, os alunos colocaram suas mochilas nas laterais da entrada, em frente às escadas que dão para a arquibancada. Logo depois foram se sentando em roda, alguns alunos antes de se sentarem começaram a correr pela quadra, chamei a atenção do aluno Avelã para que se sentasse junto a turma. Enquanto isso peguei a chave da sala de materiais com o professor P1, e fui buscar os materiais que seriam utilizados (coletes e bolas). Assim que peguei os materiais, devolvi a chave para o professor que estava sentado no banco perto da entrada e me direcionei para a roda que a turma havia formado, deixei os materiais no centro da mesma e me sentei com eles.

[8:08h] iniciamos uma conversa sobre o que foi visto na aula anterior (muitos disseram não ter ido a aula), os alunos falaram que fizeram a imitação dos esportes, neste momento um dos alunos fez uma expressão de desaprovação e disse “é, aquele jogo”, perguntei a ele se não havia gostado do jogo, ele respondeu que não, e continuei perguntando “mas porque você não gostou, tinha algo chato, o que era?”, porém ele não quis dizer e só disse que não queria ter feito. Então continuei a conversa com a turma perguntando – “e o que mais foi visto?”. O aluno Pêssego falou – “vimos os vídeos”, perguntei do que se tratavam os vídeos, a Moranga respondeu – “sobre jogos!”, um outro aluno continuou – “tinha um de vídeo game” e o aluno Tomate complementou – “é, era um jogo de ‘PES’ 2018”. Uma aluna disse – “teve desenho de basquete”.

Perguntei se eles lembravam do vídeo que era engraçado, demorou alguns segundos para que houvessem respostas e o aluno Goiaba tentava falar o nome da personagem – “sim! Era o... o... Berni... Berni?!”, e outro aluno disse – “isso! Aquele urso”, com isso complementei dizendo – “é, o desenho do urso Bernard, esse era o nome dele”. Logo após perguntei qual o jogo ele estava tentando jogar, e alguns alunos responderam – “futebol!” e questionei – “vocês têm certeza que era futebol?”, foi quando o aluno Melão disse – “não! Era handebol!”.

A turma conversava bastante nesse momento então pedi silêncio para que escutassem o colega falando, e assim que pararam de falar, pedi para que Melão repetisse sua fala, ele disse – “ele não tava jogando futebol, tava jogando handebol”. Então complementei o pensamento perguntando sobre as diferenças entre o futebol e o handebol e quem respondeu novamente foi o aluno Melão – “futebol é com o pé, handebol é com a mão”, eu confirmei dizendo que essa era a principal diferença.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

Após falar sobre os vídeos que vimos, perguntei se a turma lembrava do jogo que havíamos feito na última quarta-feira. A maioria da turma respondeu “pique-bandeira”, o aluno Pêssego falou – “a gente tinha que salvar uma pessoa” e eu questionei se esse havia sido o mesmo jogo. Alguns alunos disseram que não, o aluno Abacate falou que usamos a bola e eu perguntei o que tínhamos que fazer com a bola. A turma respondeu que era para levar até o outro lado, logo então falei que retomaríamos esse jogo e tentaríamos pensar em modificações que pudessem ser feitas.

[8:16h] feito isto, comecei a distribuir os coletes, durante esses momentos os alunos queriam escolher não receber o colete, então falei que se todo mundo escolhesse não teria como separar as equipes, e continuei. Depois perguntei se todos lembravam das regras, a aluna Cereja disse que não lembrava, e repassei algumas regras: para marcar o ponto é preciso levar a bola até a área laranja, porém tem que passar a bola para alguém primeiro; no campo do adversário só pode passar a bola para traz; e quando for pego, fica congelado e só pode sair quando for salvo.

Após isso, falei que aqueles que tivessem dúvidas e sugestões sobre o jogo poderiam me falar para que discutíssemos uma possível modificação no jogo. No momento em que eu disse para as equipes se separarem nos dois lados da quadra, vi a aluna Maçã parada com o colete na mão, e perguntei se ela iria participar. Ela disse que não podia participar por conta da dor no peito que ela sentia, então pedi para que ela ficasse sentada no banco ao lado do professor P1 observando jogo e pensando em sugestões para modifica-lo.

[8:18h] então iniciei a atividade. Alguns alunos tentavam fazer com que a bola chegasse ao outro lado, porém outros só corriam e tentavam não ser pegos avançando em direção a área laranja sem ter a posse da bola. As equipes ficaram um longo período tentando levar a bola, com os membros da equipe sendo pegos e congelados ou estando do outro lado da quadra, muito longe para poder ajudar. Neste momento o professor P1 que estava ao lado da aluna Maçã, sugeriu que eu perguntasse como eles fariam para que uma pessoa que não pudesse se deslocar no jogo, participasse efetivamente.

[8:23h] apitei e chamei o grupo para conversar. Com eles em pé, perguntei se alguém tinha alguma dúvida sobre o jogo, a maioria disse que não e outros não responderam. Comentei que muitos pareciam não ter entendido o jogo e estavam correndo e tentando fugir aleatoriamente. Com isso repassei o objetivo do jogo e, sanando uma dúvida que foi trazida pela aluna Moranga, demonstrei como deveríamos fazer para passar a bola. Então trouxe a sugestão do professor P1, perguntando para o grupo como faríamos para jogar com uma pessoa que tivesse que ficar parada no jogo, muitos disseram que descongelariam a pessoa, mas insisti dizendo que essa pessoa não poderia ser simplesmente descongelada com um toque de alguém. E uma aluna que estava na minha frente respondeu – “a gente passa a bola pra essa pessoa”, questionei se todos haviam escutado ela, e após pedir silêncio para a turma falei para que ela repetisse.

Perguntei se todos concordavam com a ideia, e as respostas foram em concordância. Sugeri que cada equipe colocasse duas pessoas congeladas no campo da equipe adversária e para fazer o ponto precisariam passar a bola por essas duas pessoas primeiro, eles concordaram com essa ideia também e escolheram os integrantes que

tomariam essas posições, na equipe vermelha foram Melão e Pêssego e na equipe amarela foram Goiaba e Moranga.

[8:25h] após isso reiniciei a atividade, este momento foi tumultuado pois os alunos corriam aleatoriamente de novo e as pessoas em posse da bola não demonstravam intenção de levar a mesma ao outro lado. Porém alguns minutos depois a movimentação aumentou, e se iniciaram tentativas de elaborar um jeito de conseguir passar pelo adversário, os alunos corriam tentando passar a bola para algum colega, porém não conseguiam fazer isso antes de serem pegos. Alguns alunos como por exemplo o Açaí e Tomate, interagem entre si, mas aparentemente sem foco no jogo, correndo pela quadra fugindo de pegadores.

Em um dado momento me aproximei da aluna Maçã e perguntei se ela tinha alguma sugestão para modificar o jogo, ela disse que sim. Observei o jogo por um certo tempo, e a equipe amarela havia conseguido marcar um ponto. Apitei para que recomeçassem e os alunos que estavam congelados trocaram com outros colegas, me direcionei para sentar ao lado da aluna Maçã e perguntei qual era a sugestão, ela me disse que as equipes poderiam deixar três pessoas protegendo a área laranja pra ficar mais difícil de os outros entrarem, nessa fala ela também sugeriu nomes de integrantes que cada equipe que poderiam realizar essa função. Aproveitei para perguntar aos monitores se eles tinham alguma sugestão de modificação, mas nenhum dos dois se pronunciou.

[8:30h] neste momento a equipa vermelha tentava levar a bola até a área laranja, assim como a equipe amarela que tentou, porém não passou a bola para os dois colegas congelados e o ponto não valeu. Após isso pedi para que Maçã se aproximasse do grupo junto comigo, e apitei para que nos reuníssemos, perguntei ao grupo o que eles achavam que estava difícil, e a aluna Moranga disse – “passar a bola pra traz”, o aluno Goiaba comentou – “ah eu fico lá parado e ninguém me descongela”, falei para ele se aproximar de mim para falar isso a turma, pedi silêncio ao grupo para escutar o colega, e ele falou de novo – “eu fico lá parado é só passar na minha frente com a bola e tocar pra mim, mas ninguém faz isso”.

Complementei a fala dele demonstrando o que ele tentava explicar, peguei a bola na mão e simulei uma corrida passando por um colega congelado e passei a bola para ele quando ele estava atrás. Perguntei se todos haviam entendido como fazia, porém a turma não estava prestando a atenção então pedi para que sentássemos em roda. Os alunos Melão e Abacate reclamaram de ter que sentar em roda dizendo – “ah... roda de novo?!”, então falei que era preciso fazer a roda para que pudéssemos conversar e prestar atenção nos colegas e dar continuidade para o jogo.

Pedi para a aluna Maçã que estava ao meu lado falar a sua sugestão, enquanto ela falava, uma outra aluna estava sentada em sua frente dentro da roda, pedi para que ela sentasse do meu lado para que todos pudessem ver e ouvir a colega falando, o aluno Goiaba pediu para a Maçã falar mais alto. E então ela falou sua sugestão de colocar três membros da equipe protegendo a área.

A aluna Cereja junto com os alunos Abacate e Tomate, começaram a bater palmas enquanto os colegas falavam, então perguntei – “quem pediu para bater palma? Os colegas estão falando”, adverti os três sobre esse comportamento, e usei essas ações como justificativa por passarmos tanto tempo roda dizendo – “a gente fica bastante tempo em roda, porque quando eu ou os colegas estão tentando falar sempre tem alguém atrapalhando, aí o tempo que poderíamos estar jogando eu preciso usar pra falar sobre esse comportamento que atrapalha a aula”.

Após isso continuei o assunto, dando a sugestão de que só quem estivesse com a bola na mão pudesse ser congelado, para que os demais ficassem mais livres para conseguir correr e receber a bola, a turma concordou com a ideia. Mas um aluno me questionou

– “mas como as pessoas vão proteger a área laranja se não dá pra congelar?”, respondi dizendo que colocando o corpo na frente a pessoa não conseguiria passar, demonstrei como eu faria para proteger a área laranja. Perguntei se a turma concordava em tentar essas modificações, e com a resposta positiva, pedi para que se levantassem e assumissem suas posições novamente.

[8:35h] O jogo reiniciou, o deslocamento entre as equipes aumentou consideravelmente, porém quem estava com a bola geralmente atraía mais pegadores em sua direção, dificultando o seu deslocamento, os alunos que eram pegos com a bola na mão ficavam congelados e devolvia a bola para o lado de sua equipe, e ficavam a espera de alguém para salva-los, a equipe amarela conseguiu passar com bola uma única vez.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[8:40h] então apitei para finalizar a atividade. Pedi para que nos sentássemos em roda para conversa sobre a presente aula, e perguntei se alguém tinha alguma sugestão para a aula. E o aluno Melão quis falar – “a gente podia jogar outra coisa né, só jogamos pique-bandeira”, então perguntei quais jogos poderíamos jogar, o aluno Abacate disse – “vamos jogar futebol!” e o aluno Melão continuou – “dá pra jogar handebol com essa bola, ou podemos jogar Frisbee, tem aquele campo ali do lado”.

Falei que a sugestão era muito boa, e enfatizei que esse momento de conversa depois da aula era muito importante que eles falassem para contribuir com a melhora das aulas. Comentei sobre o fato de poucas pessoas terem me procurado para falar sobre dificuldades do jogo ou coisas que achavam que deveria ser alterada, e esperava que mais pessoas falassem para que o jogo ficasse bom para todos.

E finalizei dizendo que suas ideias são consideradas como possibilidades para as próximas aulas. Enquanto eu falava os monitores recolheram os coletes dos alunos, e quando terminei pedi para se levantarem pegarem as mochilas para subir até a sala.

[8:45h] começamos a subir para sala e subimos pela escada por conta do tempo. Deixamos a turma na sala e com a chegada do professor substituto nos despedimos da turma.

BEG20191T32RA08

Turma: 32

Alunos Matriculados: 31

Horário: 10:30h - 12h

Professor: P1

Alunos Presentes: 30 alunos

Data: 04/06/2019

Local: Sala de aula, local com cadeiras dispostas em três grandes colunas com cinco fileiras de pares, uma coluna de cadeiras próxima a parede da porta de entrada, uma outra próxima a parede com janelas e a terceira localizada entre as duas anteriores. Todas viradas no sentido do quadro branco que em um dos lados fica está próximo da porta de entrada e do outro próximo a mesa da professora que está virada para as demais cadeiras dos alunos.

Espaço externo à escola, conhecido como campo de aviação, a cerca de 400 metros de distância sendo necessário passar por uma trilha de pequeno porte. No local há um campo de futebol de tamanho médio, com cercas ao redor e duas metas em cada extremidade. Externo ao campo existe uma quadra de vôlei de areia ao lado de três árvores de pequeno porte. Em outra lateral do campo, existe um espaço com duas metas, em uma distância de mais ou menos 25 metros entre as mesmas. Todo o solo do local é coberto por grama.

Clima: O dia amanheceu ensolarado com uma temperatura agradável. No momento da aula a temperatura estava um pouco mais elevada e haviam poucas nuvens no céu, houve uma

preocupação para que os alunos tomassem água antes de irem para o local da atividade. A turma aparentava estar animada para a aula.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[10:32h] entrei na sala de aula junto com o professor P1 e a estagiária Lima, neste momento a professora Pimenta estava em sua mesa organizando alguns materiais. Cumprimentamos a turma desejando um bom dia. A estagiária Lima se direcionou para sentar ao fundo da sala. O professor P1 pediu silêncio e disse para a turma que eu iria realizar a chamada e explicar a atividade da presente aula. O professor me entregou o seu celular para que eu realizasse a chamada, comecei a chamar os nomes e somente a aluna Uva havia faltado.

Após a chamada iniciei uma conversa com a turma sobre as aulas anteriores nas quais tratamos dos variados jogos de invasão que existem. Com isso perguntei quais os jogos que vimos nas aulas, muitos responderam – “futebol”, outros o basquete, handebol e alguns falaram do – “frisbee”. Continuei questionando sobre quais os espaços que poderíamos tentar praticar esses jogos e as respostas foram diversas passando pelo parquinho, praia e campo de aviação. Neste momento tentei incentivar com que eles pensassem em um desses jogos que falaram sendo praticado em um desses espaços que foi dito. Para isso, perguntei qual o jogo eles nunca haviam jogado, e o frisbee predominou nas respostas.

Então perguntei se eles achavam interessante experimentar esse jogo, alguns alunos falaram que já haviam jogado e outros alunos queria jogar futebol. E depois perguntei onde seria possível de jogar o ultimate frisbee, e a resposta foi quase unânime dizendo que a melhor opção seria o campo com gramado. A partir disso, tomei suas falas como proposta e iniciei um outro momento.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

[10:36h] falei que a ideia da turma era muito boa, e em tom animado fiz uma pergunta a eles: - “então vamos jogar frisbee no campo?”. No momento desta pergunta as respostas se dividiram: uma parte da turma gritou – “sim!!!” e outra parte gritou – “não!!!”. Aqueles que responderam positivamente estavam animados com a possibilidade da nova experiência, e os que responderam negativamente estavam desanimados porque a pratica não seria futebol.

Então questionei o grupo sobre suas experiências anteriores perguntando – “quem da turma já jogou ultimate frisbee?”, em resposta três meninas e um menino levantaram a mão. E depois perguntei – “quem já jogou futebol?”, e grande parte da turma levantou o braço em resposta positiva. Com isso eu continuei questionando o grupo – “você não acham mais interessante ter uma pratica de algo que quase ninguém fez pra todo mundo ter a experiência, do que fazer algo que todo mundo já fez e não vai ser algo novo?”. Muitos não se manifestaram, somente alguns que pareciam estar mais animados com a aula, como por exemplo o aluno Cacau, Goiaba, Pêssego, Moranga e Pinha.

Com a concordância da turma ficou definido que iríamos para o campo de aviação jogar o ultimate frisbee. Expliquei que a turma precisaria colaborar para que pudéssemos ter uma boa experiência na aula. Comentei sobre a trilha que precisaríamos fazer e que chegando nela teríamos que andar em uma fila única (um atrás do outro), e deveríamos escutar os professores quando eles chamassem.

[10:38h] Pedi para que eles formassem uma fila no corredor, mas antes que eles pudessem se levantar o professor P1 interferiu dizendo que – “quem não respeitar os combinados, não sairia da escola”, e a professor Pimenta comentou – “ah é bom você falar disso, sabia P1, porque eles vão ter uma saída na quinta-feira, e se alguns deles não se comportar você me fala, porque ai nem vai na saída também né”.

[10:40h] eu sai da sala e chamei a turma e pedi para formarem duas filas na minha frente, e também disse – “quem quiser ir ao banheiro ou tomar água, a hora é agora, lá não vai dar pra fazer isso?”, a aluna Laranja perguntou se podia levar a garrafa de água e eu falei – “sim, porém vocês vão ter que cuidar das garrafas, porque eu não posso cuidar pra todo mundo”.

[10:42h] assim que todos já haviam ido ao banheiro e tomado água nos deslocamos, descendo pela rampa, até a porta de entrada da escola. Saímos e caminhamos em frente ao Núcleo de Educação Infantil (NEI) que existe ao lado da escola, na frente do NEI atravessamos a rua e passamos por uma área de estacionamento chegando no terreno da Base Área da Aeronáutica, e começamos a nos dirigir para o início da trilha. [10:46h] começamos a adentrar a trilha, e no começo falei para os primeiros alunos logo atrás de mim que prestassem bem atenção quando eu dissesse algo pois eles deveriam repassar informações importantes para o resto do grupo.

No caminho fui avisando sobre obstáculos encontrados no caminho dizendo coisas como – “cuidado com o buraco a esquerda!”, - “atenção ao atravessar aqui!”, indicando a passagem sobre um pequeno córrego. Os alunos que estavam logo atrás de mim: Groselha; Laranja; Pinha e Goiaba repetiam literalmente tudo que eu dizia. No meio da trilha parei em um local no qual é possível avistar um campo extenso com estruturas brancas de ferro, e apontei com a mão para essas estruturas, explicando que se tratavam de metas do jogo Rúgbi que havíamos comentado em nossas aulas. Logo depois, avisei para os alunos que tomassem cuidado ao passar por galhos que estavam suspensos no caminho da trilha.

O aluno Cacau se queixou com os colegas, por eles estarem repetindo tudo o que eu dizia – “vocês estão repetindo tudo, é pra falar só o que é importante se não atrapalha”, a aluna Groselha respondeu em tom de riso – “mas tudo é importante!”, e o aluno Cacau respondeu – “não, não é, para de repetir tudo!”. Após essa fala interferi e pedi para que eles não repetissem tudo que eu disse pois isso prejudicava os colegas que estavam mais atrás para receber as informações.

[10:55h] cheguei ao fim da trilha que se encontra com um amplo espaço de grama ao lado de um campo de futebol, e adentrando neste espaço de grama pedi para o grupo sentar em círculo para organizarmos a atividade. Quando estávamos sentados, pedi silêncio algumas vezes e perguntei que sabia jogar ultimate frisbee, o aluno Melão falou – “é que nem futebol americano”, a aluna Maçã disse – “tem que pegar o disco assim e jogar assim pro outro” demonstrando como pegaria o disco com a mão e o movimento que faria com o braço para lançar o disco.

Muitos queriam falar ao mesmo tempo e então pedi silêncio e deixei que o aluno Pêssego, que estava com o braço levantado, falar – “eles passam a bola pra gente, daí o zagueiro tem que tacar pro outro lá na frente e ele chega na linha lá”.

Com essas falas procurei apontar algumas diferenças e semelhanças entre o ultimate frisbee e o futebol americano falando sobre o objeto utilizado em que um jogo utilizava a bola oval que já havíamos comentado em aulas anteriores e o outro usa um disco. Comentei também sobre a linha que o Pêssego citou, dizendo que no jogo ultimate frisbee era preciso passar o disco para que alguém do seu time pegasse o mesmo já dentro da área marcada pela linha pois a pessoa não poderia andar estando em posse do disco. E falei que assim como nos os outros jogos existiam pessoas que assumiam certas posições no campo como por exemplo o atacante.

Enquanto eu conversava com o grupo, o professor P1 foi conversar com as pessoas responsáveis por cuidar do campo que estavam por perto no momento em que chegamos lá. [10:58h] neste momento de roda a turma já estava bastante agitada e

aconteciam diversas conversas paralelas que atrapalhavam as falas dos colegas, assim como as minhas.

O professor P1 retornou dizendo que haviam liberado a utilização do campo para a atividade, mas que deveríamos nos concentrar no centro do campo, pois as regiões perto das metas haviam sido tratadas recentemente. Então nos deslocamos para dentro do campo e eu pedi para que reorganizássemos a roda rapidamente para iniciar o jogo. E perguntei como faríamos o jogo do ultimate frisbee naquele espaço, o aluno Açaí disse – “separa dois times e limita a quadra”.

[11:07h] seguindo a sugestão do aluno, eu pedi silêncio para o grupo comecei a distribuir os coletes para formar os times, os alunos mais uma vez se questionaram por receber o colete e outros por não receberem, e mais uma vez falei que não daria para que todos escolhessem. Após distribuir os coletes, peguei um colete amarelo e um vermelho, utilizei para determinar as linhas finais do campo do jogo onde seriam feitos os pontos e expliquei que cada equipe deveria chegar até o outro lado passando o disco e também impedir que o outro time fizesse isso.

[11:11h] então apitei para começar a brincadeira, assim que a primeira pessoa lançou o disco houve um acúmulo de pessoas em direção ao mesmo. O grupo estava concentrado perto do disco e foi preciso dizer que eles precisavam se afastar um pouco para conseguir receber o disco e marcar pontos. E o primeiro ponto veio com a equipe de colete, quando um aluno lançou o disco em uma grande distância e outro de sua equipe o pegou depois da linha imaginária demarcada pelo colete no chão. Durante os momentos da atividade eu mediava situações em que haviam desacordos como decidir quem teria pego o disco primeiro e se a equipe havia realmente marcado o ponto ou não.

Quando a equipe com colete conseguiu marcar o seu quarto ponto, a equipe sem colete se desanimou e os alunos Cacau e Tomate se afastaram do jogo indo sentar juntos perto da lateral do grande campo. Eu pedi para que as meninas da equipe deles fossem chama-los e tentassem convence-los a voltar.

Dei reinício ao jogo com o disco em posse da equipe sem colete, e quando essa equipe conseguiu pontuar, utilizei deste momento para motivar os alunos que se afastaram à voltar pro jogo, e quando se aproximaram de mim eu falei – “eu sei que vocês desanimaram por não marcar pontos, mas se vocês saírem fica mais difícil ainda, vocês têm que ajudar a equipe. O aluno Cacau se pronunciou dizendo – “tá bom, eu vou tentar!” e o aluno Tomate não se pronunciou, mas os dois voltaram a atividade.

O jogo acontecia de forma que alguém começava com o disco na mão para realizar o primeiro passe e após esse passe acontecia uma concentração de cerca de seis pessoas tentando pegar o disco no ar ou quando o mesmo caía no chão, a maioria das pessoas que disputavam eram meninos, e alguns alunos não iam de encontro ao disco.

Ao ponto de cerca de uns oito pontos marcados em jogo, se iniciaram algumas desistências. O aluno Tomate saiu do jogo chateado mais uma vez e se recusou a voltar quando tentei chama-lo. Algumas alunas, Caju e Cereja que se retiraram e sentaram perto da estagiária Lima, disseram não querer mais jogar, então falei que elas poderiam participar do jogo de outra forma que não fosse tendo que pegar o disco. E aluna Caju deu a ideia de ficar como torcedora, e junto com a aluna Cereja pegou os coletes que usavam e começou a torcer pelas equipes balançando os coletes no ar.

Outras meninas como a Groselha, Moranga, Ameixa e Laranja também se afastaram do jogo e [11:32h] e reclamaram com a estagiária Lima que os meninos nunca passavam o disco para elas, e sempre disputavam fortemente para pegar o disco, esbarrando forte nas meninas. Quando avistei que elas sentadas ao lado da Lima, me aproximei perguntando o porquê de eles terem saído do jogo e ouvindo esta queixa,

sugeri que elas pegassem o material alternativo que trouxe (bandeja de plástico para bolo) e jogassem juntos no espaço atrás delas. E então elas pegaram o material, e eu avisei que poderia ser mais difícil de jogar ele por conta de o material ser mais leve.

Ao me direcionar novamente para o jogo que estava ocorrendo, visualizei um lance no qual dois alunos (Avelã e Melão) disputaram entre si para pegar o disco e se esbarraram fortemente. Os dois caíram no chão e gritaram, então apitei e pedi para pararem. Me aproximei dos dois alunos para entender a situação a aluno Melão parecia estar sentido bastante dor na região lateral do tronco e o aluno Avelã se queixava de dores no braço. Pedi para que o grande grupo se afastasse para dar espaço aos dois, e pedi para que os dois se acalmassem para esperar a dor passar.

Os outros alunos se queixavam querendo de saber de qual equipe seria o disco, falei que isto não era importante no momento, que deveríamos nos preocupar com nossos colegas primeiro. Após verificar que eles estavam bem, reuni todos no centro do campo e o aluno Abacate pediu para fazer futebol, a aluna Cereja perguntou se tínhamos tempo livre.

[11:35h] como ainda haviam muitos alunos afastados do grande grupo, eu apitei e fiz um sinal, balançando acima da cabeça para traz e para frente, para chamar os demais alunos. Comecei falando que estava chateado pelo comportamento de alguns alunos que estavam próximos no momento em que os colegas se machucaram pois se preocuparam apenas com os pontos e de quem seria a posse do disco. E então pedi para que sentássemos em roda perto do professor P1 e da estagiária Lima para conversarmos sobre a aula.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

[11:44h] comecei o momento perguntando se alguém queria falar algo sobre a presente aula: sugestões, dúvidas, o que achou da aula. E o aluno Pêssego foi o primeiro a se pronunciar dizendo que o jogo ficou legal, a aluna Cereja falou – “estava legal antes de todo mundo entender porque ficou difícil depois e todo mundo se jogava no disco”. Com essa fala, questionei se os jogos não ficavam mais interessantes e legais quando a gente começa a entender o jogo, e alguns responderam que sim.

Neste momento o professor P1 falou que a turma precisava ser mais colaborativa para ouvir, dizendo – “hoje eu vou parabenizar o Pêssego, porque em todos os momentos estava ouvindo a explicação e depois se destacou na brincadeira”, dando ênfase ao momento de ouvir a fala do professor antes das brincadeiras e jogos para que o aluno entenda e não fique perdido durante o jogo.

Terminei a o momento falando sobre os pedidos de futebol e tempo livre, destacando que eu tive dificuldade de falar sobre a atividade nos momentos de roda e conversa, e acabava tomando muito tempo da aula. E fiz um questionamento para o grupo – “como vocês querem que eu dê tempo livre para vocês se quando eu peço tempo pra falar e para os colegas falarem, vocês não respeitam?”.

Com isso terminei a fala perguntando se alguém queria dizer mais alguma coisa, ninguém se pronunciou. [11:50h] falei que retornaríamos para a escola e que os mesmos combinados usados para chegar ali estavam valendo para a volta na trilha. Os alunos se levantaram e começaram a correr para saída do campo, chamei a atenção dos mais apressados e pedi para o grupo formar uma fila atrás de mim, e seguimos para a trilha.

No caminho uma moça com uma criança passou por nós no trecho próximo ao galho suspenso, alguns alunos se queixaram de estar com sede e falei que em poucos minutos já estaríamos na escola, ao chegar no fim da trilha seguimos até o estacionamento atravessando a rua para passar pela calçada em frente ao NEI, pois a rua estava com bastante movimento de carros e pessoas saindo do NEI e da própria escola. [12:00h]

adentramos a escola e subimos até a sala pela escada, chegando na sala pedi para que eles pegassem seus materiais e formassem uma fila no corredor novamente. Alguns alunos se queixavam de estar com pressa pois seu transporte para casa estar esperando, e falei que já iríamos descer assim que todos estivessem na fila. E quando todos haviam pego os materiais começamos a descer pela rampa junto com outras turmas. Chegando no espaço do refeitório me despedi da turma, me direcionando ao ginásio junto do professor P1 para guardar os materiais utilizados.

BEG20191T32RA09

Turma: 32

Alunos Matriculados: 30

Horário: 8h – 8:45h

Local: Sala de aula.

Professor: P1

Alunos Presentes: 27 alunos.

Data: 05/06/2019

Clima: A temperatura estava baixa, cerca de 18° celsius, o dia estava claro com algumas nuvens. Os alunos estavam animados para ter aula no ginásio.

PRIMEIRO MOMENTO DE AULA

[8:04h] buscamos a turma no refeitório e nos deslocamos para a sala de aula, subindo pela rampa junto com as demais turmas. Chegando na sala os alunos começaram a escolher o lugar onde iriam se sentar. Eu entrei na sala junto com o professor P1 que ficou do lado da porta, e me direcionei para a mesa de professor que fica ao lado do quadro branco e das janelas, de frente para os alunos. Alguns alunos como o Melão, Abacate e Açaí moveram as cadeiras e sentaram mais ao fundo, os três, um ao lado do outro. A aluna Maça me perguntou onde poderia sentar, e falei para que ela escolhesse algum lugar. Pedi para que a turma se apressasse e escolhesse os lugares.

O professor P1 se direcionou para o fundo da sala e sentou, e logo depois o professor Flamingo entrou na sala e se sentou ao lado dele. Foi preciso pedir também para que alguns alunos, como o Cacau e Pêssego que já haviam escolhido seu lugar, permanecessem sentados. As alunas que estavam sentadas perto da parede onde é a porta, me pediram para fechar as cortinas da janela por conta da luz forte do sol que entrava e atrapalhava sua visão. Então com a ajuda da aluna Moranga, eu fechei as cortinas.

[8:10h] após esse momento iniciei uma fala, sobre o término das minhas intervenções com essa turma. Dizendo que a presente aula seria a última que eu ministraria a eles. Perguntei à turma se eles lembravam do que eu havia dito na primeira aula que me apresentei, muitos disseram não lembrar e outros não responderam, então continuei lembrando que eu havia dito que daria um mês de aula para a turma, e alguns se expressaram – “ah é verdade”, e falei – “pois é, esse mês já passou”. E continuei dizendo que a presente aula seria para lembrarmos e registrarmos tudo que vimos e experienciamos sobre os jogos de invasão nesse mês de aula. Algumas conversas se iniciaram, e precisei pedir silêncio para continuar falando.

SEGUNDO MOMENTO DE AULA

[8:16h] perguntei se lembravam sobre os desenhos feitos em aulas anteriores, algumas alunas responderam que sim e outros alunos disseram que não, então busquei em minha pasta os desenhos que eles haviam feito em uma das primeiras aulas que tivemos. Mostrei alguns desenhos e perguntei – “vocês lembram disso?” indicando os papéis que possuía nas mãos. O aluno Cacau foi um entre vários que disse – “ah lembro sim!” e continuou – “eu desenhei um campo”. Pedi para que eles continuassem sentados e

em silêncio pois eu devolveria o desenho para eles olharem, fui devolvendo os desenhos chamando os nomes e me direcionando para entregar.

Após terminar de entregar o desenho, haviam alguns alunos, como por exemplo a Caju, que me chamaram para dizer que não tinham desenho, e respondi que isso não seria um problema pois teriam a oportunidade de fazer um desenho também. Neste momento perguntei para o grupo do que se tratavam esses desenhos que eles haviam produzido, e o aluno Goiaba falou – “o meu é a quadra que tem perto da minha casa”, logo depois a aluna Moranga disse – “é um lugar fora da escola” e o aluno Cacau comentou – “é, pra jogar o pique-bandeira”, eu continuei dizendo – “isso, esses desenhos são espaços que dá pra jogar o pique-bandeira”. Neste momento a estagiária do PIBID entrou na sala, e a aluna Cereja se levantou e correu em direção a ela para abraça-la, chamei a atenção de Cereja pedi para que ela se sentasse novamente.

Depois da fala do aluno Cacau, comecei a perguntar o que eles haviam desenhado de espaços para se jogar o pique-bandeira. Alguns disseram que desenharam o parquinho da escola e o ginásio. Neste momento comentei – “vocês lembram que disse na aula que fizéssemos esse desenho, que vocês teriam outro momento para terminar de pintar?”, algumas alunas responderam que lembravam, e continuei – “então... este é o momento”. Logo em seguida perguntei se alguém havia desenhado um espaço que era fora da escola, o aluno Cacau levantou seu desenho acima da cabeça e disse – “eu desenhei o campo”, e continuei questionando a turma – “quem mais desenhou um campo?”, e alunas como a Ameixa e a Kiwi levantaram a mão.

Após isso, questionei se haviam desenhado outros lugares, e o Tomate se manifestou dizendo que havia desenhado o terreno perto da casa dele que tinha um amplo espaço de areia, mas que estava em construção. A aluna Moranga relatou que desenhou a praia, e quando ela falou, muitos outros alunos se manifestaram dizendo – “eu também!”.

Após essa conversa, retomei para o assunto inicial sobre a presente aula, dizendo que teríamos uma atividade onde escreveríamos tudo que vimos sobre os jogos de invasão em nossas aulas, e continuei entregando um papel em branco para eles, dizendo que registraríamos essas informações nesse papel para que possivelmente pudéssemos deixar em algum lugar visível na sala ou no corredor da escola.

Comecei distribuindo os papeis entregando na mão dos alunos, e depois entreguei um bloco para os alunos que estavam sentados nas primeiras cadeiras e pedi para que pegassem uma folha e passassem as demais para os colegas que estavam atrás.

O aluno Goiaba que estava sentado na última cadeira da fileira do meio, reclamou de alguns alunos terem folhas a mais, expliquei para ele que não precisaríamos de mais de uma folha, e que os colegas na verdade estavam com a folha do desenho virada para baixo e outra folha em branco. E com isso, pedi para quem tivesse folhas a mais me devolvesse as que estavam sobrando.

Muitos alunos me perguntavam o que era para ser feito com a folha, e falei que eu já iria explicar assim que todos fizessem silêncio. Continuei dizendo que começaríamos escrevendo no papel os lugares onde é possível jogar o pique-bandeira, e assim que o grupo fosse terminando de escrever, eu diria qual a próxima coisa a ser feita. Comecei dizendo para que escrevessem seus nomes na folha. Houveram muitas perguntas em relação à em que local deveriam escrever o nome, então indiquei que escrevessem no canto da folha para terem mais espaço no momento de escrever as demais coisas.

Após isso retomei o assunto dos lugares onde era possível jogar o pique-bandeira dizendo que eles deveriam escrever no papel o lugar que haviam desenhado e outros lugares que achassem que fosse possível jogar. Alunos que faltaram a esta aula na qual produzimos os desenhos, me questionaram sobre o que fazer, eu disse que eles podiam escrever algum lugar que eles conheçam que dê pra jogar o pique-bandeira.

O aluno Cacau me pediu para que escrevesse “campo de futebol” no quadro pois ele não lembrava como escrever isso, então busquei uma caneta na gaveta da mesa de professor, e encontrei duas canetas azuis. Peguei uma para escrever, porém a mesma não funcionou e tentei a outra que funcionou, mas estava bem fraca soltando pouca tinta. Eu consegui escrever, no canto superior esquerdo do quadro branco, as palavras que o aluno pediu, porém muitos reclamaram de estar difícil de enxergar a tinta fraca. Me coloquei a procurar por outra caneta nas gavetas, mas não obtive sucesso. O aluno Pêssego se levantou e se aproximou de mim para dizer – “o professor, você pode escrever ‘parquinho’ no quadro?” e respondi – “posso sim!”, com isso, enquanto escrevia a palavra no quadro falei para a turma que se alguém quisesse que eu escrevesse alguma outra bastava me pedir.

Depois perguntei se todos já haviam escrito o local e a resposta foi positiva, observei que alguns alunos já estavam pintando seus desenhos. Então continuei dizendo que – “agora nós vamos escrever sobre os jogos que vimos e são considerados de invasão”, e continuei – “vocês lembram da aula que vimos as imagens dos esportes?”, e a aluna Groselha disse que lembrava e comentou – “a aula na sala de dança, aquele jogo de imitar” e eu respondi – “isso, nós jogamos ‘imagem e ação’ e cada grupo recebeu a imagem de um jogo. vocês lembram quais eram?”.

As respostas foram positivas e assim que os alunos iam falando o nome dos jogos eu fui escrevendo-os no canto superior direito do quadro: o aluno Goiaba falou – “futebol” levantando um dos braços apontando o dedo para cima; o aluno Melão que sentava ao fundo da sala disse – “handebol”; o aluno Cacau comentou – “o basquete”; a aluna Moranga disse – “futebol americano”; e o aluno Pêssego disse – “frisbee” fazendo um movimento que simulava o lançamento de um disco, e eu continuei – “isso o ultimate frisbee também” e comentei sobre o nome “frisbee” dado para o objeto usado nesse jogo, e reforcei que esse objeto era um disco.

Depois dessa fala, indiquei que eles escrevessem o nome desses jogos no papel e de outros que lembrassem, nesse momento a aluna Laranja se levantou e se aproximou de mim dizendo – “o Hóquei também é jogo de invasão, né professor, aquele do gelo”, eu respondi que também era. E com a fala dela, pedi silêncio a turma para que escutasse o que a colega havia me dito e pedi para que ela repetisse a fala. Depois que ela falou novamente eu complementei dizendo – “esse também é um jogo de invasão, a gente não viu nada sobre ele. Mas se vocês conhecem outros jogos de invasão, podem escrever no papel”.

Depois dessa fala caminhei pela sala observando o que os alunos estavam escrevendo e perguntando se já haviam terminado de escrever os nomes dos jogos, alguns alunos como a Romã exclamaram que ainda não tinham terminado, então eu disse que não havia problema e podiam continuar. Me direcionei para frente do quadro novamente e perguntei de novo – “todos já terminaram de escrever o lugar?”, e com a resposta positiva apaguei os locais que estavam escritos no quadro.

Mudei de assunto perguntando sobre o jogo que havíamos jogado diversas vezes nas aulas, o pique-bandeira. O aluno Cacau comentou que este estava chato, então perguntei o porquê disso e ele me respondeu – “é porque a gente só jogava isso, mas quando foi no parquinho, foi legal”, então questionei o porquê de o mesmo jogo ter sido legal e chato em locais diferentes e o aluno comentou que quando aconteceu no parquinho o jogo tinha “castelos”. O aluno Tomate comentou que no ginásio não dava pra fazer castelos e por isso era um pouco chato.

Após pedir silêncio, indiquei que eles escrevessem as mudanças que foram feitas por eles do pique-bandeira no ginásio para o jogo no parquinho. Houve dificuldade de compreender o que eu havia dito, então continuei falando – “vamos escrever sobre as

regras que mudaram, por exemplo pra que servia o bambolê?”, o aluno Pêssego pediu para explicar. Pedi silêncio para a turma mais uma vez, e o Pêssego falou que o bambolê servia para se proteger até conseguir chegar do outro lado.

Neste momento a aluna Cereja conversava, então chamei a atenção dela perguntando se ela havia escutado o que o colega Pêssego tinha dito, e ela respondeu que não, e continuei dizendo que era preciso prestar atenção no colega falando, pois quando ela fosse falar os colegas também teria que respeitá-la. Logo após, escrevi a palavra “bambolê” no quadro e disse para que eles pensassem nas outras mudanças que foram feitas no jogo e escrevessem sobre elas.

Assim que perguntei se todos já haviam escrito sobre as regras do pique-bandeira, alguns disseram não ter terminado ainda e me direcionei ao lado direito do quadro perguntando se eu poderia apagar o nome dos jogos e o aluno Cacau exclamou – “eu não terminei de copiar todos ainda” e o aluno Pinha exclamava apreensivo – “não professor, você não vai apagar isso, tira a mão daí, eu não terminei”. Falei que se haviam alguém copiando ainda eu não iria pagar.

Comecei a falar do último ponto da aula que era relacionado aos lugares onde os jogos de invasão estão presentes, perguntando se a turma lembrava da aula que tivemos no auditório. A maioria demonstrou lembrar comentando que vimos vídeos, e o aluno Goiaba comentou que vimos um vídeo da propaganda da Nike, o aluno Tomate falou que havíamos visto um jogo de vídeo game chamado “pes”.

Com essas falas eu disse que eles deveriam escrever esses nomes e vídeos que eles lembravam de ter visto naquela aula, então continuei questionando sobre os outros vídeos que havíamos visto. Conforme eles iam me falando, escrevia os nomes no centro do quadro abaixo da palavra “vídeos”, a aluna Groselha falou – “o vídeo daquele urso”, e complementei – “isso o urso Bernard, vocês lembram o que ele estava tentando jogar?” e alguns alunos responderam que sim, o aluno Cacau respondeu que o jogo era handebol.

TERCEIRO MOMENTO DE AULA

Neste momento os professores Flamingo e P1 chamaram a minha atenção em relação ao horário e ao olhar o relógio, marcava 8:47h, então fiz uma fala final dizendo que a atividade havia terminado e que não precisavam escrever mais nada. E continuei falando que esta havia sido nossa última aula e pedi para que me devolvessem os desenhos e o papel que haviam escrito as palavras, enquanto eu recolhia os papéis a professor de ciências estava na porta e esperando e os alunos começaram a repetir – “ciências...ciências” em forma de coro. Quando terminei de recolher os desenhos me retirei da sala me despedindo da turma.